UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

O refúgio na cozinha: como a integração da comunidade síria contemporânea configura uma São Paulo de saborosas portinhas.

Laís Rosatti Al Noufal

Tese apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Orientadora Profa. Dra. Maria da Penha Vasconcellos.

Área de Concentração: Saúde Pública.

Linha de Pesquisa: Saúde Ambiental, Modos de Vida e Sustentabilidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

São Paulo

2021

O Refúgio na Cozinha: Como a integração da comunidade síria contemporânea configura uma São Paulo de saborosas portinhas.

Laís Rosatti Al Noufal

Tese apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Orientadora Profa. Dra. Maria da Penha Vasconcellos.

Área de Concentração: Saúde Pública.

Linha de Pesquisa: Saúde Ambiental, Modos de Vida e Sustentabilidade.

Versão Revisada

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

Al Noufal, Laís Rosatti

O Refúgio na Cozinha: Como a integração da comunidade síria contemporânea configura uma São Paulo de saborosas portinhas. / Laís Rosatti Al Noufal; orientadora Maria da penha Vasconcellos. – São Paulo, 2021.

202 p.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2021.

1. Sírios; 2. Refugiados; 3. Integração cultural; 4. Culinária; 5. Cidade. I. Vasconcellos, Maria da Penha, orient.; II. Título.

Universidade de São Paulo

Janus

ATA DE DEFESA

Aluno: 6143 - 7896490 - 1 / Página 1 de 1

Ata de defesa de Tese do(a) Senhor(a) Laís Rosatti Al Noufal no Programa: Saúde Pública, do(a) Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Aos 27 dias do mês de agosto de 2021, no(a) realizou-se a Defesa da Tese do(a) Senhor(a) Laís Rosatti Al Noufal, apresentada para a obtenção do título de Doutora intitulada:

"O refúgio na cozinha: como a integração da comunidade síria contemporânea configura uma São Paulo de saborosas portinhas"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candidato para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Maria da Penha Costa Vasconcellos	Presidente	FSP - USP	Não Votante
Jose Ailton Rodrigues dos Santos	Titular	Externo	Aprovada
Franciroy Campos Barbosa	Titular	FFCLRP - USP	Aprovada
Rubens de Camargo Ferreira Adorno	Titular	FSP - USP	Aprovada

Resultado Final: Aprovada

Parecer da Comissão Julgadora *

Eu, Carolina Cardoso Bertoni Massucato, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(as). São Paulo, aos 27 dias do mês de agosto de 2021.

p/Jose Ailton Rodrigues dos Santos

p/Franciroy Campos Barbosa

p/Rubens de Camargo Ferreira Adorno

Maria da Penha Costa Vasconcellos
Presidente da Comissão Julgadora

* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A sessão ocorreu com todos os participantes de forma não presencial, conectados por meio do Google Meet.

A sessão secreta de julgamento ocorreu em outra reunião do Google Meet, apenas com os membros da banca presentes.

DEDICATÓRIA

Às mulheres mais importantes da minha vida: à minha avó Maria de Lourdes, à minha mãe Ana Maria e à minha filha Sarah, por quem tenho amor incondicional e gratidão sem limites.

À toda comunidade síria que se encontra refugiada no Brasil.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A você minha filha Sarah, amor da minha vida, por ser tão doce, amorosa e compreensiva em todos os momentos em que estive ausente. Dedico a você este meu legado.

À minha família, sempre presente, por tudo o que não posso expressar em palavras. Em especial aos meus pais, por toda a ajuda e por sempre me incentivarem aos estudos, participando da minha vida em cada detalhe.

Ao meu parceiro de vida, Basem, pela parceria; por todo o carinho, compreensão, colaboração e paciência durante esses anos de convivência.

À minha orientadora, profa. Dra. Maria da Penha Vasconcellos, por ser tão presente; por ter acreditado e confiado no meu trabalho, pela compreensão e paciência, por ter contribuído imensamente ao meu amadurecimento acadêmico, pelo aprendizado e por todas as contribuições que concedeu à minha pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 pelo apoio que possibilitou a realização desta pesquisa.

Às valiosas contribuições que as bancas de qualificação e de defesa proporcionaram à minha pesquisa, agradeço às profas. Dras. Arlene Clemesha e Deisy Ventura e aos profs. Drs. Rubens Adorno e Ailton Santos.

A todas as pessoas queridas que dedicaram seu tempo para me receber tão carinhosamente, por compartilharem comigo suas memórias e histórias de vida e pela importância que deram à minha pesquisa: Mohammed Barakat; Cacau; Márcio Felipe; Ricardo Guedes; Evelyn Raful; Wellington Sales; Abdulmalek Kabawa; Abdoulrahman Alsaied; Khaled Alkhabaz; Khaled Flihan; Ghazal Baranbo; Salsabil Matooq; Rahaf Alaseeri; Nabih Osman Mustapha; Hage Tarik.

Aos meus amigos e colegas de academia - e em especial a você, Bruna Angotti, por todo o incentivo e pela mão estendida que me permitiram chegar até aqui -; Katerina Volcov; Naira Juliani; Helena Oliveira; Lucas Scaravelli; Paulo Rafael; Douglas Silva; Bruno Rafael; Antonio Goes Neto; Luiz Flávio.

A todos os professores e professoras, funcionários e funcionárias da Universidade de São Paulo, sobretudo da Faculdade de Saúde Pública (FSPUSP) e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCHUSP) que fizeram parte da minha trajetória.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e se falhei em contemplar, minhas escusas e meus sinceros agradecimentos.

“Quando o árabe chega ao Brasil é turco; se abrir uma lojinha é sírio; depois de ficar rico é libanês.”

(Ditado popular)

RESUMO

AL NOUFAL, L. R. **O Refúgio na Cozinha:** Como a integração da comunidade síria contemporânea configura uma São Paulo de saborosas portinhas. 2021. Tese - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2021.

Introdução: Desde a ocorrência das imigrações pioneiras de sírio-libaneses cristãos há mais de cem anos, entre estancamentos e novas diásporas imigratórias de libaneses muçulmanos nos liames da Segunda Guerra, o Brasil se tornou o país que possui a maior comunidade libanesa fora do Líbano e foi o país da América Latina que mais recebeu sírios refugiados na esteira da Primavera Árabe, a partir de 2011. **Objetivo:** Compreender como a estratégia alimentar (plasmada em língua portuguesa com o uso da palavra “portinha”) se torna uma forma de conexão desses sírios refugiados com o país de destino. **Método:** Pesquisa utilizando-se do método etnográfico. Revisão bibliográfica; levantamento de dados de fixação comercial; uso de serviços públicos; localização urbana; aproximação e observação diretas; registros etnográficos e entrevistas semiestruturadas. **Resultados:** A maior parte desses refugiados se estabeleceu na cidade de São Paulo. Foram analisados fatores como a dificuldade no aprendizado do idioma falado no país de destino; a vantagem de se conseguir um trabalho onde se pudesse compreender e ser compreendido no idioma pátrio em uma determinada região da cidade; a abusividade nas relações de trabalho entre conterrâneos já estabelecidos e recém-chegados; as burocracias e obstáculos a serem transpostos tanto no âmbito do setor público quanto no privado e a ausência de políticas públicas capazes de atender às demandas desse grupo de referência que apesar das vulnerabilidades pode e deseja contribuir. **Considerações finais:** Frente às dificuldades apresentadas, novas configurações dos modos de vida foram estabelecidas e, nesse contexto, a culinária se tornou – por opção, ou por necessidade – o primeiro ponto de integração de culturas na cidade e a conexão desses sírios refugiados com o país de destino através de estratégias alimentares.

Descritores: sírios refugiados; modos de vida; cidade.

Palavras-chave: integração cultural, sírios refugiados, culinária.

ABSTRACT

AL NOUFAL, L. R. [The Refugee in the Kitchen: how the integration of the contemporary Syrian Community sets a São Paulo of tasty *portinhas*]. 2021. [PhD Thesis - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Portuguese.

Introduction: Since the beginning of the pioneer immigration of the Christian Syrian Lebanese, occurred more than a century ago, among the stagnation and new diaspora migration of the Lebanese muslims in the bond of the Second World War, Brazil has become the country with the largest number of Lebanese outside Lebanon, and it was the Latin American Country that has been welcoming Syrian refugees in the track of the Arabic Spring since 2021. **Objective:** To understand how the cuisine strategy (depicted in Brazilian Portuguese with the word *portinhas*, front doors, mostly made as flush doors with entryway by the stairs) has been becoming a way of connection of these Syrian refugees with the country of destination. **Method:** Research using the ethnographic method; bibliographic review; data collection of the commercial attachments, use of the public services; urban localization; approximation and direct observation; ethnographic records, and semi-structured interviews. **Results:** Most of these refugees settled themselves in the City of São Paulo. Some factors were found such as the difficulty of learning the spoken language of the destination country; the advantage of getting a job where to understand and be understood in their native language in a specific region of the city; the abuses related to jobs among the people from the same country already settled and the newcomers; the bureaucracies and obstacles to be transposed as much in the public as in the private sector, and the absence of public policies able to meet the demand of this group of reference, that despite its vulnerability can and wish to contribute. **Final Considerations:** In face of the presented difficulties, new configurations of the way of life were established, and in this context, the cuisine became – by option or necessity – the first key integration point of cultures in the City and the connection of these Syrian refugees with their country of destination through food strategies.

Descriptors: Syrian refugees; way of life; city.

Keywords: Cultural integration; Syrian refugees; cuisine.

Lista de Figuras

Figura 1. Mapa da divisão do Império Romano em 395 d.C.....	24
Figura 2. Mapa da faixa ocupada pelo Império Otomano após o declínio do Império Romano Oriental.....	25
Figura 3. Mapa da área correspondente à Grande Síria	26
Figura 4. Dom Pedro II sobre camelo em sua primeira viagem ao Egito (1871)	34
Figura 5. O imperador Dom Pedro II e as pirâmides do Egito (1871).....	35
Figura 6. O mascate, de Firmino Monteiro (1884), pintor e tipógrafo. Artista negro, de origem modesta, exerce inicialmente os ofícios de encadernador e caixeiro.	43
Figura 7. Gravura de Henry Chamberlain (1822) Um Mascate e seu Escravo.....	45
Figura 8. Vista do Rio Tamanduateí com o Mercado Municipal ao fundo.....	54
Figura 9. Ponte sobre o Rio Tamanduateí, no fim da Ladeira do Carmo com a Rua 25 de Março, década de 1920.....	55
Figura 10. Mapa da Grande Síria dividida por protetorados após o Acordo de Sykes-Picot (1916).....	66
Figura 11. Mapa da Grande Síria e sua divisão étnico-religiosa.....	67
Figura 12. Cartografia da pesquisadora para localizar as portinhas na cidade de São Paulo.....	86
Figura 13. Placa da Praça Benemérito José Brás.....	92
Figura 14. Praça Benemérito José Brás.....	93
Figura 15. Largo do Brás.....	94
Figura 16. Igreja Bom Jesus de Matosinhos.....	96
Figura 17. Vista do fluxo a partir do Viaduto Rangel Pestana.....	97
Figura 18. Comércio ambulante nos entornos da estação Brás do Metrô.....	100
Figura 19. Ambulantes com seus carrinhos no Largo da Concórdia.....	101

Figura 20. Camelôs com suas lonas estendidas com diversos produtos à mostra ao longo da Avenida Celso Garcia.....	102
Figura 21. Fluxo de transeuntes, sacoleiras e vendedores ambulantes na Rua Maria Marcolina.....	103
Figura 22. Ambulantes se dispersam com suas lonas.....	105
Figura 23. Ambulantes retornam aos seus lugares após a passagem do “rapa”	106
Figura 24. Blitz policial no cruzamento da Rua Barão de Ladário.....	108
Figura 25. Associação Religiosa Beneficente Islâmica do Brasil (Mesquita do Brás).....	111
Figura 26. Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil (Mesquita do Pari).....	112
Figura 27. Mesquita do Pari. Primeiros homens que chegam para o <i>Salat</i> da sexta-feira.....	121
Figura 28. Mesquita do Pari. O espaço do mezanino é destinado unicamente às mulheres.....	122
Figura 29. Homens durante o <i>Salat</i>	123
Figura 30. Homens orando na parte externa da mesquita durante o <i>Salat</i>	124
Figura 31. Como são montados e dispostos os shawarmas de frango e de carne.....	127
Figura 32. Aboud apresenta seu <i>shawarma</i> de frango.....	128
Figura 33. Mesa posta com pratos feitos por Ghazal Baranbo.....	130
Figura 34. Mesa posta com pratos feitos por Salsabil Matooq.....	131
Figura 35. Khaled apresenta seus doces na fábrica da família, instalada na Turquia.....	137
Figura 36. Fachada da loja Doce do Oriente.....	138
Figura 37. Vitrine de doces variados.....	139
Figura 38. Harisse que Khaled relatou ter entregue em mãos para Erdogan.....	140

Figura 39. Bandeja de doces.....	141
Figura 40. Fachada da portinha do Aboud.....	144
Figura 41. Aboud preparando o <i>shawarma</i> de frango.....	145
Figura 42. Fachada da portinha do Khaled.....	148
Figura 43. Khaled com seu traje de chef durante o preparo do <i>shawarma</i>	149
Figura 44. <i>Esfikas</i> de carne feitas pela família de Abud.....	151
Figura 45. Doces variados feitos por Abud e sua família.....	152
Figura 46. Ghazal trajada com belas combinações de <i>hijab</i> e <i>abaya</i> , apresenta seus salgados árabes.....	155
Figura 47. Ghazal representa a culinária síria em evento.....	156
Figura 48. Bandeira da Síria na entrada da casa de Ghazal.....	157
Figura 49. Salsabil Matooq faz uma pausa para a foto.....	160
Figura 50. Retrato de Salsabil visto a partir do Minhocão.....	161
Figura 51. Selfie com Rahaf.....	164
Figura 52. Portinha do Hussam.....	177
Figura 53. Fachada da nova portinha do Aboud após a ampliação.....	179
Figura 54. Balcão do bar.....	182
Figura 55. Uma especialidade inovadora na cozinha síria: “ <i>kibe</i> de espinafre” feito por Salsabil Matooq.....	185
Figura 56. Talal e Ghazal abrem as portas de sua casa para receber brasileiros.....	192
Figura 57. Marmitas árabes variadas que Ghazal prepara em sua casa.....	193
Figura 58. Marmitas árabes feitas em casa por Salsabil.....	194
Figura 59. Mural Brasil-Líbano.....	197

SIGLAS

ACNUR	Agência da ONU para Refugiados
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
ARBIB	Associação Religiosa Beneficente Islâmica do Brasil
AVCB	Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros
AVS	Auto de Vistoria de Segurança
CAMI	Centro de Apoio e Pastoral do Migrante
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CPD	Centro de Processamento de Dados
CRAI	Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes
FFLCHUSP	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP
FSPUSP	Faculdade de Saúde Pública da USP
GPS	Sistema de Posicionamento Global
ICARABE	Instituto da Cultura Árabe
JUCESP	Junta Comercial do Estado de São Paulo
MRE	Ministério das Relações Exteriores
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
SUS	Sistema Único de Saúde
TI	Tecnologia da Informação
UBS	Unidade Básica de Saúde
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

Introdução.....	18
1. Alinhavo histórico.....	23
1.1. As primeiras migrações.....	23
1.2. A diáspora ao Novo Mundo e o movimento imigratório árabe rumo ao Brasil: “O fazer a América”.....	31
1.3. Nem todos eram turcos.....	37
2. Os mascates.....	41
2.1. Um elo social e econômico.....	41
2.2. Deitando raízes em terras brasileiras: entre seringueiras, cafezais e minérios.....	48
2.3. As primeiras colônias sírio-libanesas na capital paulista.....	52

SEGUNDA PARTE

3. Entre Guerras, diásporas e desarrimos.....	62
3.1. Tramas da 1ª Guerra Mundial.....	62
3.2. Tramas da 2ª Guerra Mundial.....	68
3.3. Tramas contemporâneas.....	71
4. Uma São Paulo de saborosas portinhas.....	79
4.1. O percurso metodológico e a costura do campo: um enfoque etnográfico.....	79
4.2. Brás: uma Babel paulistana.....	91
4.3. Comida como arte de tecer memórias e narrativas na cozinha.....	116
5. Considerações finais.....	188
5.1 E onde estão esses refugiados sírios agora?.....	191
5.2 Limitações da pesquisa.....	195
5.3 Para que a vida continue por aqui.....	195
6. Referências bibliográficas.....	198

Introdução

A invasão e a conquista de territórios e nações são práticas muito antigas e datam desde os primórdios da humanidade, culminando numa relação de conquistadores-conquistados, que direcionam e narram a história quase invariavelmente a partir da perspectiva do mais forte – ou de quem relatou primeiro. Toda literatura encontrada e levantada para compor a primeira parte desta pesquisa foi escrita por imigrantes sírios ou libaneses que chegaram ao Brasil a partir da segunda metade do Século XIX (ou por seus descendentes) em sua maioria cristã, e que formavam uma corrente majoritária. Isso explica porque no período em questão imigraram¹ para o Brasil mais sírio-libaneses² cristãos do que não-cristãos.

Esse contexto se inverte no decorrer da Segunda Guerra Mundial – décadas após a ocorrência das imigrações pioneiras - quando há uma nova onda imigratória árabe de maioria muçulmana, que narra uma outra face da história e da diáspora, e que ocorreu pela perda do ideário de unidade árabe devido às intervenções europeias nas políticas internas que passaram a favorecer então os cristãos em detrimento dos muçulmanos. Ao chegarem ao Brasil, embora houvessem encontrado uma comunidade árabe já constituída, não se identificavam com ela e a ela também eram estranhos. Esse movimento iniciou a formação de novas colônias de muçulmanos árabes no país.

Após anos de estancamento imigratório, sucedendo a revolta de Jasmim iniciada em 2010 na Tunísia, a Primavera Árabe se alastrou por vários países do Oriente Médio, perdurando, sobretudo na Síria a partir de 2011 – onde se instaurou uma guerra civil. Ocorre então um deslocamento forçado de sírios muçulmanos em nível global e que também rumou ao Brasil. Não cabe aqui o desdobramento do tema a fim exaurir o assunto ou tomar partido de uma linha confessional em detrimento de outra, mas tão somente evocar em uma breve análise os diferentes olhares que se cruzam no tempo e

¹ Os termos “emigração”, “imigração”, “migração”, bem como “emigrante”, “imigrante”, “migrante”, que surgirão no decorrer do trabalho estão inseridos nos textos exatamente da forma como foram mencionados por seus autores na literatura temporal. Optei por não me deter ou tornar minuciosas tais diferenciações terminológicas de cada período estudado a fim de não adentrar ou aprofundar em questões jurídicas das legislações vigentes nas respectivas épocas.

² Optei usar o termo “sírio-libaneses” até certo ponto da pesquisa porque no período em questão, o território era unificado e chamado de “Grande Síria”. Com a partilha do território - que se verificará ao longo da pesquisa – os Estados se tornaram autônomos e cada qual adquiriu a nacionalidade correspondente.

no espaço e que podem contribuir na compreensão do presente, diferenças e semelhanças encontradas no passado.

Esta pesquisa³ foi dividida em duas partes: A primeira parte corresponde ao primeiro e segundo capítulos. O primeiro capítulo aborda o panorama histórico envolto pelo domínio Otomano que favorecia mais aos muçulmanos em detrimento dos cristãos e que alavancaram a imigração em massa de sírio-libaneses cristãos ao Brasil. Trata também do empenho de D. Pedro II em estimular as imigrações do Oriente Próximo tanto como uma política pública receptiva própria de um país miscigenado como o Brasil, mas também acenando à necessidade de suprir com a mão-de-obra imigrante a recente abolição da escravatura no país. Refere-se ainda sobre os motivos que levaram a se perpetuar no linguajar popular dos brasileiros o estigma do “turco”, atribuído aos sírio-libaneses recém-chegados.

O segundo capítulo, trata da integração do sírio-libanês com a cidade através da figura do mascate e de sua importância enquanto elo econômico e social que tinha o objetivo de conectar o campo à cidade suprimindo suas necessidades e vaidades nos três principais ciclos do país nesse período: o da borracha, do café e dos minérios. Discorre sobre a constituição das primeiras comunidades árabes que começaram a progredir no país e que passaram de mascates a vendeiros, de vendeiros a comerciantes e de comerciantes a poderosos industriais.

A segunda parte corresponde ao terceiro, quarto e quinto capítulos. O terceiro capítulo aborda as imigrações alavancadas pelas duas grandes Guerras Mundiais e do novo contexto migratório que ocorreu tanto por parte daqueles considerados desertores do exército otomano como também do sírio-libanês muçulmano, que via truncado seu ideário de unidade árabe pelas constantes intervenções das potências europeias no Líbano e que agora faziam o movimento contrário, favorecendo mais os cristãos em detrimento dos muçulmanos – que também rumaram ao Brasil.

Trata também do contexto sírio em particular e dos constantes golpes militares que levaram ao poder já na década de 70 a ditadura de Hafez Al-Assad e posteriormente a ascensão de seu filho Bashar Al-Assad, que se encontra no poder até o momento. Traz um breve delineamento da sequência de Levantes que impulsionou a Primavera Árabe

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

na Síria e expõe, ainda, em breve análise, as insatisfações e insurgências da população pelas liberdades democráticas e pelo fim da corrupção na Síria - que se tornou palco das atrocidades que geraram a maior onda de deslocamentos forçados do mundo desde a Segunda Guerra Mundial e que fizeram do Brasil o país de destino de milhares sírios na condição de refugiados – grande parte concentrada na cidade de São Paulo.

O quarto capítulo apresenta como se formou a mancha urbana na medida em que essa população se apropria da cidade de São Paulo e os percursos metodológicos que delinearam e penetraram nessa mancha. Também discorre sobre a importância do Brás como um lugar-chave para essa leva de sírios refugiados que chegam; da importância atribuída ao uso do espaço religioso e como se integram, na medida em que suas “portinhas”⁴ se espalham pela cidade. Disserta, ainda, sobre a necessidade que têm de contribuir, de se incluir, de se integrar com o lugar e de que maneira, a partir do alimento, conseguem criar elos com as pessoas, com serviços públicos de saúde, de educação, de assistência e como, fazendo o que se sabem fazer, conseguem se integrar socialmente na cidade que os acolhe. Por fim, o sexto capítulo se dedica às considerações finais.

A escolha do tema deste estudo deve-se ao cenário de deslocamento forçado de civis sírios em nível global e da necessidade de se reconfigurarem frente a uma realidade antes não vivenciada na terra de origem. Embora o Brasil não fosse inicialmente a rota preferencial desse grupo, foi o país da América Latina que mais acolheu sírios refugiados na esteira da Primavera Árabe, já que o Brasil tem por tradição não fechar suas portas àqueles que chegam, sendo, inclusive, o país que possui a maior comunidade libanesa fora do Líbano. Na medida em que portinhas de comida árabe se espalhavam pela cidade, formavam uma espécie de mancha. E o desafio da pesquisa foi delinear essa mancha e localizar esses refugiados a partir de seus estabelecimentos comerciais. Para tanto, recorreu-se aos dados obtidos através da Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP).

O objetivo central deste estudo foi compreender como a estratégia alimentar se torna uma forma de conexão de sírios refugiados com o país de destino. Os objetivos específicos deste estudo foram compreender, de que maneira, os sírios refugiados tem se

⁴ Assim são chamados os pontos comerciais pelos próprios colaboradores da pesquisa e será aqui utilizado como categoria nativa ao longo desta tese.

reconfigurado na cidade de São Paulo; analisar quais as diferenças e semelhanças deste processo de deslocamento atual em relação aos processos que envolveram deslocamentos anteriores; analisar como ocorre a interação entre refugiados contemporâneos com conterrâneos (ou seus descendentes) de fluxos migratórios anteriores; averiguar como certos meios de sobrevivência se tornaram – por profissão ou por necessidade - o primeiro contato que passa a integrar culturas na cidade.

Além disso, verificar, dentro dos processos de reconfiguração e em uma perspectiva analítica, se ocorrem ou como se mantêm os vínculos de refúgio entre os que ficam no país de origem com os que dele se evadem e como novos vínculos são formados no país de destino; compreender as facilidades e as dificuldades encontradas no país receptor, bem como os arranjos que são realizados no âmbito do cotidiano; averiguar quais os pontos que permeiam fatores como a hospitalidade, a tolerância e a aceitação condicional desses sírios refugiados.

Foram as perguntas norteadoras para alcançar os objetivos desta pesquisa: Quais as diferenças e semelhanças do deslocamento contemporâneo de sírios em relação aos deslocamentos anteriores? Como se formou a mancha? Como as portinhas se tornaram um meio de integrar sírios na cidade? Quais as maiores dificuldades enfrentadas no país de destino e de que maneira ocorrem os arranjos cotidianos desse grupo de referência para enfrentá-las? Como se formam e como se mantêm os vínculos de refúgio? Como as estratégias alimentares são capazes de conectar aquele que chega com o país de destino?

Para viabilizar esta pesquisa, buscou-se investigar como os processos que envolvem os deslocamentos globais são capazes de produzir novas lógicas de apropriação e de integração na cidade e que conseqüentemente implicam em reconfigurações desse grupo. Para tanto, introduziu-se como referencial teórico e analítico o método etnográfico. Foram realizados levantamentos bibliográficos e de dados de fixação comercial; uso de serviços públicos; localização urbana; aproximação e observação diretas e entrevistas semiestruturadas.

Devido à escassez de literatura sobre o assunto e a complexidade do contexto que envolve o conflito na Síria - uma vez que ainda é fluente – a fim de dar um panorama geral do conflito foram consideradas as conversas informais que ocorreram no decorrer da pesquisa além de outras fontes da internet – que é uma verdadeira aliada no mundo globalizado e na era digital e tecnológica em que vivemos. A história

biográfica também foi considerada, sobretudo no que tange às experiências individuais e coletivas desse grupo de referência e de como as atividades inter-relacionadas compõem suas percepções cotidianas em interação com a cidade, suas vivências e suas memórias.

PRIMEIRA PARTE

1. ALINHAVO HISTÓRICO

1.1. As primeiras migrações

Com a divisão do Império Romano – que passou a ser a Capital do Mundo Ocidental - e o estabelecimento de uma segunda Capital em Constantinopla, sob a égide do Governo Bizantino – que passou a ser a Capital do Mundo Oriental – surge a concepção de dois Mundos distintos: o Oriental e o Ocidental. O Império que despontou com o surgimento do Islam no século VII teria contribuído para maior distinção ente esses dois Mundos, aprofundando as divergências entre cristãos e muçulmanos. (SAFADY, 1972).⁵

⁵ Sabe-se que o Mundo Árabe foi o berço de três grandes religiões monoteístas: O Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo; todas permanecem socialmente vivas e ativas com suas seitas em todos os países árabes. Dada a sua importância e a fim de estabelecer o fio-condutor que delineia alguns aspectos da pesquisa no que tange ao sectarismo sócio religioso, serão mencionadas algumas linhas confessionais que apresentaram maior relevância no contexto estudado, sem o devido aprofundamento, uma vez que há vasta literatura que já se desdobrou sobre as características, semelhanças e diferenças de suas instituições.

Figura 1. Mapa da divisão do Império Romano em 395 d.C.

Extraído de: DUBY (1987)⁶

Para SAFADY (1972), enquanto o Império Árabe Muçulmano emergia e se desenvolvia acentuadamente expandindo conhecimento em todos os campos da ciência e da cultura, a Europa - que vivia fora desse domínio - estava estagnada na ignorância e nas densas sombras de seu medievalismo e foi apenas através da aproximação dos Mercadores de Veneza e das Cruzadas com os árabes do Islam, que se possibilitou o abeiramento cultural e consequente Renascimento Europeu. Durante esse período, o Império Árabe Muçulmano cedia espaço às invasões mongólicas e simultaneamente se constituía e robustecia o governo turco.

Com a queda de Constantinopla em 1453, o domínio turco que avançava desde 1292 e que estabeleceu o Império Otomano com a vitória de Osman I, estendeu-se por três continentes, ocupando parte da Europa, Ásia e África. (SAFADY, 1972).

⁶ Império Romano no ano de 395. DUBY, Georges. "Atlas historique, Paris: 1987. P.34 Apud APOLINÁRIO, Maria Raquel (Edit. Resp.) Projeto Araribá: História. 6º Ano. São Paulo, Moderna, 2007. P. 221. Disponível em: <<http://historiapublica.blogspot.com/2009/05/divisao-do-imperio-romano.html>>. Acesso em: 31/01/2020.

Figura 2. Mapa da faixa ocupada pelo Império Otomano após o declínio do Império Romano Oriental.

Extraído de: Forbes of Fifth.⁷

Para DOUN (1944), a decadência do Império Árabe que determinou a invasão turca e consequente estabelecimento do Império Otomano, ocorreu mais do que por qualquer outro motivo, devido à desagregação, dissensões e lutas internas, onde os próprios califas e líderes árabes - em razão de suas próprias rivalidades - acabaram contribuindo de alguma maneira para derrocada do Império.

Dentro das fronteiras Otomanas que se estenderam pelo continente asiático, o delineamento se detém neste capítulo sobre o território que no período era unificado e identificado como Grande Síria, abrangendo o próprio território que atualmente corresponde à Síria, mas também outros territórios que atualmente correspondem ao Líbano, Palestina, Jordânia e Iraque. A região compreendida pela Grande Síria pode ser observada no mapa a seguir:

⁷ Disponível em: <<https://www.forbes5.pitt.edu/article/identity-and-narrative-conflict>>. Acesso em: 31/01/2020.

Figura 3. Mapa da área correspondente à Grande Síria.

Extraído de: Brigham Young University⁸

Com o domínio do Império Otomano, os muçulmanos, que antes oprimiam os cristãos, encontravam-se agora também na condição de oprimidos. No entanto, não se arrependiam da sua conduta precedente e como consequência, os cristãos se tornaram duplamente oprimidos. O saneamento básico era ineficiente, o ensino era péssimo e a lavoura ainda pior. O governo turco, que não ajudava os camponeses em nada, extorquia absolutamente tudo e, embora os impostos fossem cobrados no montante de 10% -, eram colocados nas zonas rurais em concorrência pública, fazendo com que usurários entrassem na competição com trapaças várias para assegurar a tarefa, pois, depois de empossados, mediante extorsões condescendentes do Governo, os decimais praticamente quadruplicavam.

Esses tratos eram dispensados tanto à minoria cristã como à maioria muçulmana. Contudo, apesar do domínio que recaía sobre ambos, quando os turcos se apossaram da Síria bem como de toda Península Arábica, o Sultão se tornou califa do Islam, o que

⁸ Disponível em: <<https://contentdm.lib.byu.edu/digital/collection/Civilization/id/641/>> Acesso em: 31/01/2020.

naturalmente favorecia muito mais os muçulmanos do que os cristãos, reforçando o predomínio daqueles sobre estes. (DOUN, 1944).

Antes do século XIX, a Síria e o Líbano estavam sob o regime feudal. Até o século XVII os senhores feudais preservavam suas terras como premissa para prover serviço militar ao Sultão da Turquia – serviço esse que mais tarde tornou-se uma exigência tributária. O líder da província era uma autoridade da Coroa Turca, a qual devia tributos. Em compensação, tinha a vantagem de escolher seus próprios lançadores de impostos, que extorquiam tanto quanto podiam da população e os feudatários inferiores - que geralmente eram nobres ou líderes religiosos - também exploravam províncias menores. Os servos do feudo que viviam em pequenas aldeias eram impiedosamente extorquidos e deviam muitos tributos aos seus senhores imediatos, além de quando convocados, estarem também sujeitos ao serviço militar. (KNOWLTON, 1960).

DOUN (1944) refere, de outro lado, que os turcos se mostravam ao mesmo tempo tolerantes ao elevar aos mais altos postos civis e militares do Império, árabes e armênios, sem distinguir muçulmanos de cristãos, além de admitir jovens árabes na escola militar superior. Também não tornaram obrigatório o ensino do idioma turco, prevalecendo o idioma árabe em virtude do Corão. Importante ressaltar que SAFADY (1972) também corrobora com o fato de que o Império Otomano sendo islâmico era culturalmente arabizado, valendo-se inclusive, da grafia árabe. Somente muito tempo depois, com o esfacelamento do Império Otomano e sob o comando de Kamal Atatürk é que esta foi substituída pela latina.

Do mesmo modo, KHATLAB (2015) relata que quando o islamismo formou o *Dar al-Islam*⁹ todas as minorias religiosas eram regidas pelo *dhimma*¹⁰ que definia dentro dos territórios muçulmanos os direitos e deveres do “Povo do Livro”¹¹ através do pagamento de uma espécie de imposto que servia como garantia à segurança e liberdade religiosa desse grupo.

Ressalte-se que apesar da predominância do Islam no Oriente e de haver maior favorecimento aos muçulmanos em relação às outras minorias religiosas, antecederam à

⁹ Significa “Terra do Islam” e se refere a toda região ocupada pelo Império Otomano.

¹⁰ “Proteção”

¹¹ Termo do Corão que se refere a Judeus e cristãos.

conquista otomana outras religiões, culturas e idiomas nativos e que não foram modificados, proibidos, ou mesmo palco de arbitrariedades por parte dos muçulmanos – pelo contrário – do mesmo modo como existiam antes, permaneceram durante e depois.

Antes do século XIX, os cristãos de todas as seitas ocupavam uma posição social e política dissemelhante no Império Otomano. Eram sujeitos a algumas exceções e nos períodos de conflitos políticos ou religiosos, estavam vulneráveis a diversas violências. Os cristãos maronitas formavam o grosso da população rural e não foram libertos de seus encargos até a invasão da Síria e do Líbano em 1831 por Ibrahim Bachá, filho do Modernizador do Egito Muhammad Ali, que limitou os poderes da nobreza local e fomentou a entrada de missionários estrangeiros no país, o que colocou com certa vantagem os cristãos em contato íntimo com o Ocidente, estimulando, assim, correntes migratórias para terras cristãs.

Esses missionários – inicialmente, em 1824, presbiterianos norte-americanos – instalaram-se em Beirute e abriram escolas para educar correligionários. Essas escolas desempenharam um papel relevante na renascença dos estudos e na formação de uma classe instruída, com bom domínio dos idiomas árabe e inglês. Os missionários escreveram livros em árabe, clássicos da literatura e da história, introduzindo assim a ciência e o pensamento moderno no Oriente Médio, aproximando os estudantes da sua própria herança cultural. (KNOWLTON, 1960).

De outro lado, as potências europeias não tinham limites e intervinham nos assuntos internos através de seus cônsules, o que era aceito por diferentes seitas não-muçulmanas, que evidentemente se aproveitavam dessa intervenção que os favorecia para também dirimir intrigas otomanas. (DOUN, 1944).

Após a retirada dos egípcios em 1840, a emancipação dos cristãos que de algum modo os emparelhava com muçulmanos e drusos, causou certa hostilidade entre os maronitas do norte do Líbano e os drusos do sul para além das divergências religiosas. Por um longo tempo, lavradores cristãos maronitas se espalharam para o sul em território druso, substituindo os lavradores nativos, pois eram superiores as suas técnicas agrícolas. Com isso, a maioria dos drusos foi forçada a abandonar as montanhas do Líbano e emigrar para a Síria, gerando certa insegurança religiosa, econômica e política nos que permaneceram. Em 1841 e em 1845 conflitos religiosos romperam entre

cristãos maronitas e drusos, aumentando as tensões sócio religiosas entre eles. Em 1860, o confronto generalizado ocasionou o Levante.¹²

Os drusos, mais organizados e com a conivência das autoridades turcas, tomaram a ofensiva e avançaram contra os cristãos em toda a região compreendida pela Síria e Líbano. Com isso, A França, Inglaterra e outros governos da Europa intervieram na política do Levante, forçando a Turquia a dar autonomia absoluta ao Líbano. Porém, ainda assim os cristãos sentiam-se vulneráveis e, temendo retaliações, começaram a emigrar da Síria e do Líbano em massa. Em contrapartida, poucos muçulmanos e drusos emigraram. (KNOWLTON, 1960).

Esse período, que deu início ao êxodo, foi marcado também pela instabilidade econômica e pela escassez. Havia desgaste do solo, pestes devastavam as plantações e as indústrias tradicionais estavam em franco declínio devido à abertura do Canal de Suez, que desembocava produtos mais baratos. Com isso, as rotas das caravanas entre a Síria e o Líbano ficavam prejudicadas e empobreciam ambos os países, deixando os mercadores, em sua maioria cristã, sem trabalho. Tal fato pode-se verificar nestas duas passagens:

Em vez da terra fértil, os habitantes tinham de transformar até as próprias rochas em solo produtivo. A maioria das indústrias era primitiva e de consumo local, entre elas a tecelagem manual de algodão, e muito pouco de seda. Para a exportação em escala reduzidíssima, restavam os fios de seda, a uva, os vinhos, as passas, as azeitonas e o azeite. No campo puramente agrícola, o pouco que se produzia era suficiente apenas para o consumo local, tornando-se imprescindível a importação de cereais, especialmente trigo. O gado para matança tinha de ser importado da Síria e do Norte do Iraque. (DOUN, 1944, pp. 84-85).

A produção de seda, uma indústria caseira e principal fonte de renda de centenas de aldeias, foi seriamente prejudicada pela abertura do Canal de Suez, que permitiu a introdução de seda japonesa, mais barata. A invenção do rayon por volta de 1920, finalmente destruiu-a. A abertura do Canal finalmente acabou o comércio que outrora florescia ao longo da rota das caravanas. A maioria dos mercadores, quase todos cristãos, ficaram sem emprego. Outra ocupação cristã, a cultura da uva e fabricação do vinho, ficou arruinada com a invasão da *Phylloxera* por volta de 1890. Os vinhateiros cujas plantações foram afetadas acharam difícil encontrar um produto que substituísse a uva. (KNOWLTON, 1960, p. 25).

¹² O Levante ocorreu a partir da revolta de camponeses maronitas contra senhores drusos, onde milhares de cristãos foram massacrados.

Mesmo sob o jugo otomano, os árabes estavam acostumados com a movimentação europeia e já tinham penetrado profundamente em sua política. Os países europeus emergentes, por sua vez, tramavam, através de missões culturais e religiosas, abrir brechas para o comércio ou para a colonização através de protetorados. “O contato com os europeus e americanos, estimulou-lhes a saída, mesmo em levas, à procura do que lhes era negado em sua própria terra; e se aculturaram e se fixaram em terras estranhas e com povos desconhecidos.” (SAFADY, 1972,p. 52).

As causas da imigração árabe que foram a própria tomada de consciência e auto conhecimento, identificaram-se com as causas do Renascimento Árabe, e não ocorrera isso antes porque não havia contato árabe com além fronteiras; fronteiras essas que não eram árabes, mas sim Otomanas. Foi preciso que toda a Europa e parte da América estivessem em plena revolução industrial e a consequente consolidação de seus próprios países para tentarem ampliar o seu campo de ação, e procurassem novos mercados ou novos povos onde pudessem assentar as bases de uma expansão econômica, e muitas vezes o campo de sua própria subsistência. (SAFADY, 1972, pp. 72-73).

As constantes movimentações e intervenções europeias que estavam à espreita fornecendo recursos que de alguma maneira reaproximava os árabes de sua própria cultura. Com a desarticulação do Império Otomano, se consolidava também a emersão dos árabes no despertar de seu próprio Renascimento cultural e político. Esse movimento ficou conhecido como Nahda¹³.

Esse renascimento surge no contexto particular do despertar de uma longa letargia e da esperança de próxima libertação, ainda distante, dado o começo da penetração ocidental. Esse movimento vai refletir realidades, antiguidades, esperanças e dramas, levando a uma redescoberta de um patrimônio multimilenar negado, humilhado e falsificado. O ‘renascimento’ viria a suscitar contradições que, com o tempo, tornaram-se explosivas. A pressão exercida pelos turcos aumentaria, colocando a imigração como inevitável.(HAJJAR, 1985, pp. 31-32).

¹³ A “Nahda”, ou “Renascimento” foi um movimento social e político árabe desse período, que ocorreu dentro do território enquanto estavam ainda sob o domínio do Império Otomano. Após a imigração, quando muitos já estavam em terras distantes, as literaturas que contavam histórias de êxito atravessavam os continentes e chegavam à terra mãe, dando início ao “Mahjar.”

Profundas mudanças na estrutura social e política da Síria e do Líbano ocorreram, sobretudo após o Levante. Com o êxodo do jovem campesino, houve um esvaziamento de mão-de-obra nas lavouras, que ficou a cargo dos que permaneceram, na sua maioria mulheres e idosos. As questões que envolveram os conflitos políticos, sociais e religiosos, somados à instabilidade econômica gerada pelo declínio da terra e da indústria, desemprego e miséria, eles – cristãos, ricos e pobres - que descontes com sua situação atual e sabedores da existência de outras nações e de outros modos de vida, se desgarram e iniciaram a diáspora para terras distantes.

1.2. A diáspora ao Novo Mundo e o movimento migratório árabe rumo ao Brasil: “O fazer a América.”

Durante a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, ocorreu o êxodo de milhares de sírios e libaneses¹⁴ para países e territórios da África, América, Europa, Ásia Ocidental e Ilhas do Pacífico, se agruparam e se estabeleceram das pequenas às grandes cidades, de modo que havia poucos centros urbanos, por menores que fossem, nas Américas, África Oriental, Austrália e Nova Zelândia, que não contivessem sírios e libaneses. (KNOWLTON, 1960).

Segundo KNOWLTON (1960), duas foram as rotas de emigração abertas aos sírios e libaneses: A primeira e mais antiga, conduzia ao Egito, Sudão e às colônias francesas e britânicas na África Oriental e Central. Já a segunda, levava às Américas, Austrália, Nova Zelândia e Ilhas do Pacífico e, de modo geral, os cristãos preferiam a segunda e os não-cristãos, a primeira. A princípio, o imigrante árabe demandava a “América”, porque assim eram conhecidos todos os países do continente americano, sem distinções territoriais. (SAFADY, 1972, p. 81).

Sabe-se da presença árabe na América desde os primórdios, por intermédio das civilizações mundiais ou da herança presente na Península Ibérica; tendo ainda sido submetida a uma série de influências e tentativas de despersonalização. Essa diáspora, que foi tanto espontânea como propositada, direcionava-se para lugares novos, o que

¹⁴ Majoritariamente cristãos.

possibilitava ambicionar melhores condições econômicas e sociais que não podiam ser alcançadas em solo pátrio.

Com a extinção do tráfico de escravizados e a proibição de sua importação da África para o Brasil a partir da Abolição, em 1888, houve real interesse em promover e estimular a imigração ao país, em substituição à mão-de-obra escrava, como se verifica na fala de SAFADY (1973): “A vinda de trabalhadores europeus, depois de 1851, quando da repressão do tráfico, fora consequência direta da falta de mão-de-obra, fato este que se agravou ainda mais com a abolição da escravatura”. (SAFADY, 1973, p. 55).

Dom Pedro II, então Imperador do Brasil nesse período, era entusiasta da história, geografia, arqueologia, literatura e da cultura árabes, tendo, inclusive, estudado o idioma com um arabista alemão. E não foi por mero acaso: Como no Brasil já havia africanos que foram trazidos como escravos além de outros orientais árabes que trabalhavam como auxiliares de navegações ou intérpretes, o idioma árabe não era estranho, sobretudo entre aqueles que o conheciam em virtude do Corão – pois muitos dos africanos escravizados eram também muçulmanos – a exemplo dos malês. Logo, era um idioma falado no país por algumas pessoas e que o Imperador dos Trópicos desejou conhecer.

Em 1871 e em 1876, Dom Pedro abriu o Brasil para o mundo. Viajou pela Europa visitando países da procedência da moderna imigração no Brasil, como a Itália, Alemanha, Espanha e Portugal, tendo anteriormente visitado também alguns países do Oriente Médio e África do Norte, como a Síria, o Líbano, a Palestina e o Egito.

Importante frisar que D. Pedro fez questão de desmistificar a imagem temível do Império Otomano que se propagava na Europa – a de que os turcos seriam bárbaros; que sua capital, Constantinopla, seria um enorme harém e que, portanto, um lugar onde as mulheres brancas e estrangeiras não teriam segurança alguma:

D. Pedro e comitiva começavam a visitar a cidade a partir da rua do hotel, que se abria para um mercado oriental, com várias lojas de roupas, tapetes, doces, artesanato, ouro, cafés com narguilé, compondo um grande bazar ao ar livre serpenteado por um labirinto de ruelas que desembocava em ruas maiores. Ali já enxergava a incrível variedade na arquitetura, muita da qual com influência bizantina acentuada, e começava a penetrar no mundo oriental, observando significativa mudança no povo e na paisagem: mulheres

cobertas com véus, homens que exibiam orgulhosos seus turbantes, paisagens marcadas por mesquitas incrementadas com apelos dos muezins do alto dos miranetes chamando os fiéis para rezar, sinos que tocavam festivamente, uma grande mistura de povos e de religiões (muçulmanos, cristãos ortodoxos e católicos, judeus), cada qual andando livremente, e em igualdade, com seus trajes tradicionais. Assim, pôde constatar certa liberdade religiosa e testemunhar a coexistência de várias raças no país sobre a qual se divulgava ser sem liberdade e cheio de restrições. (KHATLAB, 2015, p. 126).

Tendo empreendido uma excursão ao país dos sagrados cedros¹⁵ e sendo muito bem recebido, manifestou o interesse de ver no Brasil o maior número possível dos filhos do Líbano, prometendo-lhes facilidades e auxílio aos necessitados, assegurando-lhes ainda um retorno ao país de origem próspero e feliz. (DOUN, 1944).

O Imperador - que era um homem da ciência, das relações e das políticas públicas - financiou uma série de pesquisas, laboratórios e institutos, contribuindo para o desenvolvimento científico no Brasil e buscando conhecimento ao redor do mundo. O interesse de Dom Pedro II pelo idioma e cultura árabes estreitou também suas relações diplomáticas com a Sublime Porta¹⁶, já que havia interesses econômicos mútuos, onde o Oriente passaria a ser consumidor direto de produtos brasileiros. O Brasil tinha firmado com o Império Otomano um Tratado de Amizade, Comércio e Navegações em 1858 e posteriormente, o Tratado Otomano-Brasil. O fato de abrir as portas para receber a população sírio-libanesa no país foi uma política pública importante que revelou não só a amplitude da miscigenação no Brasil como também seus reflexos na sociedade brasileira.

¹⁵ Líbano.

¹⁶ Nome dado ao Império Otomano

Figura 4. Dom Pedro II sobre camelo em sua primeira viagem ao Egito (1871)

Extraído de: Folha/Acervo da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil.¹⁷

¹⁷ Dom Pedro II sobre camelo em sua primeira viagem ao Egito (1871). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1668705-as-viagens-de-pedro-2-ao-orient-medio.shtml>. Acesso em: 09/05/2019.

Figura 5. O imperador Dom Pedro II e as pirâmides do Egito (1871).

Extraído de: BBC/Acervo da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil.¹⁸

A visita de Dom Pedro ao Oriente Próximo estimulou a imigração espontânea daqueles povos ao país continente também como estratégia a fim de despertar interesse e fomentar a imigração de mão-de-obra ao Brasil, vez que o trabalho escravo estava em vias de ser extinto e o país demandava povoar o seu território e torná-lo produtivo para manter a sua unidade e assegurar seu progresso. (HAJJAR, 1985).

Muitos foram os motivos que impulsionaram imigração e maiores ainda foram os interesses escusos e impiedosos que estavam por de trás do aliciamento dos camponeses sírios e libaneses que ansiavam por uma vida melhor além-mar. Há dezenas de relatos e experiências compartilhadas descritos em toda literatura sobre o assunto, que revelam também o nível de vulnerabilidade e exploração sistemática a que estiveram sujeitos.

Muitos imigrantes sírio-libaneses chegavam aos portos de embarque em pequenos grupos de camponeses ou em levadas mistas acompanhados por agentes que iam às cidades e aldeias do interior aliciar interessados em fazer viagens diretas aos destinos finais. Eram hospedados em locais sujos e precários, à espera do navio que os levasse.

¹⁸ O imperador Dom Pedro II e as pirâmides do Egito (1871). Extraído de: BBC/Acervo da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45452478>>. Acesso em: 09/05/2019.

Todos eram cruelmente explorados pelos intermediários que praticavam o tráfico de embarques clandestinos. Enganavam e extorquiam deles tudo o que podiam, de modo que alguns, inclusive, ficavam impossibilitados de prosseguir a viagem por falta de recursos e não raramente embarcavam em navios que chegavam a portos diferentes do acertado.

Geralmente, desembarcavam nos portos de Gênova ou Marselha e eram instalados em hotéis em que permaneciam por tempo indeterminado até que chegasse o navio que então os levaria ao porto final, perigando se esgotarem todos os seus recursos antes mesmo que realizassem o sonho dourado de chegar à chamada “Terra de Promissão” (DOUN, 1944, p. 90-91). Os aliciadores não deixavam que embarcassem sem que antes limpassem todos os bolsos e fizessem que ali deixassem todo o seu dinheiro.

Em alguns casos, esses agentes eram imigrantes de torna-viagem, que passavam pelas vilas realizando comícios para exortar sobre as maravilhas e facilidades de se ganhar dinheiro no exterior como mascate. Convencendo os ouvintes, aceitavam depósitos para as passagens. Em outros, agiotas instigavam a imigração, emprestando dinheiro a juros altíssimos que recaíam sobre hipotecas de propriedades. Tanto os agentes de viagens como os agiotas recrutavam e exploravam os camponeses inescrupulosamente, atuando muitas vezes através dos líderes das aldeias, que recebiam porcentagens por emigrante que partisse de suas vilas. Também negociavam e recebiam comissões sobre viagens, hospedagens e consumo de modo geral.

Quando os imigrantes já não dispunham mais de recursos para pagar as despesas, faziam-lhes empréstimos que deveriam ser devolvidos quando chegassem à América e frequentemente faziam com que eles trabalhassem sob sua supervisão até que saldasse as dívidas contraídas (KNOWLTON, 1960).

Há também os que imigraram para o Brasil por não terem conseguido entrar nos Estados Unidos ou por presumir que seria mais fácil o acesso a partir do Brasil do que do Líbano ou da Síria. Entre os primeiros grupos de sírio-libaneses a entrar nos Estados Unidos, devido ao fato de muitos serem analfabetos ou estarem acometidos de doenças ou deficiências, não puderam ficar e as companhias foram solicitadas para retorná-los ao país de origem.

Contudo, ao invés de leva-los à Síria ou ao Líbano, desembarcavam-nos no Rio de Janeiro e outros portos, alegando que ali também era a América. Houve muitos que devido aos relatos que chegavam ao Oriente Médio sobre as dificuldades para se conseguir entrar nos Estados Unidos, acabavam decidindo por emigrar para o Brasil, já que não havia restrições. Outros ainda emigraram para o Brasil vítimas de emboscadas. Enganados pelas companhias de que seriam levados para a América, desembarcavam no Rio ou em Santos acreditando estar nos Estados Unidos (KNOWLTON, 1960).

Embora ocorresse em pequena escala, antes disso a emigração não era desconhecida. Considerando a fé cristã nos países da Europa e a sua ligação com a Terra Santa, muitos palestinos explorando esse sentimento religioso, se embrenharam no Mediterrâneo, carregando consigo rosários, estátuas e outros objetos religiosos de madrepérola para vender aos fiéis. Outros se deslocaram para países do Novo Mundo, como Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina. Tal fato explica o porquê de muitos dos libaneses que chegaram posteriormente nesses países encontraram patrícios de língua e costumes afins, tanto nos portos europeus como nos americanos. (DOUN, 1944).

Apesar de todas as dificuldades, a esperança que a então fascinante empreitada suscitava surgia como uma oportunidade promissora de uma vida próspera e livre frente às instabilidades econômicas, demográficas e políticas da terra natal. Alguns anos depois chegavam os primeiros imigrantes sírios e libaneses ao Brasil, em busca do sonho americano, num deslocamento idílico para “fazer a América”.

1.3. Nem todos eram turcos

Apesar dos esforços de pesquisadores que se debruçaram nos arquivos e recenseamentos a fim de compreender a quantidade de sírio-libaneses que adentraram no Brasil, o número exato de imigrantes dessa origem e seus descendentes ao final do século XIX e início do século XX por diversas razões é impreciso, como se verifica a partir dos registros constantes nas literaturas:

Originam-se na sua maioria da Síria, Líbano e, em menor proporção da Palestina. Existem, sem representar expressão numérica, iraquianos, marroquinos, argelianos egípcios e outros. (HAJJAR, 1985, pp. 18-19).

Os turcos não imigravam com a mesma frequência dos sírios e libaneses. As estatísticas relativas à imigração, entretanto, apresentam-se incompletas na maioria das publicações (CAMPOS, 1987, pp. 56-58).

Todas as estatísticas a seu respeito são imprecisas, pois foram registrados como turcos, turcos-árabes, sírios ou libaneses. (TRUZZI, 1992, p. 7).

O número exato de emigrantes não é conhecido. Estimativas variam muito; contudo mais libaneses do que sírios emigraram, e muito mais cristãos do que não-cristãos. (KNOWLTON, 1960, p. 17).

Queriam tornar até os próprios nomes familiares aos novos ambientes e os iam trocando mediante traduções errôneas ou escolhas inexplicáveis, até que irmãos, julgados pelos nomes diferentes que usavam, tornaram-se estranhos. (DOUN, 1944, p. 91).

Quando se iniciou a imigração ao final do século XIX, o território que compreendia a Síria, o Líbano e a Palestina ainda estava sob o domínio do Império Otomano e os imigrantes provenientes dessas regiões que chegavam ao Brasil portavam passaportes turcos. Em razão disso, passaram a ser denominados indistintamente por “turcos”, o que distorcia a verdadeira identidade desses imigrantes e causou por longos anos imenso aborrecimento.

Já os turcos propriamente ditos, eram senhores absolutos de um vasto império, que em amplitude se poderia comparar à América do Norte ou ao Brasil, com grande capacidade produtiva, variedade de solos, climas e recursos naturais e, portanto, nada os impulsionava a emigrar. (DOUN, 1944).

Daí a razão pela qual a imigração de turcos de fato tenha sido quase nula. Assim, os imigrantes sírios, libaneses, palestinos e armênios, que provinham então desses territórios foram inseridos em uma categoria imprecisa, de um sistema classificatório que fundia suas identidades de forma generalizada - por ignorância ou por insulto - mas sempre por alguém externo ao grupo, como se pode analisar nas seguintes transcrições:

Como exemplo, primeiro de desconhecimento, depois de preconceito decorrente, podemos citar a expressão generalizada de “turco”. Devido ao fato de possuírem passaportes turcos, os imigrantes assim eram conhecidos quando de sua chegada. Porém, a expressão mais dolorosa para os árabes do Brasil era a famosa “turco de prestação”. (HAJJAR, 1985, p. 90).

Procurou-se destacar, no comércio do espírito Santo, o interiorano e o da capital. O primeiro era abastecido para suprir em grande parte os agricultores, fornecendo crédito a aguardando a época da colheita para o recebimento das dívidas. Esse processo era também usado nas vilas e cidades do interior, para toda a população. Daí o apelido que os libaneses receberam ao longo dos anos: ‘turco de prestação’. (CAMPOS, 1987, pp. 84-85).

Se ser identificado como “turco” já era por eles considerado extremamente doloroso, “turco de prestação” era ainda pior e ainda mais estigmatizante. Em contrapartida, DOUN (1944) refere que tanto erravam os que empregavam aquela denominação com o intuito de ferir e humilhar, quanto aqueles que com ela se sentiam ofendidos e envergonhados, porque não seria em nada humilhante ser de nacionalidade turca, vez que naquela época o Império Otomano possuía força e o respeito das potências mais adiantadas do mundo. Contudo, refere que o que realmente deveria ser considerado era a intenção oculta que distorcia completamente o sentido do termo aplicado, transformando-o em sinônimo de degradação, sendo que, se aplicado em seu verdadeiro sentido, deveria ser para eles até mesmo um motivo de orgulho.

Porém, causava-lhes repulsa o fato de serem conhecidos por uma denominação que abominavam, por ser uma alusão àqueles que os teriam sido a causa do abandono de sua pátria. Posteriormente, os sírio-libaneses empenharam-se muito a fim de se libertarem daquilo que consideravam um tormento, e acabaram por consegui-lo apenas oficialmente. Na prática, porém, era quase quimérico evitar o seu uso, propositada ou inadvertidamente (DOUN, 1944).

Todos os imigrantes vindos do Oriente Próximo eram classificados como turcos até 1892, quando os sírios passaram a ser registrados separadamente. Como até a Primeira Guerra Mundial o Líbano foi considerado parte da Síria, todos os libaneses foram também registrados como sírios no período, sendo que somente em 1926 passaram a ter registro independente. Contudo, a grande maioria de imigrantes

registrados como turcos eram efetivamente sírios, libaneses e em menor quantidade armênios. Entre os anos de 1871 e 1942, muitos imigrantes da Síria, Líbano, Armênia, Palestina, Egito, Marrocos e Argélia entraram no Brasil (KNOWLTON, 1960).

HAJJAR (1985) refere que na medida em que novos imigrantes – que também são sírios, libaneses ou palestinos – chegavam ao Brasil e conquistavam seu espaço político e estabilidade financeira, mexiam com a frágil identidade dos aqui já fixados e adotavam a generalização do termo árabe. “Arabizavam a si mesmos” e passavam a se autodenominar simplesmente “árabes” (HAJJAR, 1985, p. 39).

2. OS MASCATES

2.1. Um elo social e econômico

A imigração pioneira que demandava ao Novo Mundo, mais precisamente ao Brasil, tinha o propósito de ser provisória, visando tempo suficiente apenas para prosperar e retornar para sua pátria de origem. De modo geral, a imigração no Brasil ocorreu de duas formas distintas: As imigrações espontâneas e as imigrações dirigidas. No primeiro caso, o imigrante seguia suas próprias aspirações e chegava voluntariamente e com recursos próprios. Já no segundo, chegava através de acordo entre governos, que orientava os imigrantes para determinados setores profissionais ou áreas geográficas (CAMPOS, 1987).

Diferentemente dos imigrantes europeus - que chegavam subsidiados - os imigrantes sírio-libaneses não preenchiam os requisitos necessários exigidos que os direcionasse para o trabalho nas fábricas ou propriedades agrícolas. Vieram devido à precariedade da situação econômica do país de origem e pelo sentimento de inferioridade sociorreligiosa cristã frente a uma sociedade majoritariamente muçulmana em uma região que à época integrava o Império Otomano. Muitos desses imigrantes provinham de aldeias ou comunidades rurais que baseavam suas atividades na agricultura, que geralmente era a fonte de subsistência de todo o núcleo familiar. Esse contexto obedecia a um sistema hereditário de obtenção e preservação das terras, de modo que os valores remetidos às famílias contribuía não só para a manutenção de todos os seus membros, como também do prestígio familiar diante da comunidade.

Outros imigrantes pioneiros também pertenciam à elite política e cultural do mundo árabe e tinham um cunho político preciso. Imigravam para depois viver melhor em seu país de origem e para melhor organizar e popularizar a causa árabe no estrangeiro, fazê-la vitoriosa e retornar para sua pátria. Não eram apenas imigrantes em busca de soluções econômicas, mas também instruídos e cultos, fato que não os impediu de recomeçar do zero. (HAJJAR, 1985)

A oportunidade de fazer dinheiro numa proporção inimaginável para os padrões locais exercem um profundo impacto no equilíbrio das aldeias, atuando como comichão e desencadeando a avalanche migratória. É interessante a esse respeito frisar que, nas aldeias, já em fins do século XIX, a posse de dinheiro estava se tornando cada vez mais valorizada – como forma de prestígio e como meio de satisfazer as novas necessidades dos que chegavam. No caso de sírios e libaneses, portanto, a emigração nunca poderá ser entendida como uma empreitada de aventureiros desgarrados do tecido social da terra de origem. (TRUZZI, 1997, p. 28).

Em seu país de origem, a habilidade com a terra, que envolvia o plantio, o cultivo e a colheita de frutos e grãos e, sobretudo negócio realizado em torno dessa produção que podia ser vendida, comprada, trocada ou barganhada, de certo modo, os aproximava da condição de negociantes. O ato de negociar é uma prática antiquíssima e muito familiar aos mercadores e caravaneiros do Oriente Próximo. Não era de se estranhar que essa atividade lhes conferisse habilidades para o comércio.

A maior parte dos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil constituía-se de rapazes solteiros, camponeses de pequenas aldeias e que eram em sua maioria mão-de-obra agrícola. Imigraram na tentativa de ganhar dinheiro para adquirir ou melhorar suas terras, comprar propriedades, gado e se casar. Apesar de terem muita aproximação da vida rural, por onde emigraram, buscaram se estabelecer nas cidades e evitar o emprego nos meios agrícolas ou industriais (KNOWLTON, 1960).

Porém, ao chegarem ao Brasil, se depararam com uma estrutura agrária de grandes lavouras, diferente daquilo com que estavam acostumados. Não dispoem de pecúlio suficiente para que pudessem se estabelecer como proprietários rurais e também não se imaginando nas mesmas condições em que se encontravam os imigrantes europeus optaram por uma atividade autônoma, provisória e de lucro rápido. Assim, demandou Brasil adentro a figura do mascate.

Figura 6. O mascate, de Firmino Monteiro (1884), pintor e tipógrafo. Artista negro, de origem modesta, exerce inicialmente os ofícios de encadernador e caixeiro.

Extraído de: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.¹⁹

A cidade de Mascat, favorecida por sua posição geográfica, servia como entreposto comercial entre as costas arábicas, o Golfo Pérsico e as Índias.

¹⁹ O Mascate de Antônio Firmino Monteiro (1884), pintor e tipógrafo. Artista negro, de origem modesta, exerce inicialmente os ofícios de encadernador e caixeiro. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra8389/o-mascate>>. Acesso em: 30 de jan. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Esta situação privilegiada de Mascát, desde muitos séculos tornou-se de maior importância desde o século X, com a expansão econômica dos iranianos. Os comerciantes de Mascát (Os mascatís) celebrizaram-se em suas viagens e suas trocas, notadamente com a rica Índia. Antes da descoberta da rota do Cabo da Boa Esperança, as trocas comerciais eram feitas através do mar Vermelho, servindo-se o país de Amán como ponto obrigatório para as escalas marítimas. Com a prosperidade da navegação portuguesa e holandesa, pelo caminho do Cabo, no século XVI, intensificou-se o comércio continental e aumentaram-se as trocas entre a Europa e as Índias. Amán passa a adquirir posição especial, de importância estratégica e econômica, dando essa competição uma luta armada entre portugueses e holandeses e persas. As rivalidades deram vantagens aos portugueses, que foram abrindo novos mercados. O comércio de portugueses foi substituindo o comércio da gente de Mascát, os Mascatís (í: sufixo locativo, de relatividade). Os portugueses adotaram o termo “mascati” como sinônimo de comerciante, deslocando-se o acento, com o decorrer do tempo, para penúltima sílaba, como é tendência da língua portuguesa (mascáte). (SAFADY, 1973, p. 113-114).

No século XVIII, no Nordeste brasileiro, o termo “mascate” também foi atribuído pejorativamente aos negociantes portugueses de Recife pela aristocracia colonial rural de Olinda. A hostilidade entre os dois grupos deu origem à “Guerra dos Mascates”, entre os anos de 1710 e 1711. A vitória dos mascates reafirmou o predomínio do capital mercantil sobre a produção comercial. Em princípios do século XX, a mesma rixa ocorreu também por causas comerciais, agora entre portugueses e árabes, uma vez que os portugueses se sentiam ameaçados pela concorrência dos novos negociantes “turcos” (SAFADY, 1973).

Figura 7. Gravura de Henry Chamberlain (1822) Um Mascate e seu Escravo

Extraído de: Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras.²⁰

Importante ressaltar que as duas figuras acima demonstram diferentes grupos que também constituíam a cidade à época e que retratavam a realidade do dia a dia. Firmino Monteiro foi um artista brasileiro negro de origem modesta e Henry Chamberlain foi - além de um oficial da artilharia britânica incumbido de realizar transações comerciais no país - desenhista e pintor. Ambos retratavam aspectos e cenas pitorescos da vida urbana cotidiana nesse período, entre eles, cenários que envolviam as atividades do mascate.

Embora houvesse mascates em séculos precedentes foi apenas na metade do século XIX que eles se fizeram conhecidos no Brasil. SAFADY (1973) descreve que no Ceará, os mascates sírios e libaneses eram chamados pejorativamente de galegos pelos portugueses - termo este atribuído aos espanhóis da Galícia estabelecidos em Portugal que trabalhavam em serviços pesados; No Pará, eram chamados de teque-teque - por usarem a matraca - e também de judeus - pois os vendedores ambulantes e regatões que venceram a concorrência com os portugueses eram todos judeus da Europa e tendo os árabes vencido a concorrência comercial com os judeus, herdaram esse termo como

²⁰ Gravura de Henry Chamberlain (1822) Um Mascate e seu Escravo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6247/um-mascate-e-seu-escravo>>. Acesso em: 30 de jan. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

sinônimo de vendedor ambulante; No Ceará, Maranhão e Pará, eram chamados de carcamanos, - termo atribuído aos italianos calabreses – e por fim, no Sul e Centro, eram chamados de turcos.

Havia também características que diferenciavam os mascates uns dos outros. Para CAMPOS (1987) os mascates citadinos eram obrigados a pagar impostos sobre o tipo e a quantidade de mercadorias portadas e em razão disso, carregavam consigo pouca variedade em pequenas quantidades. Já os mascates interioranos, escapavam às burocracias e faziam todo tipo de negócio. Nesse sentido, KNOWLTON (1960) refere que isso ocorria porque os mascates precisavam ter uma licença específica para trabalhar como ambulantes e muitos não tinham condições ou não queriam pagar por ela. Devido a isso, estavam sujeitos a todo tipo de extorsões financeiras da polícia que lhes subtraía, inclusive, suas frutas e roupas.

Assim que chegavam ao Brasil, eram equipados de baús com toda sorte de mercadorias que pudessem ser facilmente transportadas e que tivessem boa procura pela população rural, tais como agulhas, alfinetes, linhas, lãs, pentes, botões, grampos, bordados, joias e perfumes baratos, entre outros e que pudessem fornecer boa margem de lucro. Uns mascateavam a crédito, alguns em sociedade e outros independentes, que depositando seus ganhos com o atacadista, fazia com que aumentasse substancialmente seu capital (KNOWLTON, 1960).

Com seu baú, que era verdadeira feira ambulante, o mascate percorria vilas, cidades e fazendas. Na prática de suas atividades comerciais, propagou os acontecimentos nacionais e estabeleceu elos de natureza vária. Facilitou a circulação de riquezas, aproximando o produtor industrial do consumidor, o produtor do consumidor de baixa renda. A falta de transportes e as enormes distâncias entre os grandes centros e as pequenas vilas favorecia a proliferação desse mascate e a sua permanência no interior do Estado. (CAMPOS, 1987, p.79).

O pequeno comércio de varejo não encontra núcleo onde se fixasse, por isso, foi forçado a adotar vida ambulante, em busca da população dispersa. A segunda Metade do século XIX, sobretudo a partir de 1880, quando se organizou a colonização do Estado de São Paulo por meio da fazenda do café, com suas numerosas vilas rurais povoadas por trabalhadores italianos, o campo de ação dos mascates alargou-se consideravelmente, tanto mais que o colono procurou-se libertar-se das compras nos armazéns do fazendeiro que o endividavam e o tornavam dele dependente. (SAFADY, 1973, pp. 90-91).

A mascateação era uma atividade de caráter temporário, ou seja, uma condição provisória que permitiria angariar algum recurso financeiro em um curto espaço de tempo, seja para um retorno considerado bem-sucedido, seja para o envio de regulares remessas à família. Como não dominavam o idioma e uma vez que também não era exigível para esse tipo de atividade, já que podiam se fazer entender de diferentes maneiras, inclusive, por gestos, a mascateação lhes permitiria um acúmulo de capital mais rápido e que sabidamente não seria obtido se estivessem como outros imigrantes na condição de colonos ou operários.

Se inicialmente os mascates carregavam pesos enormes a ponto de serem rapidamente identificados na colônia²¹ pelo formato arqueado de suas costas e ombros, ao poupar dinheiro, logo adquiriam uma mula para carregar as mercadorias e depois, uma porção delas. Com o decorrer do tempo, o mascate rural passou a guiar um caminhão e em lugares onde a via de acesso era fluvial, ele chegava de barco (KNOWLTON, 1960).

Eram muitas as dificuldades enfrentadas por eles. Percorriam ruas de casa em casa, à mercê do tempo e muitas vezes o único alimento de que dispunham no dia era pão com queijo ou banana. Ao final do dia, contabilizavam com o patrão, que apurando o lucro diário e creditando-o ao gradualmente ao mascate, fazia com que tivesse o capital inicial que o tornaria mais tarde comerciante e atacadista. Muitos mascates empreendiam viagens entre São Paulo e Rio de Janeiro carregando caixas pesadíssimas nos ombros e conforme o pecúlio aumentava, alugavam carregadores e compravam burros de carga.

Estabeleciam-se inicialmente nas vilas e estações, depois nas aldeias e cidades para então finalmente chegarem às Capitais, com casas atacadistas e gradualmente fábricas e fazendas. Na medida em que o poder aquisitivo aumentava, mais remessas eram enviadas aos seus parentes na terra natal, que transferiam também características do país de imigração, como trajes modernos e artigos de luxo antes desconhecidos (DOUN, 1944).

²¹ Categoria nativa que define indivíduos pertencentes a um mesmo grupo.

Ainda que tivessem chegado com escassez de recursos econômicos, mas com boas práticas de comércio, os mascates se embrenharam em solo brasileiro rumo ao desconhecido, percorrendo desde capitais até as regiões mais remotas do país, através dos ciclos econômicos que fizeram com que eles lançassem suas raízes e se tornassem um elo econômico determinante no mercado nacional.

Ligando grandes centros urbanos às populações rurais; portando notícias; levando variedades; criando comodidades e inculcando no imaginário do campesino que a beleza e a magia das coisas da cidade, antes tão inacessíveis, se tornavam a realização de um sonho possível, se enraizaram em solo brasileiro.

2.2. Deitando raízes em terras brasileiras: entre seringueiras, cafezais e minérios

Os imigrantes pioneiros sírio-libaneses que chegaram ao Brasil, desembarcaram inicialmente no Rio de Janeiro em 1871 e à medida que novos imigrantes chegavam, desenvolveu-se ali uma pequena colônia e com o tempo surgiram outras semelhantes na maioria dos centros urbanos. Já em São Paulo, chegaram algum tempo depois, em meados de 1880. Pouco conheciam sobre o país da imigração até o ano de 1900, quando três importantes centros de atração começaram a suscitar grande interesse econômico. (KNOWLTON, 1960).

O primeiro deles deve-se ao surto de borracha na Amazônia e iniciou-se assim que os primeiros sírio-libaneses começaram a chegar. Acompanhado de brasileiros e outros grupos, convergiram para o Vale do Amazonas. Porém, diferentemente dos outros, os mascates sírio-libaneses não estavam interessados em borracha, mas em vender mercadorias e em pouco tempo já detinham o monopólio do comércio da bacia amazônica. Fizeram grandes fortunas e os antigos mascates, agora bem sucedidos, mudavam para grandes capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro, dando lugar a tantos outros contrerrôneos no Brasil ou mesmo ainda na terra de origem que, ouvindo suas histórias de prosperidade, imigravam e mascateavam pela região, formando novas colônias comerciais (KNOWLTON, 1960).

O Eldorado, perseguido pelos primeiros exploradores em terras Amazônicas, corroborou para a demanda de mão-de-obra, uma vez que o florescimento econômico em torno da borracha oferecia grandes perspectivas de lucro. Nesse contexto, em princípio estava inserida a mão-de-obra do sertanejo bem como do imigrante europeu, que também encontrou ali um campo fértil para mascatear. Contudo, a figura do mascate sírio-libanês na região dos regatões deu início a uma peleja comercial com os imigrantes europeus que se sentiam ameaçados com a sua presença, pois devido à sua flexibilidade e disposição de correr riscos, não podiam concorrer com eles.

O ‘Eldorado’, visão fantástica da lenda que estimula a cobiça dos primeiros exploradores, viria a ser mitificado pela literatura dois séculos após a expansão da grande indústria extrativa. A borracha não era apenas mais um produto, mas sim um produto com uma nova utilidade preciosa – pois ele era ‘útil’ como o ferro e ‘precioso’ como o ouro – o seu lugar era novo agente o progresso, uma nova força propulsora da civilização. Essa época áurea da borracha oferece grandes perspectivas de lucros para o imigrante árabe que trabalha como mascate, encontrando compradores nos lugares mais distantes. Portanto, a presença árabe na Amazônia é consequência do florescimento econômico do ciclo da borracha. (HAJJAR, 1985, p. 91).

O segundo deve-se ao Estado de São Paulo, devido à expansão das lavouras de café e das vias ferroviárias em progresso. Sírios e libaneses percorriam todo o Estado e onde encontravam lugares favoráveis, abriam uma lojinha. Bem sucedidos, convidavam para se juntar a eles parentes e amigos, que também abriam negócios independentes nas imediações. Com o passar do tempo, comerciantes sírios e libaneses de outras regiões formavam pequenos núcleos nas vilas e cidades e até 1910, já haviam se espalhado por importantes centros urbanos do país (KNOWLTON, 1960).

Ao final do século XVIII e início do século XIX a riqueza do solo das zonas de terras roxas presentes no interior paulista estava relacionada com a expansão cafeeira no Estado de São Paulo, dirigindo-se também para o Paraná e Mato Grosso, nos terrenos das Estradas de Ferro Sorocabana e Noroeste, curso este que fomentou o surgimento de novos povoados, vilas e cidades, cujo desenvolvimento estava atrelado à abertura das estradas e expansão comercial.

Ao Sul, a prosperidade das fazendas de café estimulava a migração de italianos para o trabalho na lavoura. Os lucros advindos do café atraíam os mascates árabes para o interior de São Paulo e Paraná, cumprindo eles o seu papel de supridor e mantenedor das necessidades e felicidades das fazendas e seus povoados. As novidades, a alegria, a vida, o progresso, a moda, os utensílios eram conduzidos ao interior pelo mascate árabe que não temia a dura vida de viajante numa terra ainda desconhecida. Seguindo as rotas dos povoadamentos do planalto e as costumeiras vias fluviais, o mascate árabe ia desbravando sertões e conduzindo a sua cultura, miscigenando-a à cultura portuguesa e italiana para culminarem todas na cultura brasileira. (HAJJAR, 1985, p. 93).

O terceiro, por fim, ocorreu com a incipiência extrativista de minérios que culminou em prejuízo e no conseqüente declínio aurífero, quando o Brasil entrou em crise econômica, vindo a se recuperar apenas com a lavoura cafeeira, quando a imigração europeia se intensificou e a economia brasileira teve impulso para se restabelecer. O sonho dourado presente no imaginário do século XIX e que impelia o deslocamento de brasileiros e imigrantes para o Planalto Central, volta então a atrair a atenção dos novos imigrantes, agora não mais em busca do ouro, mas de pedras preciosas, que se tornaram o alicerce da economia mineira.

As minas e zonas emergentes da região das Minas Gerais atraíram os sório-libaneses, que ali se estabeleceram e desenvolveram um papel importante no comércio e na indústria, de modo que em muitas vilas e cidades, detinham o monopólio varejista. Enriquecendo, adquiriram fazendas e criadouros ou investiam em máquinas de lavar algodão, armazéns e outros meios industriais próprios de zonas agrícolas (KNOWLTON, 1960).

Em 27 de junho de 1980 [sic]²² foi inaugurada a estação de Barbacena da Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje Central do Brasil. A imigração árabe estava começando a se processar e os resquícios do mito das Minas Gerais e do sertão do Planalto Central, ainda presentes na memória do povo tanto europeu quanto brasileiro, fez com que um grande número dessa nova imigração se deslocasse para o Planalto Central e lá se improvisasse enquanto comerciante, hoteleiro, mascate ou como padeiro. A partir desse período a região central passou a ter a presença do imigrante árabe na criação do gado, na agricultura, no comércio de cereais, nas produções de laticínios em geral ou mesmo no comércio de metais preciosos. Não se conhece uma única cidade do Planalto Central onde a presença árabe não esteja registrada. (HAJJAR, 1985, p. 93).

²² O trecho “Em 27 de junho de 1980” consta um equívoco quando ao ano mencionado, de modo que a data correta é “27 de junho de 1880”.

As histórias dos êxitos financeiros que obtiveram os primeiros imigrantes árabes no Brasil e a constante remessa de valores que atravessavam o continente até a terra natal fomentaram um intenso interesse de vinda ao Brasil com o objetivo de amealhar riquezas. Os grupos formados por familiares e amigos bem como por região de origem dos já estabelecidos serviam de orientação para os recém-chegados, que se dirigiam aos novos centros atraídos pelo progresso econômico, que caminhava simultaneamente ao das estradas de ferro, das minas e dos novos núcleos populacionais rurais que se formavam a partir do desenvolvimento da lavoura cafeeira e, sobretudo do seu parque industrial, que configurava um importante mercado para os mascates.

Seus interesses econômicos os faziam sentir a necessidade de novo sangue para o trabalho básico de mascatear. Cada casa comercial contava com um grupo de recém-chegados para o trabalho de vendedores ambulantes. Os imigrantes já fixados e já atacadistas forneciam as mercadorias aos mascates conhecidos, ensinavam-lhes a língua e os iniciavam nos conhecimentos básicos para o exercício das transas comerciais. No início, até a mímica era usada, pois era necessário que ninguém estivesse desativado, já que este foi o período áureo, tanto ao norte da Amazônia com a borracha, quanto ao sul e centro-oeste, com o café e seus minérios. (...) Tanto ao Sul quando ao norte, a chegada de navios despertava interesse dos comerciantes árabes aqui radicados. As companhias informavam da chegada de novos grupos de imigrantes. Para evitar a disputa aberta dos novos patrícios, os comerciantes estabeleciam, de antemão, as regiões da Síria e do Líbano que cabiam a cada um. Assim, à chegada de um navio, cada recém chegado era entregue à proteção de um patrício, atacadista, que cuidava da sua orientação no mascateamento. Portanto, esta fase não se caracteriza tanto pelo aventurismo pois, ao chegar ao Brasil, o recém-imigrado estava com a sorte assegurada. (HAJJAR, 1985, p. 98).

A ideia de fixação começa a afastar pouco a pouco, a necessidade do retorno imediato. Com o decorrer do tempo, o seu progresso, o desenvolvimento de seus filhos, as constantes correspondências e a chegada de novos conterrâneos afastam a ideia da imigração provisória e a expectativa do retorno começa a se tornar distante, já que começa a priorizar necessidades mais iminentes. Neste período, surgem as primeiras sociedades beneficentes, a primeira imprensa e entidades recreativas (HAJJAR, 1985).

A imigração era corrente e permanecia com a mesma característica de ser voluntária e de livre iniciativa e se intensificou nesse período com a influência de homens cultos que deram início ao movimento literário imigrante conhecido como

Mahjar, onde narrativas de lutas e êxitos inspirava outros jovens também a imigrar. A emigração árabe no Brasil que ocorreu durante a segunda metade do século XIX, portanto, foi desenvolvida pioneiramente e majoritariamente por cristãos maronitas. Os judeus e os muçulmanos iniciaram sua emigração muitas décadas depois, como se verá adiante.

2.3. As primeiras colônias sírio-libanesas na capital paulista

Até meados do século XIX, a cidade de São Paulo limitava-se a uma colina entre dois braços de um rio. Um dos braços era o Rio Anhangabaú, que corria onde tempos depois se localizaria a Rua Anhangabaú. O Outro, era o Rio Tamanduateí, que seguia pela rua 25 de março. Com a retificação do leito do Rio Tamanduateí, este foi ligeiramente desviado para o leste. O primeiro leito tornou-se a Rua 25 de Março - que se estendia desde a Rua do Carmo margeada pelo rio até onde a Rua Anhangabaú cruza a Rua 25 de Março com a Rua General Carneiro. Consistia numa praça aberta onde mascates e vendedores ofereciam suas mercadorias ao público e que tempos depois, tornou-se um parque de diversões conhecido como Ilha dos Amores, bem em frente ao Mercado. Era um centro de atrações conveniente para mascates, mendigos e para o público em geral.

Um certo número de casa e prédios comerciais surgiram ao longo da Rua 25 de Março. As construídas entre as Ruas do Carmo e General Carneiro, eram espaçosas e regulares, enquanto as que estavam localizadas nas proximidades do Mercado e ao longo da Ladeira Porto Geral eram menores e aglomeradas. Também havia no entorno lojas menores e fábricas (KNOWLTON, 1960).

No início do século XX, as margens do rio Tamanduateí eram formadas por campos baixos, alagadiços e inundáveis, conhecidos por Várzea do Carmo, situada entre o centro da cidade sobre o morro e o subúrbio do Brás. Durante séculos, a Várzea foi usada como despejo de lixo. Era suja, mal cheirosa, insalubre. Uma fonte de doenças que infestavam as zonas de comércio e residências vizinhas. Mendigos e criminosos descobriram na Várzea um campo propício para suas atividades. Outros grupos, como

os de pescadores pobres, mascates e operários também encontraram terreno de graça para morar e dada essa facilidade, estabeleceram-se na Várzea (KNOWLTON, 1960).

O núcleo de sírios e libaneses que mascateavam na região se formou por diversas razões, sobretudo porque além de os alugueis serem mais baratos - uma vez que a região era malsã e passível de inundações frequentes - a localização era estratégica, já que a estação ferroviária Santos-Jundiaí estava próxima da Rua 25 de Março e era passagem obrigatória da população que realizava esse percurso.

Além disso, boa parte dos imigrantes sírios e libaneses era formada por rapazes solteiros, de poucos recursos e que vislumbravam acumular capital tão rápido quanto possível, ainda que para isso tivessem que se acomodar sem qualquer conforto em casas, pensões e cortiços em uma zona de péssimo estado sanitário como era o largo do Mercado. Apesar disso, a região era muito disputada devido à importância do centro comercial que se estabelecia ali, por ser navegável e por possuir um porto de carga e descarga de produtos, o Porto Geral.²³

²³ A Ladeira Porto Geral que cruza com a Rua 25 de Março conserva esse nome até hoje porque ali era uma importante zona de transação comercial navegável.

Figura 8. Vista do Rio Tamanduateí com o Mercado Municipal ao fundo.

Extraído de: Acervo Estadão²⁴

²⁴ Disponível em: <<https://fotos.estadao.com.br/galerias/acervo,rio-tamanduatei,17174>>. Acesso em 09/05/2019.

Figura 9. Ponte sobre o Rio Tamanduateí, no fim da Ladeira do Carmo com a Rua 25 de Março, década de 1920.

Extraído de: Acervo Estadão²⁵

O desenvolvimento de uma colônia árabe na região da Rua 25 de Março ocorreu porque muitos dos primeiros sírios e libaneses que chegaram e se estabeleceram ali como mascates, prosperaram e à medida que outros patrícios chegavam, se instalavam perto deles e eram iniciados e apadrinhados na atividade de mascate.

O bairro sírio-libanês tornou-se um aglomerado de fábricas, armazéns de roupas e fazendas por atacado e a varejo, cafeterias, restaurantes, cortiços, hotéis, apartamentos e casas de cômodos baratos, lojas e fábricas, bares, clubes, barracões e organizações religiosas. A Rua principal, a 25 de Março estava forrada de bancos, lojas e fábricas, principalmente de tecidos e armarinhos. Eram poucas as casas e prédios de apartamentos, pois os terrenos já estavam valorizados e o valor dos aluguéis se tornou altíssimo (KNOWLTON, 1960).

²⁵ Disponível em: <<https://fotos.estadao.com.br/galerias/acervo.rio-tamanduatei,17174>>. Acesso em: 09/05/2019.

Consequentemente, a maioria das residências passou a ceder lugar a empresas têxteis de médio e grande porte. O aumento implacável do valor dos aluguéis forçou muitas fábricas a se deslocar da região da Rua 25 de Março para regiões mais acessíveis como o Brás, Pari, Mooca e Belenzinho. Na verdade, geograficamente tudo era uma coisa só e o valor dos aluguéis na região do Brás eram muito acessíveis porque não havia interesse comercial ali. E foi devido a isso que a maior concentração de sírio-libaneses na cidade de São Paulo ocorreu principalmente nas regiões da Rua 25 de Março e do Brás. A região era insalubre, cenário de constantes inundações e foco transmissor de doenças. Ali era ainda pior do que largo do Mercado.

Segundo DIAFÉRIA (2002), do ponto de vista de distância, o Brás ficava logo ali, perto do miolo do centro e formado por chácaras, sítios e fazendolas. A despeito da proximidade, o Brás – “que antes não tinha esse nome nem nome algum” – era de acesso difícil, tanto que para chegar à região era necessário antes vencer o “buracão” do Carmo. (DIAFÉRIA, 2002, p. 35). A ladeira íngreme do buracão chegou a ser depósito de lixo de toda a cidade. Desciam fezes, detritos e animais mortos que não haviam sido enterrados.

Na teoria ecológica admite-se comumente que grupos de imigrantes ao entrar numa cidade grande, em geral formam colônias compactas em zonas de aluguel baixo, de construções velhas e de cortiços localizados perto do centro comercial ou de bairros industriais importantes. À medida que membros de grupos de imigrantes aprendem a língua e se elevam na escala profissional, tendem a deixar a zona inicial e mudar-se para distritos residenciais melhores, formando colônias secundárias. Com o tempo, os que continuam a sua ascensão, na estrutura ocupacional e social da comunidade, mudam-se para bairros melhores ainda, formando uma nova concentração secundária ou então se mudam para zonas habitadas por membros de diversos grupos, e gradualmente cortam seus laços com o seu grupo étnico. (KNOWLTON, 1960, p.111).

Segundo dados demográficos do período levantados por KNOWLTON (1960), a primeira maior concentração de sírio-libaneses localizava-se então perto do centro comercial e bancário da cidade, nos distritos da Sé e da Santa Ifigênia. Nesses distritos estavam localizadas as mais antigas colônias sírio-libanesas do Brasil e quiçá das Américas. O distrito da Sé compreendia o polo comercial e financeiro, enquanto o da Santa Ifigênia era um misto de polos comerciais e residenciais populares e da pequena

burguesia. Já a segunda concentração, ocorreu em bairros contíguos dos distritos da Vila Mariana, Bela Vista e Liberdade, na vertente oposta, onde se assentava a aristocrática Avenida Paulista. Muitos dos Sírios e libaneses que instalaram nessa região emigraram da primitiva área de residência da Rua 25 de Março. A terceira concentração estava dentro dos limites do distrito do Ipiranga.

Esse movimento ocorre porque o indivíduo que imigra passa por um processo de mudança de posição social de sua sociedade de origem para outra na sociedade de destino. Estabelece-se para conquistar prestígio tanto no seu grupo étnico como na sociedade como um todo e isso pode acontecer em uma única ou em várias gerações. Assim, muitos imigrantes sírio-libaneses que se estabeleceram inicialmente em regiões precárias da capital paulista, ao alcançarem melhores condições de vida e de trabalho, passaram a ocupar regiões mais nobres da cidade. Após duas décadas do início dessa leva imigratória, que foi considerada a mais difícil, o imigrante antes mascate, passou a vendeiro; de vendeiro a comerciante; de comerciante a industrial.

A riqueza proveniente do surto cafeeiro contribuiu acentuadamente para essa expansão urbana, fazendo emergir bairros residenciais aristocráticos bem como o desenvolvimento industrial – o que favorecia a região do Brás. No topo da colina, na parte alta da cidade, se assentava a população mais abastada, de maiores recursos. Já na parte baixa, na Várzea, os proletários e os bairros onde se multiplicaram casebres e cortiços (TORRES, 1985).

SAFADY (1972) refere que nesse período a colônia sírio-libanesa começou a expandir e solidificaram-se os movimentos associativos, templos, imprensas, escolas de ensino do idioma, livrarias, tipografias e produções literárias árabes. Essa organização não só reforçava a ligação com a etnia como conferia expressão a essa comunidade, pois ali imprimiam também as suas identidades.

Muitos dos descendentes de imigrantes recentes, tais como os sírios e libaneses, estão penetrando nas profissões liberais e um grande número deles tornando-se ricos proprietários e diretores de importantes indústrias e firmas comerciais. Em muitas zonas dominadas pelo grupo tradicional de latifundiários, o seu desejo de prestígio social e de posição adequada tem encontrado forte resistência. Nas cidades e nas zonas de fronteira da civilização, onde a população é muito heterogênea, famílias ricas de imigrantes conseguiram infiltrar-se nas classes sociais mais elevadas. (TRUZZI, 1992, p. 135).

Os laços de parentesco no Brasil permaneciam com os que ficaram na terra natal e eram mantidos por correspondências ou mesmo por visitas. As remessas em dinheiro eram contínuas e na medida em que se estabilizavam financeiramente no país, traziam seus parentes. Também se reforçavam essas tramas familiares com o advento do casamento – que não era uma escolha própria dos filhos que pretendiam se casar, mas arranjados pelos patriarcas dentro do núcleo de parentes, como é possível verificar em diversas narrativas:

De fato, culturalmente, os sírios e libaneses foram educados a casarem-se entre ‘patricios’, numa longa tradição patriarcal em que os mais velhos sempre procuravam determinar o casamento dos filhos. Esta longa tradição destilou um velho provérbio árabe: ‘Tudo vem por sorte, menos o casamento, que vem por arranjo. (TRUZZI, 1992, p. 32).

Quando desejavam se casar, era comum o imigrante preferir escolher a companheira em seu grupo de parentes da aldeia. Então visitava os parentes para trazer a escolhida ou mandava buscá-la. (HAJJAR, 1985, pp. 43-44).

O casamento em período em estudo, obedecia ainda a um padrão tradicional, da escolha dos noivos e de um acordo estabelecido entre os próprios pais. Observamos que, nas famílias mais fechadas e mais ligadas aos padrões de seu grupo, esses arranjos eram mais comuns. (CAMPOS, 1987, p. 129).

Dessa forma, as famílias eram formadas tal como no país de origem, obedecendo a uma estrutura patriarcal e de unidade familiar. A família não era apenas considerada a conjugal – formada em sentido estrito, pelo casal e por seus filhos – mas, sobretudo considerada a família em sentido amplo – formada pela família extensiva, pelos pais e avós. Havia ainda, o grupo de parentes, também considerado - onde as famílias descendiam de um tronco genealógico em comum.

A família grande, a mais importante unidade familiar, consiste em três gerações. O chefe da família é o avô, reverenciado pelos membros como um patriarca e o cabeça do grupo. Sob o mesmo teto vivem a esposa, filhos casados, além filhos e filhas solteiros. Os filhos, ao casarem, trazem suas companheiras para o lar da família e as moças mudam-se para a residência do

marido e identificam-se com a família do cônjuge. Dentro da família existe uma nítida divisão de posição e papel entre os sexos; as mulheres criam os filhos, preparam as refeições, buscam água, tomam conta da roupa e fazem o trabalho doméstico. (HAJJAR, 1985, pp. 42-43).

Isso não quer dizer que as mulheres eram incultas. Pelo contrário. As mulheres sírio-libanesas exerceram um papel ativo e fundamental na organização dos núcleos associativos e nas organizações sociais. A literatura revela a participação social ativa da mulher em trechos tais como estes:

Muito teríamos que contar nesse campo feminino, devido ao seu volume assim como seu valor dentro da estrutura social, econômica, cooperativista, cultural ou de benemerência (...). (SAFADY, 1972, p. 91).

Seria bastante incorreto, entretanto caracterizar as mulheres da colônia como incultas. Ao contrário, as entrevistas indicam que, ao menos dos estratos médios para cima, todas foram incentivadas a estudar (...). (TRUZZI, 1997, pp. 130-131).

Contudo, as mulheres sírio-libanesas que tinham a oportunidade de estudar, não o faziam para entrar no mercado de trabalho – até porque, o mercado da época não absorvia a mulher. Estudavam para que fossem consideradas “educadas” e comumente eram voluntárias em sociedades beneficentes ou afins. Pouquíssimas referências foram encontradas na literatura que discorressem sobre o trabalho da mulher sírio-libanesa fora desse contexto, exceto por circunstâncias muito específicas ou adversas.

Nesse caso, há uma ou outra referência sobre a mascateação da mulher ou alguma outra espécie de trabalho fora do âmbito do lar, mas de fato não era uma prática comum às mulheres, mesmo em negócios de família, que, inclusive, os homens sempre logravam preferência, como se pode verificar:

É importante assinalar, também, a presença da mulher libanesa, cadastrada como ambulante: comerciava com doces, amendoim e fazendas, pelos talões de impostos, observa-se a trajetória de uma mulher libanesa ao longo dos anos, vendendo doces. (CAMPOS, 1987, p. 80).

Além dos serviços domésticos, ajudava o marido em tudo, mesmo na venda ambulante. Muitos maridos faltavam aos seus deveres por razões várias, justificadas ou não. Invariavelmente as mulheres os substituíam, e mais vantajosamente. (DOUN, 1944, p. 98).

Merecem também, verdadeira consagração senhoras de famílias distintas e de educação esmerada, às quais, depois de casadas, aconteceram imprevistos que as forçaram a trabalhar, pois seus maridos, por infortúnios ou doenças, vieram a perder tudo, quando mais necessitavam de trabalhar e produzir para suprir famílias mais numerosas. (DOUN, 1944, p. 99).

A participação da filha nas atividades familiares não se comparava à proteção dispensada ao filho homem. Em muitos casos, verificamos a organização de empresas comerciais formadas de pais e ‘filhos’ homens. Observamos ainda muitos filhos ricos e muitas filhas não tão ricas. Esses fatos ocorreram principalmente até os anos 1930, durante os primeiros anos da grande imigração. Esse quadro se modifica com a maior integração aos costumes e leis do país. (CAMPOS, 1987, pp. 130-131).

Tal circunstância favoreceu sistematicamente os herdeiros masculinos por ocasião das partilhas de bens. Embora a lei brasileira preveja uma distribuição equânime destes entre todos os herdeiros independentemente do gênero, os filhos homens eram previamente cotejados como sócios das companhias feudadas pelos patriarcas da família, enquanto as filhas eram excluídas. Assim, este mecanismo simples acarretava um espólio a ser dividido constituído por apenas uma fração do patrimônio original. É claro que o fato dos filhos homens trabalharem junto com o pai salpicava uma pitada de legitimidade a tais situações um tanto delicadas. (TRUZZI, 1992, pp. 36-37).

O trabalho da mulher no âmbito do lar não foi uma questão inerente somente às mulheres sírio-libanesas, mas se tratava de um padrão social e patriarcal da época. A formação da mulher de modo geral era voltada para atender as necessidades de caráter doméstico, tais como cozinhar, costurar, bordar, etc. Não raramente escutamos dos mais antigos que a mulher só poderia se casar se soubesse “fazer seu próprio enxoval”. Não era comum que a mulher trabalhasse fora e isso acontecia em diversas sociedades, inclusive na brasileira.

Portanto, embora muito mais arraigada e permanente dentro da cultura árabe não foi uma realidade isolada e típica apenas desse grupo de referência, embora houvesse permanecido ali por mais tempo do que em outras culturas. Esse aspecto patriarcal esteve presente em diferentes culturas e implicava uma forte questão de gênero que

determinava qual era o lugar do homem e qual era o lugar da mulher na sociedade: era obrigação do homem trabalhar e prover o sustento de toda família. À mulher se incumbiam as tarefas domésticas. Havia um estranhamento no movimento inverso. A mudança desse quadro só ocorreu muito tempo depois, à medida que a emancipação da mulher tomou outros contornos.

SEGUNDA PARTE

3. ENTRE GUERRAS, DIÁSPORAS E DESARRIMOS

3.1. Tramas da 1ª Guerra Mundial

Nas primeiras duas décadas do século XX, milhares de comerciantes sírio-libaneses do interior do país progrediram. Muitos também faliram nos períodos de depressão e foram substituídos por outros. Conforme prosperavam, mudavam-se para São Paulo, fosse por oportunidades econômicas ou para participar da vida social e cultural junto à colônia. Muitos se concentraram também em outros Estados de rápido progresso econômico, como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Distrito Federal. Embora o Estado de Santa Catarina também estivesse em progresso econômico como os anteriores, não se concentraram ali devido à proeminência das comunidades alemãs. Não se concentraram também em Estados mais estagnados economicamente do Nordeste - de Sergipe ao Piauí - e em outros Estados como Amazonas e Maranhão (KNOWLTON, 1960).

Os primeiros imigrantes já estavam fixados, com família constituída e com uma realidade que já se diferenciava da anterior. Os filhos estavam nas escolas, nas faculdades e aos poucos imergiam nos espaços frequentados por brasileiros. Como a terra natal ainda não possibilitava o sonhado retorno - haja vista que a região ainda permanecia sob domínio otomano - as correspondências e remessas em dinheiro continuavam e os imigrantes já estabelecidos começavam a incentivar cada vez mais a vinda de familiares e conterrâneos. Porém, as novas levas imigratórias que chegavam se deparavam com uma comunidade já constituída e que passou a ser formada pelo brasileiro-árabe, considerado nacional; enquanto os que chegavam a partir de então, eram sírio-libaneses, considerados imigrantes (HAJJAR, 1985).

Até 1909, enquanto a Síria ainda estava sob domínio Otomano, cristãos eram isentos do serviço militar e os muçulmanos relutavam em lhes conceder armas. Entretanto, com as dificuldades político-militares do Império, mesmo os cristãos foram

recrutados. O rude tratamento imposto a estes pelos soldados e oficiais, ocasionou a diáspora de milhares de cristãos para escapar ao serviço militar (KNOWLTON, 1960).

Houve então novos fluxos imigratórios de jovens instruídos em idade militar – e considerados desertores do exercito turco - rumo ao Novo Mundo. Com a chegada destes jovens somados a outros que também chegavam com aspirações modernas, a mascateação passou por um período de declínio, dada sua estética rudimentar. E com algum capital adquirido, esses jovens passaram a se fixar em locais mais distantes (HAJJAR, 1985).

Em 1914, a Síria se deparou com uma fase extrema da repressão turca, resultando em centenas de enforcamentos. Durante esse período, a Turquia se aliava aos alemães e alistava os conquistados para o exército. Nessa época houve grandes fluxos imigratórios para o Brasil conforme explana CAMPOS (1987). Neste mesmo ano, os camponeses foram atingidos por uma invasão de insetos – “jrad”, ou gafanhoto – (HAJJAR, 1985, p. 99-100) que arruinavam suas plantações, deixando-os em estado de completa penúria. Assim, uma nova leva de imigrantes também se deslocava ao Brasil. Eram imigrantes empobrecidos, assolados pela fome e pela miséria, que tentavam escapar ao domínio dos otomanos, na mesma medida em que tentavam salvar suas próprias vidas da fome.

Uma mudança de comportamento entre o aqui estabelecido frente ao recém-chegado começava a despontar e inevitavelmente a estratificação social não demorou a ocorrer. Os aqui já estabelecidos e financeiramente estabilizados não demonstravam empatia com o recém-chegado, deixando-os a cargo dos serviços assistenciais, que nem sempre davam conta da demanda.

O filho de um imigrante da primeira leva imigratório, hoje dono de uma fábrica, não se sente muito ligado ao camponês recém-chegado, com uma realidade e um nível de aspirações que em muito diferiam dos aqui já fixados. As sociedades beneficentes para o auxílio do irmão desafortunado, apesar de ativas, não davam conta do número de imigrados que chegavam. As sociedades recreativas, por sua vez, estavam mais destinadas aos aqui já enraizados e fixados, e com preocupações mais secundárias, diferindo dos que aqui chegavam para iniciar nova vida. A comunidade árabe vive um período de diferenças entre seus membros. Neste período, situado mais ou menos na metade da segunda fase, podemos notar o início da mudança de comportamento dos aqui já instalados, em relação aos novos imigrantes. A rápida ascensão social, o contato com a sociedade brasileira, a sua segregação enquanto “turcos”, tudo isso faz com que eles mesmos tenham novos

objetivos e deixem de pensar tanto nos patrícios e seus infortúnios. Continuavam a contribuir com dinheiro, porém, era uma responsabilidade da qual eles se isentavam, procurando pensar mais em si e em buscar um lugar de destaque dentro da sociedade brasileira. (HAJJAR, 1985, pp. 100-101).

Até a Primeira Guerra Mundial, a política da Grã-Bretanha no Oriente Médio visava à manutenção da integridade do Império Otomano na Ásia – uma estratégia para que os árabes não tivessem meios de buscar sua independência. Durante a Primeira Guerra, quando a Turquia se juntou aos Impérios da Europa Central, a força motriz da política imperial da Grã-Bretanha no Oriente Médio desmoronou e o Império passou a buscar alternativas. A Grã-Bretanha sugeriu a substituição da autoridade otomana por uma autonomia árabe no sudoeste asiático. Acordos Anglo-árabes foram concluídos nesse sentido, desde os fins do ano de 1915, com o xerife de Meca.

De acordo com HAJJAR (1985) O governo britânico por sua vez, foi representado por seu Alto Comissário no Egito e os Árabes, pelo xerife de Meca, Hussein, que se tornaria rei da região compreendida pela Arábia Saudita.²⁶ Em contrapartida do compromisso da Grã-Bretanha de reconhecer, ao leste do Mar Vermelho, um Estado árabe independente e unificado, em 1916 os árabes entraram na guerra.²⁷ Os aliados da Grã-Bretanha também tinham interesse no quinhão. Na primavera de 1916, foram concluídos acordos secretos entre a Grã-Bretanha, França e Rússia para partilhar a herança otomana. Esse acordo ficou conhecido como *Sykes-Picot*.

A Revolta Árabe de 1916, liderada por Husseyn, Xerife de Meca, da família Hachemita, buscava a criação de um grande Estado Árabe, que se estenderia do Iraque ao Líbano, e da Península Arábica até a fronteira com a Turquia. O apoio dado aos ingleses na Primeira Grande Guerra, com o intuito de expulsar as forças turcas da região, teria como objetivo a criação desse grande estado Árabe. Porém, em função dos acordos secretos de Sykes-Picot, entre Reino Unido e França, a região se tornou uma zona de influência de britânicos e franceses. Com o fim da Revolta Árabe contra os turcos e o término da Primeira Grande Guerra, a promessa feita a Husseyn e a seus filhos pelos britânicos de criação de um ‘Estado Árabe’ unificado não foi cumprida. Os franceses receberam da Liga das Nações, em 1920, o Mandato dos atuais Líbano e Síria, enquanto os britânicos se tornaram mandatários da Palestina, Iraque e Transjordânia. (ZAHREDDINE, 2013, p. 8).

²⁶ Hedjaz.

²⁷ Ficou conhecida como Revolta Árabe de 1916.

Com a desarticulação do Império Otomano houve o parcelamento dos territórios que estavam sob seu domínio e a França passou a assumir o controle político da região, “dividindo para governar” – estratégia esta que foi usada para desarticular movimentos nacionalistas contrários aos interesses da potência mandatária.²⁸ Sob seu protetorado, o Líbano, de maioria cristã maronita ganhou autonomia em relação ao restante da Síria, de maioria muçulmana.

Durante a Primeira Guerra Mundial, aumentou o interesse das nações europeias pela região que ambicionava sua unidade e independência. Tais interesses fragmentaram a nação árabe em diversos países, provocando um nacionalismo regional. Em 1916, quando foi firmado o Acordo de *Sykes-Picot*, um grupo de cristãos da faixa do Líbano aliados à França, reivindicou a independência da Montanha do Líbano, apartando-a da Síria. O mapa abaixo ilustra como ocorreu a partilha da região após o Acordo:

²⁸ Com o desmantelamento do Império Otomano, a administração dos territórios anteriormente dominados pelo Império Otomano foi partilhada em três zonas. Com o parcelamento dos territórios, a França obteve o mandato da região que compreendia a Síria e o Líbano; A Grã-Bretanha, o Iraque e a Jordânia, e a Palestina ficou à mercê de uma administração internacional.

Figura 10. Mapa da Grande Síria dividida por protetorados após o Acordo de Sykes-Picot (1916).

Extraído de: Iqarislam²⁹

Após 1921, a França fragmentou as terras da Grande Síria que estavam sob seu protetorado em seis territórios autônomos. Essa divisão étnico-religiosa ocorreu da seguinte forma: A região correspondente ao Estado de Aleppo, de maioria sunita; a região correspondente ao Estado de Damasco, também de maioria sunita; A região correspondente ao Estado de Jabal Druze, de maioria drusa;³⁰ a região correspondente ao Estado do Grande Líbano, de maioria cristã; a região correspondente ao Estado dos Alauitas, de maioria alauita³¹ e a região correspondente ao estado de Sanjaco Alexandreta, mista,³² conforme mostra o mapa abaixo:

²⁹ Disponível em: <<https://iqarislam.com/como-os-ingleses-dividiram-o-mundo-arabe/>>. Acesso em 10/12/2019.

³⁰ A região de Jabal Druze é a atual As-Suwayda.

³¹ A região de Alauita é a atual Latakia.

³² A região de Alexandreta é, atualmente, parte da Turquia, com populações mistas.

Figura 11. Mapa da Grande Síria e sua divisão étnico-religiosa.

Extraído de: Wikipédia³³

Após a tentativa de partilha da Grande Síria, em 1925 iniciou-se uma Revolta Árabe no Jabal Druze, liderada pelo Sultan Pasha Al-Atrach, que tentava deter a fragmentação dos territórios e expulsar os Franceses da Síria. Embora a tentativa tenha sido frustrada no tocante à expulsão, possibilitou a unificação dos Estados em território sírio, se apartando apenas o Estado de Sanjaco Alexandreta, que se tornou independente em 1938 absorvido pela Turquia e o Grande Líbano, independente em 1943, tornando-se República do Líbano. A independência da Síria ocorreu apenas três anos depois, em 1946, quando se tornou República da Síria (ZAHREDDINE, 2013).

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, houve um estancamento da emigração para o Brasil e poucos puderam deixar a Síria e o Líbano. Dado o seu fim, a população desses países estava apreensiva quanto a o que o futuro lhes reservaria. Ao descobrirem que não alcançariam a tão desejada independência, alavancou-se nova

³³ *Carte des zones autonomes sous le mandat français de Syrie avant 1937 (et plus particulièrement 1923): Liban, Alep, Damas, Alexandrette (Hatay), Alaouites.* Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sanjaco_de_Alexandreta>. Acesso em: 25/02/2020.

diáspora. Muitos imigrantes em países estrangeiros retornaram à sua pátria a fim de verificar a situação social e política. Porém, desapontados com o cenário ao qual se depararam, preferiram retornar ao seu país de emigração. Seus relatos levaram muitos sírios e libaneses a não retornarem mais às terras de origem (KNOWLTON, 1960).

Quando o Império Otomano perdeu o domínio sobre as colônias sírias – que estavam sob protetorado Franco-Britânico – o imigrante já não estava interessado no enriquecimento rápido, nem em enviar as constantes remessas de dinheiro para seus familiares, mas em retornar o mais rápido possível à sua terra natal para vivenciar a libertação do Império Otomano em solo pátrio. Porém, a conjuntura a qual se defrontaram no pós-dominação, foi determinante para mudar sua decisão – que passou a ser de permanência e imersão na estrutura brasileira - a ponto de mobilizar levadas imigratórias de famílias inteiras a se fixar definitivamente no Brasil (HAJJAR, 1985).

A partir da fragmentação do território antes identificado como Grande Síria e com a consequente independência do Líbano e da Síria, especialmente, o antes “sírio-libanês” agora se identifica como “sírio” ou “libanês”. O que era provisório passou a ser definitivo. O progresso manufatureiro alavancou o interesse de muitos imigrantes árabes do comércio para a indústria, tornando-os precursores e proprietários de muitas delas, com domínio de mercado de uma gama de produtos. Nesse período, adquiriram muitas propriedades e aos poucos fizeram do Brasil seu lar permanente.

3.2. Tramas da 2ª Guerra Mundial

Quando a região da Montanha do Líbano proclama sua independência em 1943 está ainda sob o protetorado francês. De outro lado, grupos nacionais libaneses reclamam a autonomia do Estado e solicitam a saída da França. Para maior confiabilidade da minoria cristã no Líbano, o corpo político da região passou a ser distribuído segundo critérios religiosos firmados por um pacto, onde o Presidente deveria ser maronita, o Primeiro-Ministro, sunita e o presidente da Assembleia Legislativa, xiita. Contudo, os muçulmanos sunitas e xiitas não ficaram satisfeitos, uma vez que seus anseios de realização, progresso e desenvolvimento estariam truncados. Também sentiam o Líbano não árabe; identificavam-no com o Ocidente e com o

cristianismo, o que afastava por completo seu ideário de unidade árabe (HAJJAR, 1985).

Portanto, para esses cidadãos oprimidos do Líbano, deixar de ser sírio para ser libanês constitui-se numa perda, pois essa mudança, distancia-os de um ideal maior, que é a unidade árabe, colocando-os ainda frente à realidade de serem os oprimidos, numa terra onde além de terem de aceitar o governo de facções antagônicas, terão ainda de submeterem-se ou rebelarem-se, restando-lhes além destas opções, a terceira, que é emigrar. (HAJJAR, 1985, p. 119).

Neste momento, ocorre um movimento reverso: se antes eram os cristãos que precisavam imigrar porque se consideravam oprimidos pelos otomanos, agora são os muçulmanos que imigram porque não toleram a prepotência e arrogância dos cristãos. Ao chegarem ao Brasil, o cenário com que esses novos imigrantes - agora não mais cristãos, mas sim muçulmanos - se depararam, lhes era completamente distante e estranho. Não eram agregados por seus conterrâneos e passaram a se sentir isolados em seu próprio grupo.

Com a chegada desses imigrantes, com as características iniciais da imigração individual e espontânea, sem a orientação ou proteção de países ou estados, apesar de encontrarem um império montado pelos membros de sua coletividade, não conseguem se identificar com seus conterrâneos, nem com suas produções, nem com esse império; sente-se diferente e só. É nomeado árabe, mas fala uma linguagem da primeira leva imigratória; existe uma coletividade já fixada, mas com realidade brasileira, diferente da sua que ainda é completamente árabe e vinculada à terra de origem. (HAJJAR, 1985, p. 116-117).

Finda a Segunda Guerra Mundial, em 1948 foi instaurado o Estado de Israel na Palestina, que desde o Acordo de *Sykes-Picot* estava sob a égide de uma administração internacional. Inúmeros conflitos armados financiados pela Europa e pelos Estados Unidos ocorreram devido à disputa pelo território palestino, o que causou também nesse período grandes diásporas, inclusive para o Brasil. Nesse momento, sírios, libaneses e palestinos se identificavam em suas dificuldades na nova terra.

Esse povo oprimido, primeiro pelos otomanos, depois pelos ingleses e franceses, tendo sofrido a Primeira e Segunda Guerra Mundial, tendo vivido sonhos e esperanças, saiu da Segunda Guerra e viu implantado em seu seio um Estado estranho, viu seu corpo esfacelado por outras identidades, pois o palestino e o libanês, em verdade, sempre foram sírios. Sírios do Líbano ou da Palestina, mas adquirindo uma nova identidade frágil e combatida de palestino; frágil porque separada do seu corpo original, a Síria, e separada do Líbano e da Jordânia, sua irmã, o que os torna mais acessíveis e expostos a toda espécie de invasões, dominações e opressões possíveis de serem desencadeadas por um inimigo. (HAJJAR, 1985, p. 120-121).

Os imigrantes que chegam ao Brasil após a Segunda Guerra são mais sofridos e tem mais experiência dos processos de independência de seus países. Percebem que as fronteiras não são só físicas, mas também imaginárias. Muitos imigrantes desse período são mais politizados, mesmo porque, após 1949, os partidos políticos já estão organizados e já se vislumbra na terra de origem o nascimento de Partidos como o Baath da Síria; o Partido Nacionalista Sírio; o Nasserismo; entre outros.

Em 1956, ocorreu a Guerra do Sinai, onde o Egito, a Síria, o Líbano, o Iraque e a Jordânia se uniram pela posse do Canal de Suez. Foi a primeira guerra Israelo-Árabe após a implantação do Estado sionista de Israel. O apoio da Inglaterra que juntamente com a França também lutou na Guerra, manteve o privilégio do Canal e Israel anexou ainda mais terras da Palestina (HAJJAR, 1985).

A vitória política do Egito na Guerra do Sinai colocou Nasser como um forte líder do movimento de unificação árabe. Sírios, libaneses e palestinos viram no Nasserismo o ressurgimento do esplendor árabe. O partido ganhou adeptos de uma grande massa do Mundo Árabe e incorporou o Egito na República da Síria, demandando a criação da República Árabe Unida – RAU. (HAJJAR, 1985).

O nasserismo atraiu um grande contingente de adeptos libaneses que sentiam que seus direitos, enquanto cidadãos muçulmanos no Líbano eram sufocados pelos cristãos maronitas que detinham o poder e as posições chaves da política e da economia. Nasser surge para este povo como um salvador e a proposta da RAU é incorporar o Líbano. (HAJJAR, 1985, p. 123).

Com isso, deu-se início à Revolução Libanesa, em 1958, quando a América do Norte interveio no Oriente Médio com o pretexto de defender a soberania do Estado cristão. Dois anos depois, com a saída do Egito da Síria, houve a dissolução da RAU. Em 1960, um grupo oficiais sírios se mobilizou para formar um comitê militar secreto com o intuito de tomar o poder na Síria. Um desses oficiais era Hafez Al-Assad. Dois anos depois, em 1962, com a ascensão do Partido Baath Sírio uma nova fase organizativa e de transformação política se instaura na Síria e uma série de golpes militares começam a ocorrer. Esse sistema então se articula e eleva Hafez ao poder. A partir desse cenário, a Síria se enreda em uma nova e sombria trama de sua história.

3.3. Tramas contemporâneas

Durante os períodos de 1961 a 1970, a Síria sofreu golpes militares vários, tendo quase uma dezena de presidentes ocupado a mais alta patente do Executivo Sírio. Porém, em 1971 o poder é tomado por meio de mais um golpe militar, agora liderado por Hafez al-Assad.

Hafez al Assad era de uma família modesta e fazia parte de uma minoria religiosa na Síria, os Alauitas. Este caráter minoritário sempre esteve presente no seu governo, pois constantemente buscava formas de governabilidade que permitisse a ascensão socioeconômica e política de sua minoria (os alauitas), bem como dos cristãos e drusos, em detrimento da maioria sunita. Este breve retrato das sucessões presidenciais na Síria revela a complexidade da composição política no país, sendo que, somente a partir de 1971 o presidente Hafez al Assad cria as condições para controlar mais firmemente as forças armadas e os principais grupos político-confessionais do país. (ZAHREDDINE, 2013, p. 12).

Com o golpe de Estado, o “movimento corretivo” de Hafez instaurou um regime ditatorial revestido de aparente nacionalismo árabe, que centralizava o poder e monopolizava todo o âmbito da administração pública, além de manter o controle dos meios de comunicação, dos exércitos e dos serviços de segurança.

Com a morte de Hafez em junho de 2000, através de uma rápida manobra do parlamento sírio, houve uma mobilização para votar uma alteração na Constituição Síria

que reduziria a idade mínima permitida para ocupar o cargo de Presidente da República³⁴ – estratégia esta que tornaria possível a elegibilidade imediata de um de seus filhos, Bashar Al-Assad.³⁵ Uma chancela bem direcionada e um “referendo” que ocorreu “sem opositores” o colocou no poder, aos 34 anos de idade.

O poder se concentrou nas mãos dos Al-Assad por quatro décadas. Com a morte de Hafez e a ascensão à presidência de Bashar, a Síria se manteve livre dos processos de fragmentação, sobretudo por possuir um exército fiel ao presidente e também por utilizar de violência para inibir qualquer movimento político contrário ao regime, valendo-se das forças armadas, das forças de segurança pública, bem como dos serviços de inteligência (ZAHREDDINE, 2013).

Em um primeiro momento - refere ZAHREDDINE (2013) - que Bashar aparentava suscitar certa expectativa de mudanças para o regime sírio – já que era jovem e possuía formação acadêmica na Europa, o que era visto com “bons olhos” - e algumas delas foram notadas em um curto espaço de tempo, como, por exemplo, maior acesso à informação através da expansão da internet e as tentativas de retirar o país do isolamento político. No entanto, o regime manteve os mesmos mecanismos de ação do governo de seu pai.

As revoltas que se deflagram devido à insatisfação popular de seus modos de vida contra regimes políticos autoritários, deteriorados e antidemocráticos, não decorrem de um mero e casual estalo: elas se arrastam e perduram no tempo e são forças capazes de mobilizar a transformação de uma sociedade em diferentes níveis. A fagulha de protestos que se iniciou com a Revolta de Jasmim na Tunísia em 2010 e que se alastrou pelo Oriente Médio atingindo além de outros países, a Síria, ficou conhecida como Primavera Árabe e teve seu início em fevereiro de 2011 perdurando até o momento. Sob fortes repressões, alguns países tiveram suas manifestações asfixiadas e outros imergiram em verdadeiras guerras civis que aparentam estar longe de seu desfecho.

³⁴ A idade mínima prevista pela Constituição Síria era de 40 anos de idade para ocupar o cargo de Presidente da República. O ardil parlamentar visava reduzir de imediato a idade mínima prevista na Constituição para 34 anos, idade de seu filho Bashar Al-Assad na época, que deveria ascender ao poder.

³⁵ Hafez em vida pretendia que seu filho Bassel Al- Assad fosse elevado ao cargo de Presidente no futuro. Porém, Bassel teria sofrido um acidente em 1994, vindo a falecer. Fontes informais, no entanto, dizem que Bassel teria sido executado. Durante esse período, Bashar estudava medicina na Inglaterra (oftalmologia) e seria o sucessor de seu pai.

A guerra na Síria está para além do que se pode conceber. Gente que para não morrer precisa ceder, viver para se esconder ou fugir para viver. Precisa sobreviver ou ainda, subviver. Mas precisa encontrar o seu estar-aí-no-mundo, na vida e nas incertezas de como, quando e onde se é permitido – ou não – viver. Permanecerão no fogo cruzado?³⁶ Se abrigarão nos países vizinhos?³⁷ Morrerão nas travessias marítimas?³⁸ Deixarão seus lares e famílias e se desgarrarão rumo ao desconhecido?³⁹ Continuarão indesejados e abandonados nas fronteiras à própria sorte?⁴⁰

A Síria se tornou o país que gerou a maior onda de deslocamentos forçados do mundo. Diferentemente das informações que a grande mídia veicula, inicialmente, a maior parcela de sírios não se deslocou rumo ao continente europeu. Segundo a Agência da ONU para Refugiados – ACNUR, milhões de sírios foram forçados a deixar suas casas para se refugiar em países vizinhos como Líbano, Jordânia, Turquia, Iraque e Egito - vivendo abaixo da linha da pobreza ou em comunidades de acolhimento muito precárias. Destes países fronteiriços, a Turquia e o Líbano foram os que mais acolheram deslocados no período.⁴¹

Contudo, como muitos desses países não se anteciparam frente a essa contingência, fatores como a perda de esperança; alto custo de vida e pobreza extrema; oportunidades limitadas para a subsistência; ajuda insuficiente; obstáculos para renovar a residência local; escassas oportunidades de educação e sentimento de insegurança foram algumas das razões que impulsionaram o fluxo migratório rumo à Europa, em

³⁶ Deaths in Syria mass protests. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/07/201173003822243302.html>>. Acesso em: 17/03/2020.

³⁷ UNHCR: Syrian refugees cross four milion mark. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2015/07/unhcr-syrian-refugees-4-million-150709033023489.html>>. Acesso em: 17/03/2020.

³⁸ ‘More than 70 children dead’ since Alan Kurdi. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2015/10/aylan-kurdi-children-refugees-turkey-greece-lesbos-drowned-crisis-syria-151029235626398.html>>. Acesso em: 17/03/2020.

³⁹ A long way from home: Syrians find unlikely refuge in Brazil. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/mar/11/syrians-refuge-brazil-latin-america-war-refugees>>. Acesso em: 17/03/2020.

⁴⁰ Refugees told ‘Europe is closed’ as tensions rise at Greece-Turkey border. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/mar/06/refugees-europe-closed-tensions-greece-turkey-border>>. Acesso em: 17/03/2020.

⁴¹ ACNUR. “Sete fatos sobre a crise na Síria”. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2018/09/12/sete-fatos-sobre-a-crise-na-siria/>>. Acesso em: 01/04/2020.

busca de melhores condições de vida e de trabalho.⁴² Desde o início do êxodo, milhares de homens, mulheres e crianças morreram afogados nas perigosas travessias do Mediterrâneo.⁴³

A potência da vida demonstra diariamente o quanto querem permanecer vivos. É compreender, nas palavras de VACCHIANO (2015), que

O risco já não parece tão impossível e a ideia de sacrifício compensa perante a possibilidade de perder-se. Nem a morte pode já assustar quem, no fundo, sente a imobilidade como a forma mais dolorosa de morte em vida. (VACCHIANO, 2015, p. 144).

Graças à grande quantidade de imigrantes sírio-libaneses pioneiros estabelecidos no país e de seus descendentes, o Brasil é o país que possui a maior comunidade libanesa fora do Líbano. São cerca de 10 milhões de libaneses e seus descendentes que vivem no Brasil contra cerca de 3,5 milhões que vivem no país de origem.⁴⁴ No ano de 2010 – na esteira da Primavera Árabe – foram comemorados os 130 anos do início oficial da imigração árabe no Brasil. São Paulo, considerada a maior cidade da América Latina, possui a maior concentração da comunidade sírio-libanesa do país.⁴⁵ A presença desses imigrantes foi tão marcante e significativa na cidade, sobretudo na região da Rua 25 de março onde os primeiros imigrantes se instalaram, que a data de mesmo nome foi adotada pela própria comunidade para comemorar a imigração sírio-libanesa em São Paulo.

Mas por que antes eram inseridos na categoria de “imigrantes” e hoje são inseridos na categoria de “refugiados”? Os sírio-libaneses que chegaram e se estabeleceram no Brasil até a Segunda Guerra Mundial, estavam inseridos na categoria de “imigrante”. E foi somente no pós-Segunda Guerra que a tipificação de “refugiado” ganhou abrangência à luz da Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos

⁴² ACNUR. “Perda de esperança e pobreza extrema levam os sírios a pedir refúgio na Europa.” Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/2015/09/29/perda-de-esperanca-e-pobreza-extrema-levam-os-sirios-a-pedir-refugio-na-europa/>>. Acesso em: 01/04/2020.

⁴³ Nações Unidas. “Mediterrâneo”. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=mediterraneo>. Acesso em: 01/04/2020.

⁴⁴ Senado Notícias: “Comunidade Libanesa no Brasil é maior que população do Líbano”. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2010/04/22/comunidade-libanesa-no-brasil-e-maior-que-populacao-do-libano>>. Acesso em: 01/04/2020.

⁴⁵ Podemos dizer que em maior número, libaneses.

Refugiados, ratificada em 28 de julho de 1951⁴⁶ que, em decorrência das graves violações de Direitos Humanos, foi formalizada e ratificada pelos países signatários, dos quais o Brasil faz parte. De acordo com a Convenção, o termo “refugiado” se aplica a qualquer pessoa que:

Em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade, e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.⁴⁷ (ACNUR, 1951).

Observe-se que embora a Convenção tenha estabelecido o conceito de “refugiado” e consolidado proteção e direitos voltados a esse grupo de referência em nível global, limitou-se a apenas a eventos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951, não contemplando, portanto, o fluxo de refugiados que pudessem eventualmente surgir decorrência de novos conflitos após esse período. Como consequência, foi necessário estabelecer o Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados, ratificado em 04 de outubro do referido ano, a fim de abranger todos os “refugiados” não considerados pela Convenção de 1951:

Considerando que a Convenção Relativa ao estatuto dos Refugiados assinada em Genebra, em 28 de julho de 1951 (daqui em diante referida como a Convenção), só se aplica às pessoas que se tornaram refugiados em decorrência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951; Considerando que, desde que a Convenção foi adotada, surgiram novas categorias de refugiados e que os refugiados em causa podem não cair no âmbito da Convenção; Considerando que é desejável que todos os refugiados abrangidos na definição da Convenção, independentemente do prazo de 1º de janeiro de 1951, passam a gozar de igual estatuto (...).⁴⁸ (ACNUR, 1967).

⁴⁶ ACNUR. Convenção Relativa ao estatuto dos Refugiados (1951). Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 01/04/2020.

⁴⁷ ACNUR. Convenção Relativa ao estatuto dos Refugiados (1951). Artigo 1º, A, 2). Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 01/04/2020.

⁴⁸ ACNUR. Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Protocolo_de_1967_Relativo_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 01/04/2020.

O Brasil foi signatário tanto da Convenção⁴⁹ quanto do Protocolo⁵⁰, incorporando-os nas legislações internas do país, inclusive, absorvida pelo artigo 5º - o primeiro artigo que prevê os direitos e garantias fundamentais como cláusula pétrea - da Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988.⁵¹

A sociedade brasileira é miscigenada; possui raízes multiétnicas e multiculturais profundas, que dialogam durante todo o tempo com muitos vieses de questões estruturais do país. Indígenas, africanos, árabes, italianos, alemães, portugueses, japoneses, espanhóis... E a lista foge do catálogo. Não há a quem se pergunte que não tenha suas raízes ancestrais emaranhadas ali. Afinal, qual é a cara do Brasil, deste Brasil mestiço? Qual é o gene do brasileiro?

Embora o Brasil não estivesse entre os países de destino preferencial dos sírios “refugiados”, acolheu mais sírios do que países na rota europeia de refugiados⁵². Houve um aumento considerável do número de sírios desde o início do conflito, especificamente. De acordo com a ACNUR, os dados divulgados pelo Comitê Nacional para Refugiados - CONARE, na 4ª edição do relatório “Refúgio em Números”, informa que só no ano de 2018 o Brasil reconheceu cerca de 1.086 refugiados de diferentes nacionalidades, somando um total de 11.231 pessoas reconhecidas como refugiadas pelo Estado brasileiro. Desse número, os refugiados sírios representam 36% da população com registro ativo no Brasil.⁵³

Esclareço que o emprego do termo “refugiado”, utilizado na pesquisa para descrever esse grupo de referência que aportou no Brasil após a ocorrência da

⁴⁹ Planalto. Decreto nº 50.215, de 28 de janeiro de 1961. Promulga a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, concluída em Genebra, em 28 de julho de 1951. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D50215.htm>. Acesso em: 01/04/2020.

⁵⁰ Planalto. Decreto 70.946 de 07 de agosto de 1972. Promulga o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados, concluídos em Nova York, a 31 de janeiro de 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D70946.htm>. Acesso em: 01/04/2020.

⁵¹ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01/04/2020.

⁵² BBC. Brasil acolhe mais sírios que países na rota europeia de refugiados. Disponível em: <[⁵³ ACNUR. “Dados sobre refúgio no Brasil”. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 01/04/2020.](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_brasil_refugiados_sirios_comparacao_internacional_lgb#:~:text=Brasil%20acolhe%20mais%20s%C3%ADrios%20que%20pa%C3%ADses%20na%20rota%20europeia%20de%20refugiados,-Lu%C3%ADs%20Guilherme%20Barrucho&text=Desde%20o%20in%C3%ADcio%20da%20crise,destino%20de%20refugiados%20na%20Europa.&text=Trata%20de%20a%20nacionalidade%20com,da%20a%20ngolana%20e%20da%20congolesa.>. Acesso em: 01/04/2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Primavera Árabe, será feito tão somente porque se trata de um termo formal aplicado pela lei a fim de conceder direitos a pessoas nessa condição. Esse termo carrega o peso da diferença, das barreiras imaginárias entre “nós” e “eles”. Reforço o meu ponto de vista, de que nenhum ser humano é ilegal. Os deslocamentos forçados é que tornam as pessoas “refugiadas” e são eles que tipificam o “refugiado.” Enfatizo, ainda, que as pessoas não “são” refugiadas, elas “estão” refugiadas. Se trata, portanto, de uma condição e não de uma categoria.

Apesar das mais diversas profissões exercidas por esse grupo de referência em seu país de origem e da dificuldade em conseguir se inserir no mercado de trabalho brasileiro em suas respectivas áreas de atuação, recortes demonstram que novos campos de trabalho despontaram através de alternativas capazes de promover novas lógicas de integração cultural.

Para MAGNANI (1996), a cidade de São Paulo é um espaço singular que pode proporcionar experiências como essas, considerando a procedência de seus habitantes, a riqueza de suas tradições culturais, a variedade de seus modos de vida e a infinita possibilidade de trocas que possibilita, como também de representações que a identificam com o trabalho, a formalidade, a frieza das relações impessoais e o anonimato da vida cotidiana:

Trata-se de uma metrópole, com suas mazelas e também com os arranjos que os moradores fazem para nela viver (ou sobreviver), combinando o antigo e o moderno, o conhecido e a novidade, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro. Sem negar a realidade daqueles fatores, nem procurar amenizar suas consequências, é possível mostrar que a cidade oferece também lugares de lazer, que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados. (MAGNANI, 1996, p. 3).

As estratégias alimentares são o ponto crucial da pesquisa porque se destacam na maior parte dos casos - por profissão ou por necessidade - das mais diferentes possibilidades de integração, porque elas são formas de conexão com o país de destino, seja por ministrar aulas de culinária árabe⁵⁴; por abrir um restaurante próprio⁵⁵; por

⁵⁴ Icarabe. Refugiados da Síria ensinam pratos típicos em curso de culinária do Adus. Disponível em: <<https://icarabe.org/index.php/eventos/refugiados-da-siria-ensinam-pratos-tipicos-em-curso-de-culinaria-do-adus>>. Acesso em: 09/10/2015.

empreender pelas redes sociais⁵⁶ ou mesmo por possibilitar oportunidades de negócio a outros conterrâneos⁵⁷. O alimento surge então como uma forma de recomeço, de troca de experiências, de integração e de apropriação da cidade. Não estamos falando da cozinha em si, mas da experiência da cozinha enquanto espaço social que, a partir da comida oferecida pelas portinhas que se espalham pela cidade, integra, permite integrar e torna a apropriação e o uso do espaço uma experiência possível.

⁵⁵ Icarabe. Três sírios e um restaurante. Disponível em: < <https://icarabe.org/node/2847>>. Acesso em: 15/02/2017.

⁵⁶ ACNUR. Refugiada síria empreende em São Paulo e acumula seguidores pelas redes sociais. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/refugiada-siria-empreende-em-sao-paulo-e-acumula-seguidores-pelas-redes-sociais/>> Acesso em: 22/05/2018.

⁵⁷ ACNUR. Em São Paulo, startup de refugiada síria cria oportunidades de negócios para outros refugiados. Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/2018/05/30/em-sao-paulo-start-up-de-refugiada-siria-cria-oportunidades-de-negocios-para-outros-refugiados/>>. Acesso em: 01/04/2018.

4. Uma São Paulo de saborosas portinhas

4.1. O percurso metodológico e a costura do campo: um enfoque etnográfico

Para nortear e conduzir este estudo, foi utilizado o método etnográfico por se apresentar como estratégia ideal para atingir os objetivos desta pesquisa.⁵⁸

De acordo com MALINOWSKI (1975) são fontes etnográficas aquelas em que podemos estabelecer uma distinção entre os resultados das observações diretas e interpretações dos sujeitos - das inferências do autor - baseadas no seu bom senso e percepção psicológica. Além disso, refere que cabe ao etnógrafo compreender os aspectos culturais estudados sem estabelecer diferenças entre o que é comum ou corriqueiro e o que o surpreende como algo insólito ou fora do lugar.

Para GEERTZ (1989) a etnografia se apresenta como uma descrição “densa” e os etnógrafos são, portanto, aqueles que fazem essa descrição. Segundo o autor,

O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. Isso é verdade em todos os níveis da atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico...escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”...) (GEERTZ, 1989, p. 7)

Nesse sentido, CLIFFORD (2008) refere que “a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual.” (CLIFFORD, 2008, p. 21).

⁵⁸ A presente pesquisa foi realizada com respeito ao Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Disponível em: < <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/#:~:text=Direito%20de%20ser%20informadas%20sobre,de%20prejudicar%20o%20grupo%20investigado>>. Acesso em: 20/05/2021.

A imersão em campo e o recorte do objeto de estudo a partir do olhar empírico permitem revelar singularidades e aspectos culturais que analisados sob a égide da teoria e da ciência, buscam alcançar os objetivos propostos. A pesquisa ocorre nos contornos da cidade e requer, portanto, uma análise à luz de estudos em antropologia urbana.

MAGNANI (2009) compreende a cidade para além de um simples cenário onde transcorre a ação social. Segundo o autor, trata-se do resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores em uma complexa rede de interações, trocas e conflitos e tal resultado, sempre em desenvolvimento, constitui uma gama de possibilidades que compõem o leque tanto para o surgimento de novos arranjos como também de obstáculos. E cabe à etnografia a compreensão desse movimento de mão dupla.

Em todo caso, em vez de um olhar de passagem, cujo fio condutor são as escolhas e o trajeto do próprio pesquisador, o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa, etc. esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte em análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. (MAGNANI, 2002, pp. 11-12).

Desta maneira, o autor propõe como estratégia para uma cuidadosa descrição etnográfica, o que denominou de um olhar “de perto e dentro”, que contrasta com o conceito do olhar “de fora e de longe” (MAGNANI, 2016, p. 195), embora ambas as perspectivas se complementem em algum momento. Ou seja, é não ter de optar por uma ou outra vertente, mas reforçar a importância de apreciar e registrar os múltiplos, surpreendentes e criativos arranjos dos atores sociais em meio à suposta determinação das variáveis macro estruturais, quer sejam econômicas, demográficas ou ambientais.

(...) É preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário, e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas genérico e sem rendimento explicativo. Em outros termos, nem no nível das grandes estruturas físicas, econômicas, institucionais, etc. da cidade, nem no das escolhas individuais: há planos intermediários nos quais se pode distinguir a presença de padrões, de regularidades. Para captá-los é preciso, por conseguinte, modular o olhar. Entre o “de fora e de longe” e o “de perto e de dentro” certamente há nuances e gradações que permitem variar os ângulos e escalas da observação. (MAGNANI, 2016, p. 191).

A partir dessa perspectiva, eu iniciei a minha pesquisa de campo dando meus primeiros passos no exploratório. Nesse momento, os desdobramentos da Primavera Árabe impulsionavam o deslocamento forçado de milhares de refugiados, muitos dos quais chegavam ao Brasil, que os recebia de braços abertos:

O Brasil, mesmo nesse momento de superação de dificuldades, tem os braços abertos para acolher refugiados. Reitero a disposição do governo brasileiro de receber aqueles que, expulsos de suas pátrias, para o Brasil queiram vir, viver, trabalhar e contribuir para a prosperidade e para a paz. Queremos oferecer-lhes essa esperança.⁵⁹ (ITAMARATY, 2020).

Esta foi a fala da presidenta da República Dilma Rousseff, em um artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo, poucos meses antes de sofrer um golpe político que deu início ao seu processo de *impeachment*, em 2015. Esse foi também o cenário político em que se deu o início do meu doutorado: enquanto muitos países fechavam suas fronteiras frente às demandas humanitárias, o Brasil recebia milhares de refugiados, muitos dos quais se instalavam quase invariavelmente na cidade de São Paulo.

O meu objetivo era definir o espaço onde estariam localizados os sírios refugiados que chegavam e se estabeleciam comercialmente na capital paulistana. Para tanto, procurei obter essas informações, inicialmente, através dos órgãos institucionais, pois parti da premissa de que são esses órgãos que geralmente detêm dados de entradas

⁵⁹ Itamaraty. Presidente da república Federativa do Brasil. Os Refugiados e a esperança (Folha de São Paulo, 10/09/2015). Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-artigos/11231-folha-de-s-paulo-os-refugiados-e-a-esperanca-artigo-dilma-rousseff>>. Acesso em: 17/08/2020.

e permanências e, portanto, seriam as principais fontes das informações que eu precisaria para localizar esse grupo de referência.

No dia 11/02/2016, me dirigi até a sede da Polícia Federal, onde fui direcionada a mais de um departamento sem conseguir obter, no entanto, qualquer informação. Me aconselharam a entrar em contato com o CONARE, via e-SIC. Feito isso, no dia 26/02/2016, recebo a resposta:

"Não tem competência para responder a essa demanda. Sugerimos que efetue contato pelos SICs dos Ministério das Relações Exteriores - MRE e/ou pelo Ministério da Justiça (Polícia Federal)."

Voltei a entrar em contato com a Polícia Federal via e-mail e a única resposta que obtive foi a seguinte:

"No ano de 2011, houve 11 pedidos de refúgio: no mês de setembro foram 2 pedidos para homens; no mês de outubro foram 5 pedidos para homens e no mês de novembro foram 4 pedidos, sendo 2 para homens e 2 para mulheres. Em 2013, foram 44 pedidos. Em 2014, foram 31 pedidos." Também fui informada de que "A partir do segundo semestre de 2014, as entrevistas deixaram de ser realizadas devido ao aumento significativo de solicitações."

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2016).

Entrei em contato então com o Itamaraty, em 07/06/2016 através de uma mensagem via portal. A resposta veio por e-mail:

"O CONARE é presidido pelo Ministério da Justiça e integrado pelo Itamaraty, que exerce sua Vice-Presidência. Nesse sentido, sugerimos o contato com o CONARE, por meio do endereço conare@mj.gov.br".

No dia 13/06/2016, atendendo à sugestão entrei em contato com o CONARE via e-mail, e recebi a seguinte resposta: *"Prezada, bom dia. Essas solicitações deverão ser feitas pelo portal do Ministério da Justiça através do link SIC"*.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2016).

Senti uma profunda sensação de impotência diante das barreiras burocráticas que os órgãos públicos impõem à pesquisa e do tempo dispensado à espera de dados precisos, que me desgastaram por meses. Percebi também que não poderia recorrer aos órgãos institucionais como fonte única para a pesquisa. Levei o caso para a minha orientadora: *“Laís, você tem que buscar as chaves interpretativas. Você não quer chegar às portinhas? Procure onde estão as portinhas.”* Brilhante! Naquele momento, se eu não fosse Laís, queria ser Maria.

Decidi entrar em contato com o órgão responsável pelo registro de estabelecimentos comerciais, a JUCESP. Foram inúmeras as tentativas de contato telefônico frustradas por diversas razões: não atendiam ao telefone; quando atendiam, me deixavam em uma espera infinita; quando não me deixavam em espera, não informavam com precisão qual seria o departamento responsável para atender à minha demanda. Notei que por telefone as coisas não se resolveriam, por mais simples que fosse a informação. Fui pessoalmente até a sede, localizada no bairro da Barra Funda.

Depois de muito tempo de espera, me orientaram a protocolar uma petição direcionada ao Presidente da JUCESP para que me fosse fornecida uma lista específica que não estaria disponível para consulta no site – ou seja, dos estabelecimentos que comercializavam comida árabe registrados a partir de janeiro de 2011. Conforme orientação, redigi uma petição me identificando como pesquisadora da USP e informei a necessidade desse levantamento para o andamento da minha pesquisa.

Protocolizei a minha solicitação na sede em 30/08/2016. Fui informada de que o deferimento do meu pedido não poderia ser visualizado pela internet, e que eu deveria me dirigir à sede da JUCESP sempre que quisesse verificar o andamento. Questionei sobre qual seria o prazo mínimo para análise e me informaram que seria, no mínimo, de 30 dias. Ao menos uma vez por semana eu comparecia à sede para tentar agilizar o processo. Fiz isso durante meses. Depois de quase 1 ano engessada com a burocracia e de incontáveis contatos telefônicos cuja resposta sempre dependia de outros setores, me deram um retorno telefônico, dizendo que a minha solicitação dependia do departamento de Tecnologia da Informação (TI) e do Centro de Processamento de

Dados (CPD) e que perigava não abranger o recorte da minha pesquisa, além de prever um tempo de espera bastante longo – tempo este que eu já não dispunha, pois o meu exame de qualificação já estava com data prevista para 29/09/2017. Decidi que eu mesma faria o recorte manual e que iria de porta em porta para identificar esses estabelecimentos.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, agosto de 2016).

Ainda que o rastreio através do site da JUCESP pudesse não ser a melhor das opções para um levantamento preciso como eu gostaria que fosse – e provavelmente pelas vias institucionais também não seria - iniciei uma busca virtual independente com a seguinte estrutura:

- I) Realizei primeiro um recorte temporal, que foi de 01 de janeiro de 2011 até 01 de julho de 2017;
- II) Realizei na sequência um recorte espacial, que abrangia apenas a cidade de São Paulo. Feito isso, procurei fixar os critérios de pesquisa de duas maneiras, considerando termos genéricos, como “árabe” e “comida árabe” e termos um pouco mais específicos, como “síria” e “comida síria”, nos campos de busca por nomes que poderiam estar contidos tanto no “objeto” como na “razão social” das empresas ali registradas.

Iniciei a busca pelas quatro categorias genéricas, a saber: a primeira, constando o termo “árabe” na “razão social” e foram encontrados 53 estabelecimentos, dos quais verifiquei que apenas 38 tinham relação com culinária. A segunda, constando o termo “árabe” no “objeto” e foram encontrados 12 estabelecimentos, dos quais verifiquei que apenas 10 tinham relação com culinária. A terceira, constando o termo “comida árabe” na “razão social” e foi encontrado 01 estabelecimento, do qual verifiquei que repetia da primeira pesquisa. A quarta, constando o termo “comida árabe” no “objeto” e foram

encontrados 06 estabelecimentos, dos quais verifiquei que todos repetiam da segunda pesquisa.

Depois, iniciei a busca também pelas quatro categorias específicas: a primeira, constando o termo “síria” na razão social e foram encontrados 19 estabelecimentos, dos quais verifiquei que apenas 03 tinham relação com culinária. A segunda, constando o termo “síria” no “objeto” e foi encontrado 01 estabelecimento. A terceira, constando o termo “comida síria” na “razão social” e não foi encontrado nenhum estabelecimento. A quarta, constando “comida síria” no “objeto” e não foi encontrado nenhum estabelecimento.

Após obter esses dados a partir das empresas registradas na JUCESP que estão relacionadas com culinária árabe e/ou síria, comecei a segunda etapa da pesquisa: a construção de cartografias que me permitiriam iniciar o meu percurso. A primeira plotagem foi realizada através da inclusão por regiões dos endereços obtidos através do site da JUCESP na ferramenta do Google Maps. Deste modo, obtive a seguinte imagem:

A partir desse mapa pude observar que um aglomerado de pontos se formava com maior nitidez na região central cidade, mas que também se estendia timidamente no sentido dos bairros. Com o mapa em mãos, identifiquei regiões e fiz uma legenda numérica dos bairros correlatos. Observei que esses pontos juntos que indicavam os estabelecimentos comerciais formavam, na região central da cidade de São Paulo, uma espécie de “mancha”.

A etnografia caracteriza o métier antropológico. Não se pode falar em etnografia urbana sem relacioná-la com as diferentes categorias trabalhadas por MAGNANI (2016): o pedaço, a mancha, o trajeto, o pórtico, o circuito. Isto porque, durante a pesquisa de campo e em campo, embora a principal categoria utilizada seja a mancha, em algum momento resvalei em mais de uma delas:

(...) Cada uma, à sua maneira, permite identificar um arranjo especial de consistência: se no pedaço não há lugar para estranhos, a mancha tem mais amplitude, pois acolhe mesmo quem não se conhece pessoalmente, já que o elemento que une é a identificação por um certo gosto musical, estilo de vida, orientação sexual, religiosa, etc. e tem uma implantação mais estável na paisagem urbana. Já circuito é mais abrangente, pois liga pontos sem necessariamente haver contiguidade espacial, permitindo trocas entre parceiros distantes: transcende fronteiras físicas. Trajetos levam de um pedaço a outro, ou cortam as manchas, transpondo pórticos. Como se pode ver, trata-se de unidades calcadas em vivências concretas de atores sociais, mas também são unidade de análise que permitem identificar, descrever, comparar, para além de experiências particularizadas: têm-se como resultado diferentes graus de consistência. (MAGNANI, 2016, p. 189).

Na pesquisa, foram as manchas que me levaram a estabelecer o caráter metodológico da pesquisa, porque compreende os lugares enquanto pontos de referência para um número mais amplo de usuários, cujo fator determinante da apropriação é exercido pelo componente espacial físico, dada a sua multiplicidade de relações e interações:

São as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com a sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. (MAGNANI, 2002, p. 19).

E a mancha que localizei se concentrava nas regiões centrais do Brás e Rua 25 de Março, mas também se estendia na direção da Avenida Paulista. Suas bordas alcançavam, ainda, regiões do centro estendido e bairros adjacentes, como Butantã, Pinheiros, Vila Madalena, Vila Mariana, Ipiranga, Morumbi, Santo Amaro, Tucuruvi, Santana, Vila Maria baixa, Tatuapé, Vila Prudente e Vila Guilhermina. No total, foram visitados, um a um, 52 estabelecimentos e destes, apenas 5 pertenciam a sírios refugiados e estavam dentro do recorte da pesquisa.

Quanto aos outros 47 estabelecimentos, embora todos constassem nos registros ativos da JUCESP como estabelecimentos de comida árabe ou síria, foi percorrendo cada um que descobri que não correspondiam com suas localizações efetivas. Durante o percurso me deparei com diversas situações: em alguns casos o restaurante já não existia mais ali e em outros, estabelecimentos sem qualquer relação foram encontradas nesses locais, tais como prédio, terreno baldio, tabacaria, salão de cabeleireiros, advocacia, adega, doceria, imóvel residencial, loja de materiais de construção e afins.

De outro lado, também pude averiguar que, dos estabelecimentos encontrados que de fato comercializavam comida árabe, quase todos pertenciam a libaneses já estabelecidos há muito tempo na região e não a sírios refugiados e que, portanto, também estavam fora do recorte da pesquisa.

Dentre os estabelecimentos analisados, os restaurantes mais renomados e os de grande porte ou em localizações mais nobres da cidade eram majoritariamente propriedade de antigas famílias libanesas. Diferentemente, os estabelecimentos abertos recentemente por sírios refugiados, estavam localizados em regiões menos elitistas e mais centrais, eram identificados por uma portinha; muito pequenos; apertadíssimos e muitos deles não ofereciam qualquer conforto ou comodidade. Com uma observação atenta eu os podia identificar pelo cheiro característico das especiarias que só saíam dessas portinhas, que rapidamente se espalhavam pela cidade.

Nesta primeira etapa da pesquisa, evidenciou-se a dificuldade em se obter informações precisas em órgãos institucionais. Evidenciou-se também, que as informações obtidas na JUCESP quanto aos estabelecimentos já registrados, não correspondiam exatamente com suas localizações efetivas, de modo que o desencontro

destas informações foi um dos desafios iniciais da pesquisa. Além disso, a construção de cartografias se apresentou como um instrumento referencial importante para o início da pesquisa etnográfica, onde eu pude identificar com precisão por onde eu deveria iniciar meu trabalho de campo. Compreendi que as informalidades, o conhecimento pelo “boca-a-boca” mostraram maior efetividade do que o retorno aguardado pelas vias convencionais e burocráticas.

As observações, as visitas, os diálogos informais e os relatos obtidos durante a fase exploratória bem como no decorrer da pesquisa possibilitaram a averiguação tanto das hipóteses preliminares levantadas no projeto de pesquisa quanto a elaboração de novas hipóteses que foram constatadas ou refutadas na medida em que ocorria a imersão em campo. Como descreve MAGNANI (2009),

(...) A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009, p. 135).

No decorrer da pesquisa, hipóteses antes levantadas no projeto foram confirmadas e outras refutadas e novas hipóteses também surgiram. Uma hipótese levantada foi a de que embora muitos refugiados estivessem espalhados pela cidade, quase invariavelmente o Brás foi o primeiro ponto de contato da maioria deles com a cidade de São Paulo ao deixarem o Aeroporto Internacional de Guarulhos, conforme se verifica nas seguintes narrativas:

“Quando eu cheguei, tinha um menino libanês que ficava no aeroporto de Guarulhos...ele falava árabe; isso ajudou. Falou que tinha mesquita no Brás. Do aeroporto fui para o Brás, na mesquita. Lá, conheci outros sírios e em mais ou menos dez dias eu já tinha conseguido uma indicação para trabalhar em um restaurante lá.”

(Abdoulrahman Alsaied, 2018).

“Cheguei no aeroporto de Guarulhos sem falar nada em português. Um amigo que já estava no Brasil me ajudou, foi me buscar. De lá, fui para um hotel no centro de São Paulo, acho que perto da Luz. Depois tive um convite para trabalhar em um restaurante libanês no Brás. Quando um sírio chega, a maioria já começa a trabalhar no Brás, com um libanês.”

(Khaled Flihan, 2018).

“Eu estava na Argentina. Lá eu tinha uma sociedade com uma rede de dez restaurantes. Como o negócio não estava dando certo, um amigo me convenceu a vir para o Brasil. Cheguei em Maringá e com outro amigo que já estava aqui, abrimos uma sociedade com dez lojas lá. Não deu certo também. Eu sempre vinha para São Paulo na Santa Rosa comprar produtos para trabalhar: noz, castanha, pistache. Eu gostei daqui e resolvi ficar. Tem muito árabe aqui. Quiseram fazer uma sociedade comigo para que eu abrisse uma loja de doces aqui no Brás.”

(Khaled Alkhabaz, 2018)

“Antes de chegar no Brasil, meu marido ligou para a mesquita do Pari, falou com umas pessoas sírias, mas aqui no Brasil há 20 anos. Ele falou para ele que nos esperaríamos no Aeroporto de Guarulhos. Eles esperaram e depois nos ajudaram para ficar em um hotel dois dias, depois eles pensaram: uma família sozinha, não falam português, não conhecem ninguém, vão ficar sozinhos no Brasil... eles ajudaram eu e meu marido para ficar na casa dele três meses, e depois eles ajudaram para conseguir alugar uma casa no Brás e também ajudaram meu marido a trabalhar na Feira da Madrugada para vender roupa para criança.”

(Ghazal Baranbo, 2020).

“Chegamos ao aeroporto, o único internacional em São Paulo. Chegamos, mas não sabíamos nenhuma pessoa aqui antes. Só era importante que chegássemos ao Brasil. Depois que ficamos esperando no aeroporto sem fazer nada, encontramos um árabe e ele nos ajudou a chegar para onde ele está e para onde ele estava indo, o Brás. Quando o encontramos ele estava levando outra família que chegava também e aí pegamos um taxi e fomos para lá. Sorte a nossa.”

(Abdulmalek Kabawa, 2020).

Esses relatos foram coletados de refugiados que não necessariamente estavam estabelecidos no Brás no momento em que ocorreram os diálogos, mas invariavelmente relataram que haviam passado por ali. Muitos já haviam saído de lá e trabalhavam em casa, eventos ou em estabelecimentos fixados em outras regiões da cidade. Contudo, esses relatos de campo foram fundamentais para que eu pudesse levantar uma outra

hipótese: a de que Brás poderia ser compreendido como um lugar de passagem necessária - principalmente para aqueles que chegaram sem conhecidos aqui - ou mais do que isso: um “lugar-chave” para esses refugiados.

E a minha inquietude foi a de compreender as razões que levaram tantos sírios a terem adotado inicialmente essa região específica e comum como ponto de partida para uma vida nova em São Paulo. E foi assim que eu cheguei ao bairro mais democrático e mais contraditório da cidade: O Brás.

4.2. Brás: Uma Babel paulistana

José Brás foi um benemérito. Ao menos é assim que consta a inscrição em uma pequena placa de reconhecimento póstumo afixada em uma abandonada e desfigurada pracinha timidamente escondida atrás da estação do metrô Brás. De moradores e comerciantes a transeuntes, ninguém conhece a praça pelo nome. Ninguém sabe quem foi o benemérito. Nem a praça do benemérito. Menos ainda que se chamava José. Sabem apenas que aquela região ali é o Brás. A placa que indica a praça, não fica na praça. Fica lá, do outro lado da rua. Não sei se foi um homem conhecido à sua época, mas é bem singela a homenagem ao chacareiro português que deu nome ao bairro:

Figura 13. Placa da Praça Benemérito José Brás

Extraído de: fotografia da pesquisadora

Figura 14. Praça Benemérito José Brás

Extraído de: fotografia da pesquisadora

O Brás – antes de ser um bairro reduzido ao tamanho de uma unha devido à sua divisão em subdistritos – abrangia toda área onde hoje se encontram os bairros da Mooca, Belenzinho e Pari. O aumento da população que ocorre com maior intensidade nos bairros circunvizinhos do centro urbano, no Brás ocorreu em ritmo mais acelerado, ainda que com muita escassez de melhorias urbanas. É certo que o Brás não é o mesmo que era ao final do século XIX, quando os primeiros imigrantes árabes chegaram para mascatear; não tem mais suas chácaras, sítios e fazendolas e com as retificações e estreitamento do Rio Tamanduateí, também não alaga mais como antigamente, todavia, continua precário. Muitas mudanças ocorreram desde então, porém, o Brás ainda é um retrato fiel dos contrastes presentes não só no bairro, mas na realidade brasileira: É democrático, mas é desigual.

Tomei o ônibus na Avenida Rangel Pestana, em frente à Igreja do Carmo, na Sé. Desci em frente ao Largo do Brás – ali, no meio do caminho entre uma ponta e outra, mas já desembocando quase no Largo da Concórdia. De um lado da placa fixada no Largo, o chamado topo da colina – a parte alta da cidade –, ocupado antigamente pela aristocracia da época, com seus palacetes de cuja vista privilegiada permitia que se avistasse todo o vale do Tamanduateí. Do outro, a Várzea – a antiga parte baixa,

precária e inundada, cujos dejetos que eram carregados pelas águas da parte alta da cidade desciam e se depositavam por toda aquela área – ocupada por pessoas de poucos recursos e sem outras opções dignas de moradia.

Figura 15. Largo do Brás

Extraído de: fotografia da pesquisadora

Foi ali que iniciei o meu percurso, bem em frente à Igreja do Brás ou Igreja Bom Jesus de Matosinhos. Embora aparentemente José Brás tenha sido um homem devoto e prestativo a ponto de erguer para si uma capelinha, a Igreja do Bom Jesus de Matosinhos que já existia antes disso mas que foi comumente associada ao benemérito, soube, a título de curiosidade, que não tem qualquer relação com a capela que ele erigiu – e que também já não existe mais ali.

A hoje Rangel Pestana era conhecida como “Caminho da Penha”, uma vez que era passagem das constantes procissões que vinham da Penha de França para a Sé e de lá para o Brás. Antigamente, as procissões trasladavam a imagem de Nossa Senhora da Penha de sua Igreja para a Catedral da Sé e faziam parada obrigatória no Brás na ida e

na volta de sua passagem pela cidade. Em meados de 1863, houve uma epidemia de varíola – ou “epidemia de bexiga”. Durante esse período, os moradores clamaram pela trasladação da imagem de Nossa Senhora da Penha e, atendendo ao pedido popular, uma ata da Câmara autorizou que a imagem fosse trazida à Catedral da Sé, em caráter excepcional:

A matriz do Brás continuou a ser ponto obrigatório de parada da imagem de Nossa Senhora da Penha, na ida e na volta de sua visita à Cidade. Em 1875, porém, não regressou à sua igreja, de acordo com o que fôra previamente estabelecido. Cedendo à opinião pública – a epidemia de varíola não estava extinta, a festa tradicional na Catedral não se realizara – o vigário geral conservava a imagem ainda um ano. Mas, voltando, então, à igreja da Penha, a sagrada imagem nunca mais voltara a São Paulo, isto é, à Sé. (TORRES, 1985, p. 97).

Até nas curiosidades históricas do bairro, o Brás é um bairro teimoso e contraditório. As primeiras contradições são observadas nesse primeiro trecho do trajeto. Não que o bairro seja encantador, tampouco que as descrições visuais pequem no excesso de adjetivação, porque descrevem ali a vida como ela é, como acontece e a percepção dessa realidade que é apreendida com todos e em todos os sentidos. Entre o sagrado e o profano, a Igreja ao centro da pequena praça parece tentar respirar entre hotéis paupérrimos que pareciam cair aos pedaços e verdadeiros moquifos de um lado e, do outro, uma rua apertada, de calçadas estreitas, repleta de lojinhas comerciais de lonas, couros, aviamentos infinitos e outras miudezas afins. A igreja, que tem um nome próprio, foi absorvida pelo bairro que tudo integra e passou a ser conhecida simplesmente por igreja do Brás.

Figura 16. Igreja Bom Jesus de Matosinhos

Extraído de: fotografia da pesquisadora

Continuei a minha caminhada ao longo do Viaduto Rangel Pestana. Não são muitas pessoas que caminham por ali, ao menos não por cima dele pelo que percebi. Olhando de cima para baixo, de onde depois de certo horário quase não se enxerga o chão, é possível observar um burburinho de gente em meio a lojas, pequenas galerias e barracas. A vida no Brás começa antes que o sol desponte: as madrugadas têm vida no Brás. Ele respira. É vivo. São centenas ou milhares de pessoas que se deslocam de toda a parte do país e também de fora dele para fazer suas compras na famosa “Feira da Madrugada”. É ali que o fluxo começa e dali se estende por todo o Brás, até que a última loja baixe as portas.

Figura 17. Vista do fluxo a partir do Viaduto Rangel Pestana.

Extraído de: fotografia da pesquisadora

As lonas estendidas pelo chão ocupam quase a totalidade das calçadas e têm praticamente o tamanho das portas das lojas. Ali se nota a interação entre o ser “porta” e o ser “improvisado” de quem está tentando a vida - porque todos estão - cada um à sua maneira. Quando terminei de descer o viaduto, já estava no famoso Largo da Concórdia, e sim, compartilho da mesma visão de DIAFÉRIA (2002):

Para conhecer o Brás convém ter um diploma. Pode ser diploma de universidade livre, mas tem que ter um diploma; pode ser também diploma de andarilho, de fuçador, de curioso, de enxerido. Quem não tem esses diplomas pode usar o diploma de peregrino. Mas tem que ter diploma para conhecer o Brás. Agora, para entender o Brás, coisa completamente diferente, não é necessário ter diploma nenhum. Basta ter paciência de suportá-lo com misericórdia. (DIAFÉRIA, 2002, p. 47).

Não é difícil entender o que ele quis dizer quando se chega ao Largo da Concórdia por volta do meio-dia. Nesta área - onde antes estava localizada a antiga Estação do Norte ou Estação Presidente Roosevelt, hoje está localizado o principal acesso ao metrô Brás.

Observei essa área cuja arquitetura apresenta resquícios de fachadas antigas bastante depredadas, rodeada por hotéis baratos, restaurantes, pensões e cortiços, mas também por paróquias que quase foram engolidas por uma variedade imensa de igrejas neopetencostais que tem se apropriado da região há alguns anos. Também notei que ali se concentra a maior parte do comércio varejista – penso eu que do país e quicá, da América Latina - onde pessoas aglomeradas com crianças, manequins, carrinhos, caixas, sacolas e toda sorte de instrumentos que se possa imaginar a fim de transportar mercadorias - se acotovelam, se esbarram, se empurram, se ajudam ou se ofendem a qualquer hora do dia.

É uma mistura de gente, de idiomas, de regionalismos. Os imigrantes se misturam e se misturam também os sotaques que formam a paisagem humana do Brás. O Brás não se resume em um lugar. O Brás é um estado de percepção sensorial, é sinestésico: A paisagem humana do Brás tem cheiro. São haitianos, chineses, venezuelanos, árabes, africanos, bolivianos, coreanos, paraguaios, indianos, peruanos, bengaleses que se juntam e também juntam seus sotaques aos nordestinos, paulistas, mineiros, gaúchos que ali compram, vendem, negociam e disputam naquele espaço seu

lugar ao sol. Cheira a mandioca, quebra-queixo, churrasco grego, costela gaúcha, milho cozido, caramelo, abacaxi, carne seca, amendoim torrado, acarajé, pastel, camarão...

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2018).

O Brás não é medição de terreno. O Brás são influências. São sensações. Até comendo uma espiga de milho crua, dependendo do sentimento com que a mastiga, o fulano pode se sentir no Brás, mesmo estando no alto do Pico do Jaraguá. Unções. O Brás é sentir sensações que nem sempre se tem com os pés no chão do bairro. (DIAFÉRIA, 2002, p. 51).

Caminhar no Brás é um exercício de sabedoria e paciência. Sabedoria de ir com roupas confortáveis, calçado fechado e sem celular na mão; de andar na ponta dos pés para não pisar nas grandes lonas coloridas estendidas pela calçada com toda a sorte de roupas, produtos e acessórios espalhados; de dar espaço aos carrinhos de frutas, cocadas, amendoins e afins, que fazem questão de mostrar que a preferência é deles sempre que queiram passagem, gritando ao pé do ouvido um longo *“Olha o pesado!”* e já jogando o carrinho na sua direção; de ser paciente quando o vendedor ambulante de água encosta a garrafinha gelada na sua nuca e grita: *“Olha a água! Olha a água! Olha a água!”* e de ser xingada também antes mesmo de ter tempo para se desculpar por pisar sem querer no calcanhar das sacoleiras que caminham lentamente à sua frente ou que até caminham em bom passo mas que param abruptamente para ouvir o pregão das lojas em promoção, tirando-lhes do pé as rasteirinhas ou parte do tênis.

Figura 18. Comércio ambulante nos entornos da estação Brás do Metrô.

Extraído de: fotografia da pesquisadora

Figura 19. Ambulantes com seus carrinhos de variedades alimentares no Largo da Concórdia.

Extraído de: fotografia da pesquisadora

Figura 20. Camelôs com suas lonas estendidas com diversos produtos à mostra ao longo da Avenida Celso Garcia.

Extraído de: fotografia da pesquisadora

Figura 21. Fluxo de transeuntes, sacoleiras e vendedores ambulantes na Rua Maria Marcolina.

Extraído de: fotografia da pesquisadora

Também o Brás é um espaço de controvérsias e de disputas. De muitas disputas. Disputa pelo pedaço de chão que se pisa; disputa pelo cenário visual; disputa pelos sons que se escuta; disputa pelos cheiros. Disputa entre os cinco sentidos, que parecem digladiar entre si para mostrar quem se sobressairá primeiro.

Tudo parece estar dentro do que pode ser considerado “normal” no Brás, quando de repente, um alvoroço começa a se formar, um único som se sobressai no meio daquela nuvem de gente e o olheiro grita: “*Olha o rapa!*”. Fiscais da Prefeitura com reforço da Guarda Civil Metropolitana correm em direção aos vendedores ambulantes para confiscar suas mercadorias. O movimento é instantâneo: nacionais e estrangeiros se juntam, se solidarizam uns com os outros e começam a recolher suas mercadorias, rapidamente ajuntam as pontas de suas lonas e fazem uma enorme trouxa com tudo dentro; uma cena que dá a largada para um corre-corre que mescla sons de gargalhadas com fisionomias de desespero. Rapidamente se dispersam. Nem consegui ver para onde. Mas em poucos minutos, não se vê mais os fiscais e nem a guarda. Ainda desconfiados, os ambulantes retornam aos seus lugares e tudo parece voltar ao “normal”, como se nada tivesse acontecido.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2017).

Figura 22. Ambulantes se dispersam com suas lonas.

Extraído de: fotografia da pesquisadora

Figura 23. Ambulantes retornam aos seus lugares após a passagem do “rapa”.

Extraído de: fotografia da pesquisadora

No Brás, quem estabelece o critério de quem pode trabalhar e de quem não pode? Ali, mesmo quem não pode trabalhar, trabalha. Em frente às lojas, os ambulantes estendem suas lonas ou armam suas barracas e comercializam muitas vezes os mesmos produtos, com preços consideravelmente mais baixos. E há escolha para quem prefira comprar aqui, e para quem prefira ali.

Os assaltos na região, também muito recorrentes, ainda adotam a trombada ou o puxão, mas o sonho de consumo aparentemente já não é mais o cordãozinho de ouro dos “trombadinhas” de episódios mais antigos. O bairro muda e muita coisa muda com ele também: com um simples puxão, um celular, em plena luz do dia, debaixo do nariz da polícia que está espalhada por vários pontos da região. Por mais de uma vez, caminhando pela rua ou mesmo enquanto aguardava no ponto de ônibus, fui

surpreendida vendo celulares serem furtados da forma mais simples possível e até inacreditável, eu diria:

Um passageiro sentado confortavelmente naqueles bancos mais altos do ônibus com a janela aberta falava ao telefone apoiando seu cotovelo para fora quando num pulo um homem puxou o celular de súbito e saiu correndo. Outro dia, um puxão e a moça que estava caminhando com o celular na mão ficou sem. Esbravejou e chorou pelo Largo da Concórdia inteiro até se perder de vista. Da última vez, um rapaz que suponho ter guardado o celular no bolso de trás da calça levou uma “trombada” enquanto esperava o ônibus no ponto e só percebeu o prejuízo minutos depois, enquanto apalpava o bolso para pegar o telefone, que já não estava mais ali. Uma das vezes em que estava pela região durante a pesquisa, me sentei para tomar café, por causa do calor, fiquei onde havia mesinhas postas na calçada. Alguns minutos depois, fui abordada por um rapaz que, olhando desconfiado à sua volta, levantou brevemente a camisa e me ofereceu, quase sussurrando, alguns aparelhos celulares que escondia ali e também em seus bolsos, por um valor consideravelmente mais baixo do que deveria ser. Os furtos são recorrentes na região e ali mesmo se encontram receptadores. Tudo pode ser negociado, até mesmo as ilegalidades. Notei que a polícia militar realiza *blitz* em pontos estratégicos, mas nunca em número suficiente para atender às ocorrências de uma área entupida de gente como é a do Brás.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2017).

Figura 24. Blitz policial no cruzamento da Rua Barão de Ladário

Extraído de: fotografia da pesquisadora

Daí a importância de compreender o Brás não como apenas um lugar, mas como um lugar que expressa muitos símbolos que se perdem no olhar apressado do cotidiano. Ele se tornou em pouco tempo um polo industrial fortíssimo, sobretudo no ramo têxtil. O monopólio das confecções de *jeans* ainda pertence aos descendentes de sório-libaneses que chegaram ao Brasil há mais de cem anos e que deram continuidade e expandiram o negócio que passou de geração para geração.

Desconheço que exista no Brás uma só rua que não tenham comerciantes sírios ou libaneses. Destaco também que a Rua Maria Marcolina que se inicia numa travessa da Avenida Celso Garcia e se alonga até o Largo do Pari é uma das principais artérias do Brás onde se encontram muitas casas de câmbio e bancos - o que indica a pujança econômica do lugar. Entre os lojistas, mais da metade ainda pertence à colônia e muitos ainda se comunicam no idioma pátrio.

Diferentemente da região da Rua 25 de Março, onde ainda existe uma centenária e pequena igreja na Rua Cavaleiro Basílio Jafet - a Igreja Ortodoxa a Antioquina da Anunciação da mãe de Deus - construída em 1904 pelos primeiros imigrantes sírios e libaneses católicos que chegaram ao Brasil, no Brás é outra história: há duas enormes mesquitas. A primeira, de denominação xiita, construída em 1987⁶⁰, conhecida como Associação Religiosa Beneficente Islâmica do Brasil que está localizada na Rua Elisa Witacker e a segunda, de denominação sunita, construída em 1995⁶¹, conhecida como Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil que está localizada na Rua Barão de Ladário.

Mas tal como a Igreja Bom Jesus de Matosinhos, que se tornou a popular “igreja do Brás”, as mesquitas – que também têm seus nomes próprios – se tornaram, respectivamente, “mesquita do Brás” e “mesquita do Pari”. Nesse contexto, o Brás revela quão miscigenado é e a importância do uso dos espaços religiosos que, construídos por contribuições das irmandades que se organizaram e se pronunciaram ante a necessidade de se sentirem representadas, fazem parte das histórias

⁶⁰ Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesquita_do_Br%C3%A1s>. Acesso em: 01/10/2021.

⁶¹ Segundo informações disponíveis em seu próprio site: “Fundada em 12 de Janeiro de 1995 e com sede própria em São Paulo, a Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil – Mesquita do Pari – é uma entidade civil sem fins lucrativos de âmbito religioso, composta por um ilimitado número de sócios individuais, de várias nacionalidades, que professam a fé islâmica.” Disponível em: < <http://www.ligaislamica.org.br/>>. Acesso em: 01/10/2021.

materializadas de um lugar que, das procissões ao *Ramadan*, abraça todo tipo de gente e de crença.

Figura 25. Associação Religiosa Beneficente Islâmica do Brasil (Mesquita do Brás)

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Figura 26. Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil (Mesquita do Pari)

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Averigui durante a pesquisa que na esteira da Primavera Árabe se deslocaram da Síria majoritariamente os muçulmanos de denominação sunita - isso porque lá são maioria.⁶² Em relação a eles, pouquíssimos sírios muçulmanos de denominação xiita ou de outras linhas confessionais como cristãos ou drusos, por exemplo, se deslocaram ao Brasil.

Também constatei no decorrer da pesquisa que se deslocaram para o Brasil aqueles que possuíam uma condição ou que obtiveram algum tipo de ajuda financeira que permitiu esse deslocamento, já que chegaram por via aérea e o valor das passagens não é baixo. Isso explica o motivo de a maior parcela de sírios terem vindo da capital, Damasco, e uma porcentagem bem menor de outras regiões. Vieram muitos homens solteiros e sozinhos, mas também levam famílias inteiras. Em contrapartida, observei que foram poucas as mulheres que vieram completamente desacompanhadas – ou acompanhadas apenas com filhos pequenos para tentar a vida aqui.

Assim como a maioria das organizações não-governamentais e instituições filantrópicas, as religiosas também desenvolvem um papel importante. E nesse caso específico, são elas - as mesquitas - que assistem aos mais vulneráveis e acolhem o muçulmano que chega antes de qualquer outra. Isso não quer dizer que não tenham auxílio de outras instituições como igrejas ou ONGs – e aqui destaco o trabalho de muitas instituições que prestaram assistência, tais como a Caritas Arquidiocesana de São Paulo, a Comunidade Árabe Aberta, a Compassiva, o Instituto Base Gênesis, a Missão Paz, o Instituto ADUS, o Abraço Cultural, o Migraflit, o CAMI, o CRAI, entre outras – mas dou maior ênfase às mesquitas porque constatei que devido à identificação religiosa desse grupo que é uma corrente majoritária, é a ela que ele recorre primeiro, assim que chega, antes de qualquer outra. Surge o seguinte questionamento: a passagem pelo Brás e sobretudo pela mesquita do Pari tem relação apenas com a identificação religiosa ou ali acontece algo a mais?

No caso em tela, a mesquita do Pari se tornou a maior referência. Os sírios que chegam à São Paulo, quando desembarcam no Aeroporto Internacional de Guarulhos, por alguma razão são levados à mesquita do Pari, mesmo havendo uma mesquita sunita

⁶² Na Síria, há maior concentração de muçulmanos sunitas e uma minoria de muçulmanos xiitas. Estes por sua vez, estão mais concentrados no Líbano.

em Guarulhos. A mesquita é um espaço de práticas religiosas, mas notei que esta não é a única razão da procura, ao menos em um primeiro momento. Isto porque embora exista uma mesquita sunita de fácil localização em Guarulhos, não é para ela que se deslocam, mas o direcionamento ocorre quase naturalmente para a mesquita do Pari - a despeito de existir aquela mais próxima.

Com isso em mente, procurei uma liderança religiosa com quem pudesse conversar. Com algumas informações obtidas pelo “boca-a-boca”, soube que o *Sheik*⁶³ Mohammed Barakat permaneceu na liderança da mesquita do Pari durante o período em que muitos refugiados chegaram⁶⁴, mas que havia sido transferido para a mesquita Brasil, localizada na Avenida do Estado. Consegui o contato de sua esposa – Cacau – e agendamos uma data em que pudéssemos conversar. Fui recebida gentilmente por ela, que me deixou à vontade para conversar com seu esposo e com um outro rapaz sírio que chegou há não muito tempo, mas que se comunicava muito bem em português e que devido a isso se propôs a nos prestar assistência.

Quando perguntei sobre as características dessa grande leva de sírios que chegaram ao Brasil e, mais especificamente na cidade de São Paulo e os motivos pela qual ocorre essa procura pela mesquita do Pari a despeito de outras, o *Sheik* Mohammed respondeu:

“Maioria sunita, mas também há não muçulmanos que vem. Por causa da guerra são a população mais atingida. Antigamente, 60, 80 anos bastante refugiados ou sírios estrangeiros que vinham não eram muçulmanos. Agora os sírios que vem, são muçulmanos, porque 90% dos sírios é muçulmana. Existem outras religiões com todo respeito; muito normal existir mesquita do lado da igreja e todo mundo se respeita, vive em paz. Chegou bastante muçulmano para cá porque a porcentagem de muçulmanos sunitas na Síria é bem grande. (...) Procuram a mesquita porque não conhecem nada nem ninguém aqui. Eles vêm para a mesquita para ajudar a achar uma casa, apartamento ou trabalho ou também para saber como fazer papeis ou documentos. (...) As pessoas quando vem, conhecem uma pessoa que vai adicionar no grupo de

⁶³ Líder religioso muçulmano.

⁶⁴ O líder religioso esteve à frente da Mesquita do Pari por 13 meses, segundo me informou, de janeiro de 2017 a janeiro de 2018.

WhatsApp, e vai falar: ‘quem quiser ajuda, vai na mesquita tal’; a Sociedade Beneficente Muçulmana está oferecendo casas para refugiados; está oferecendo cestas básicas; oferecendo oportunidade de trabalho’ então, é bom que eles tenham um ponto de referência para conhecer a mesquita, ponto turístico, realizar as rezas e praticar a religião, mas também tem os benefícios. As pessoas que, por exemplo, querem colocar as crianças na escola islâmica, vem para cá; as pessoas que querem comprar jazigo no cemitério, vem para cá...a mesquita é um lugar de ajudar as pessoas e também fazer trabalho e praticar a religião e serviço de Deus. Lugar sagrado e lugar social.”

(Sheik Mohammed Barakat, 2019).

A existência de um espaço comunitário possibilita a socialização de refugiados e promove sua integração com o meio. É um lugar de manifestação religiosa, mas também de se obter informações, indicações, conhecimento e auxílio entre pares. A dinâmica informal desses arranjos define a assistência prestada; o ensino do novo idioma; as indicações de trabalho. E por que esse movimento ocorre necessariamente no Brás? O que disputam tanto nesse espaço? O Brás é uma torre de Babel em plena capital paulista; é o “lugar-chave” das oportunidades para aquele que chega. Esse lugar tem uma lógica onde tudo acontece ao mesmo tempo e ainda assim consegue agregar mais gente.

Constatei que existe esse movimento inicial em torno do Brás e a partir dele, através de alguns fatores importantes: uma área considerada familiar, onde uma grande colônia de sírios e libaneses já estava estabelecida; um local comum de práticas religiosas – no caso, a mesquita – que assiste e se mobiliza para incluir aquele que chega; as facilidades de estar em um bairro onde existe uma comunidade árabe que possibilita “compreender” e “ser compreendido” ao estabelecer a comunicação no idioma pátrio; a integração sociocultural de sírios com a cidade e, principalmente, a cozinha, porque é através das portinhas, as quais identifico um espaço social alimentar e simbólico além de um polo catalizador potencial de todas essas possibilidades.

4.3. Comida como arte de tecer memórias e narrativas na cozinha

Quando os homens se deslocam de um lugar para outro no interior das sociedades e entre países do mundo, levam consigo suas práticas alimentares. A sociologia dos deslocamentos compreende a alimentação como um elemento fundamental na construção das identidades e constata que os particularismos alimentares estão entre os últimos traços simbólicos a desaparecer. Quando a sociologia do cotidiano acentua as práticas comuns do dia a dia, revela a alimentação como um lugar de leitura das diferenças sociais e das formas de sociabilidade (POULAIN, 2004).

O deslocamento forçado de sírios de seu país de origem imprime o amálgama de duas características importantes de destacar: uma de natureza política - decorrente da deflagração da Primavera Árabe - e outra de natureza econômica - decorrente da limitação de subsistência causada pelo cenário de guerra e desarrimo. Esses dois fatores impulsionaram esse grupo a adaptar-se a situações de existência e de sobrevivência antes não imaginadas e que não tinham de enfrentar em seu país de origem.

Muitos refugiados possuíam nível universitário; trabalhavam em suas respectivas áreas de atuação; tinham suas propriedades; seus negócios; suas profissões; suas vidas; mas ao chegarem ao Brasil se depararam com uma realidade completamente diferente, onde tiveram de buscar por oportunidades mais favoráveis a fim de se obter um capital inicial mais rápido e que possibilitasse a imersão em um ramo de atividade que não exigisse especialização, senão um forte significado simbólico: a cozinha.

O cozinhar e o comer têm um poder transformador. São instrumentos culturais que preservam a história e a identidade de um grupo social. Quando se encontram sob ameaça, é a cozinha que se transforma primeiro em um espaço de resistência. Segundo POULAIN (2004) “Ao comer, nós ingerimos um alimento que participa da nossa vida corporal íntima. Ele atravessa a fronteira entre nós e o mundo. Ele nos reconstrói e nos transforma ou pode nos transformar.” (POULAIN, 2004, pp. 102-103).

É quase invariavelmente para a cozinha que o refugiado sírio é conduzido – por opção ou por necessidade - como primeira oportunidade de trabalho. Ao frequentar as portinhas, sobretudo na região do Brás – marco inicial da minha pesquisa - pude observar a dimensão dessas transformações, como se arranjam, se organizam, se

integram bem como identificar determinados comportamentos. Mas um me chamou a atenção em especial: Um celular que toca, pode ser apenas um celular que toca. Mas um olhar direcionado a um celular que toca o mesmo som sempre nas mesmas horas do dia em todos os lugares frequentados, certamente não é.

Eu escutei e imaginei que fosse uma ligação recusada. Mas notei que isso acontecia várias vezes e sempre nos mesmos horários. Às vezes em dias, restaurantes e com pessoas diferentes. Comecei a fazer uma relação entre esses fatos e passei a dar maior importância ao momento em que os celulares tocavam: Um sírio cochichava com outro e saía. Depois, ele voltava e o outro saía. E se revezavam assim. Entre dois ou três ou em quantos ali estivessem como num movimento de rodízio. Notei que esse movimento acontecia em horários específicos do dia. Eu escutava um tipo de toque vindo do celular de um ou mais deles, às vezes de todos ao mesmo tempo, que tocava um som cujas melodias em árabe em alguns casos eram semelhantes e em outros eram diferentes, mas que para mim eram sempre familiares porque eu as identificava com certa frequência nesses lugares. Sempre continham a frase “*Allah Akbar*” e era quando tocava esse som que esse movimento acontecia. Quem saía do atendimento ia para dentro do restaurante ou saía para algum outro lugar e voltava em cerca de 10 ou 15 minutos. Depois o outro saía. Quando um sírio estava sozinho, pedia para algum vizinho de loja “dar uma olhada” e saía. Se, por alguma razão não saía até o momento em que eu permanecia lá, escutava dizer: “*Allah Akbar, Allah Akbar...*” e depois terminava a frase balbuciando palavras em árabe que por serem ditas em voz muito baixa não consegui compreender perfeitamente.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2017).

Passei a notar esse comportamento e durante um bom tempo fiquei presa nesse cenário: nos horários normais, ninguém saía, todos trabalhavam. Mas quando tocava a música no celular, sempre “desaparecia” alguém; algo como uma saída “à francesa”. Comecei a associar esses horários – que geralmente eram em torno do meio-dia e três e meia da tarde - com ao menos duas das cinco vezes que o muçulmano tem que fazer suas orações por dia. Era principalmente nesses horários que eu estava ali, porque as portinhas estavam em pleno funcionamento devido ao horário de almoço.

Constatei que as músicas que tocavam nos celulares são compatíveis com o horário das orações e, por identificar a palavra “*Allah*”, parti do pressuposto que poderia

ter alguma relação com a oração. Averigui que nos países árabes esse som, o “*Adhan*”⁶⁵, é emitido em alta frequência através dos miranetes das mesquitas para que a comunidade muçulmana se reúna para o “*Salat*”⁶⁶. Aqui no Brasil, esse tipo de sinal sonoro não é permitido, senão no interior das mesquitas. E é por isso que eles utilizam esse som como uma espécie de “lembrete”. Depois, passei a me atentar para as palavras que eram balbuciadas após dizerem “*Allah Akbar...*” e que antes de associar ao som da mesquita, eu não havia compreendido. Descobri que é o mesmo som emitido no interior da mesquita antes do *salat*⁶⁷: “*Allah Akbar, Allah Akbar, ...Ashhadu an la ilah iilaa Allah...Ashhadu an la ilah iilaa Allah...Ashadu ana Muhammadun rasul Allah...Ashadu ana Muhammadun rasul Allah...Hayya alaa alsalat...Hayya alaa alsalat...Hayya alaa alfalalah... Hayya alaa alfalalah...Allah Akbar, Allah Akbar, an la ilah iilaa Allah.*” E quer dizer o seguinte⁶⁸: “Deus é o maior...Deus é o maior...Deus é o maior...Deus é o maior...declaro que não há deus senão Deus...declaro que não há deus senão Deus...declaro que Muhammad é o enviado de Deus...declaro que Muhammad é o enviado de Deus...venham à oração...venham à oração...venham ao triunfo...venham ao triunfo...Deus é o maior...Deus é o maior...declaro que não há deus senão Deus.”⁶⁹

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2018).

Conversei com o *Sheik* para tentar compreender a importância desse ritual religioso para o muçulmano – sobretudo para aquele que chega, e se aqui ele faz como se faz lá – e como se organizam para manter suas práticas religiosas a despeito das demandas de trabalho cotidianas:

- *São cinco orações por dia?*

- “*São cinco orações por dia. Tem uma de manhã, às 05:08; a segunda aqui, meio-dia; a tarde 15h20; a noite tem duas, tem 17h45 e 19h. Exemplo, tem uma no nascimento do sol; tem uma meio-dia; tem uma a tarde; tem uma no pôr-do-sol e tem uma à noite. (...) Tem intervalo; entrou o tempo da primeira reza, exemplo, meio-dia vai até 15h a segunda – tem quase três horas para a pessoa fazer. É obrigatório fazer na hora, mas se ele tem um problema e não consegue fazer na hora, pode ser depois de*

⁶⁵ Nome atribuído ao chamado para a oração.

⁶⁶ Oração.

⁶⁷ Transliteração livre da pesquisadora.

⁶⁸ Tradução livre da pesquisadora.

⁶⁹ Tradução livre da pesquisadora.

15 minutos, meia hora..., mas, melhor, na hora. Se não tem como, então você consegue fazer durante o intervalo. Também ele pode arrumar um lugar para fazer a reza ou se ele sabe que vai chegar antes de acabar o tempo. A reza não precisa ser só na mesquita; é melhor que ele venha à mesquita, mas ele consegue fazer em qualquer lugar, por exemplo, vamos supor, que você já entrou no horário da reza e você sabe que vai passar o tempo da outra reza, então, você reza em qualquer lugar limpo...a pessoa até anda com um tapete bem, assim, portátil: eles abrem em qualquer lugar, posicionam em direção à Meca e faz ali a oração.”

(Sheik Mohammed Barakat, 2019).

A oração faz parte dos cinco pilares do Islam⁷⁰ e são cinco por dia; todos os dias com uma pequena variação de horários, devido ao calendário adotado pelo Islam ser o lunar. No momento da oração, o muçulmano se orienta pelos pontos cardeais: se volta na direção leste, se vira aproximadamente 20° para a esquerda e começa a oração: essa é a direção de Meca no Brasil. Mas às sextas-feiras a prática religiosa assume um outro significado: Nos países muçulmanos, a sexta-feira é considerada feriado; um dia separado dos demais dias da semana, onde o muçulmano não trabalha. Tal como o domingo assume um significado especial para os católicos ou o sábado para os judeus e adventistas do sétimo dia, para os muçulmanos é a sexta-feira:

“Sobre a autoridade de Abu Lababah bin Abd al-Mundhir, que Deus esteja satisfeito com ele: O Profeta, que as orações e a paz de Deus estejam com ele, disse: “Sexta-feira é o mestre dos dias e o maior deles para Deus, e é o maior para Deus do que o dia de Eid al-Adha e o dia de al-Fitr, e há cinco coisas nele: Deus criou Adão nele; Deus desceu Adão sobre a Terra nele e nele Adão morreu; nele há uma hora em que Deus não pede nada ao servo, mas dá-lhe o que não é proibido, e nele será o dia do Juízo Final e não há anjo próximo de Deus, e não tem céu, nem terra, nem vento ou mar, mas eles temem a sexta-feira.”⁷¹

⁷⁰ Os cinco pilares do Islam são: 1. O testemunho de que Deus é único e Mohammad é seu profeta; 2. Oração cinco vezes ao dia; 3. Jejuar no período do Ramadã; 4. Praticar Zakat e 5. Peregrinar à Meca ao menos uma vez na vida – se houver condições físicas e financeiras para tanto.

⁷¹ “Narrado por Ahmad e Ibn Majah com uma boa cadeia de transmissão.” Mensagem gentilmente cedida e com tradução livre do amigo querido Hage Tarik.

Ou seja, para o muçulmano, a sexta-feira é maior do que qualquer dia considerado especial do calendário islâmico, isto porque nela há cinco acontecimentos especiais: na sexta-feira Deus teria criado Adão; nela desceu Adão sobre a Terra; nesse dia Adão morreu; há na sexta-feira um horário (que não é sabido pelo homem) em que Deus concede aquilo que Lhe é pedido (desde que não seja algo proibido) e, por fim, na sexta-feira seria o dia do Juízo Final.

Embora no Brasil a sexta-feira seja um dia semanal normal, o movimento entre os muçulmanos nesse dia é diferenciado: sendo possível, ele não reza no trabalho ou onde estiver como faz nos dias normais. Ele deixa seu comércio aos cuidados de alguém – familiares, patrícios ou vizinhos – e sai para fazer a oração na mesquita.

Na sexta-feira, pouco antes do relógio apontar o meio-dia (meio-dia no horário de Meca) os sírios e libaneses muçulmanos se organizam e se revezam. Uma parte toma conta do comércio enquanto a outra vai para a mesquita do Pari. Tudo é negociado, cada um sabe em qual horário da mesquita ele vai rezar. Não podem ir todos ao mesmo tempo, tanto pelo pouco espaço que há na mesquita apesar de seus três andares, quanto pela necessidade de manter o comércio aberto. As orações são divididas em mais de um turno - o que possibilita a alternância de pessoas. Ainda assim - em conversas informais pelos arredores da mesquita - soube que a mesma recebe uma quantidade tão grande de fieis às sextas-feiras, que chegam a rezar, inclusive, ao lado de fora e até mesmo na calçada. Homens e mulheres não se misturam na mesquita: As mulheres ocupam um andar apartado, no mezanino, e os homens ocupam os demais, porque em relação às mulheres, são maioria. Não havendo lugares suficientes para elas no andar que lhes é reservado, elas podem participar da oração atrás da última fileira de homens, nunca na frente deles. Ao entrar, todos deixam lá fora seus calçados. As mulheres devem cobrir seus cabelos com “hijab”⁷². O momento da oração é uma prática em que quem estiver perto de uma mesquita, tem a obrigação de participar. Quem estiver longe, deve parar o que está fazendo e orar. O ritual da oração consiste em três movimentos diferentes: iniciam em pé; logo após se ajoelham e em seguida encostam suas frentes no chão. Esse movimento repetido faz com que alguns muçulmanos adquiram ao longo da vida uma marca característica na região da testa, causado pelo atrito recorrente das prostrações.

(Nota do caderno de campo da pesquisadora, 2019).

⁷² Véu islâmico.

Figura 27. Mesquita do Pari. Primeiros homens que chegam para o *Salat* da sexta-feira.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Aos homens, são reservados mais de um espaço. Como o número de mulheres é menor quando comparado ao número de homens, a elas é reservado apenas um pequeno espaço separado, no andar mezanino.

Figura 28. Mesquita do Pari. O espaço do mezanino é destinado unicamente às mulheres.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

A partir da ala das mulheres, é possível visualizar o andar de baixo. Conforme mostra a imagem acima, é possível notar os primeiros homens que chegam para o primeiro *Salat* da sexta-feira e o modo de como fazem suas orações: iniciam em pé; em seguida se inclinam, se ajoelham e por fim se prostram sobre seus tapetes tocando-os com suas frentes. Observa-se na imagem a seguir a presença de três homens na lateral direita que oram em três posições diferentes:

Figura 29. Homens durante o Salat

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Como o *Salat* da sexta-feira possui um significado especial, a mesquita dispõe de mais de um horário para que todos tenham a oportunidade de ser contemplados com as benesses desse dia. Mesmo existindo andares exclusivos para homens e outro para mulheres, muitas vezes, a ala das mulheres chega a ser desocupada e utilizada somente por homens, por serem mais numerosos e porque às mulheres é reservado o direito de fazer suas orações em casa, já que muitas delas têm uma rotina que dificulta seu deslocamento até a mesquita. Ainda assim, a demanda de homens é tão grande, que muitos deles chegam a fazer suas orações fora das salas e até mesmo na parte externa da mesquita, como mostra a imagem seguinte:

Figura 30. Homens orando na parte externa da mesquita durante o *Salat*.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Essa relação que define onde e qual é o lugar de quem, não foi observado apenas nos limites da mesquita, mas também para além dela. Em todas as portinhas visitadas, notei a presença maciça do sexo masculino nas cozinhas e raríssimas vezes vi o movimento contrário. Observei algumas exceções quando o restaurante era comandado por membros da própria família - marido, irmãos, cunhados – momento em que vi mulheres presentes. Ainda assim, a presença feminina nas portinhas foi um cenário incomum de ser observado.

É na sexta-feira também o dia de maior movimento nas portinhas - isto porque, nesse dia há dois sermões na mesquita e uma comunidade grande e diversa de fiéis que congregam ali costumam almoçar e confraternizar nas portinhas. A maioria dos estabelecimentos alimentares tem como carro-chefe o *shawarma*,⁷³ embora outras comidas também sejam oferecidas, tais como *kibes*, *esfihas* e *falafel*, sempre disponíveis. Mas percebi que as pessoas que passam permanecem algum tempo na calçada observando o *shawarma* e os comentários mais comuns que escutei estavam relacionadas à semelhança com o “churrasco grego”; à higiene e ao aroma que exala das carnes – que é “diferente”. Como esses locais são muito pequenos e apertados, muitos deles não dispõem de espaço físico suficiente para a confecção dos salgados tampouco de pratos quentes ou frios quando muito elaborados, razão pela qual a praticidade e a dinâmica é que ditam as regras do lugar: *shawarma* é um lanche rápido; que se pode comer em pé ou caminhando. A máquina onde as carnes são assadas é colocada bem ali, na portinha do lugar. Não tem pregão: É o aroma de suas especiarias que se sobressai com o calor do fogo e invade o olfato dos transeuntes, que começam a se aglomerar na calçada. Como muitos desses espaços não dispõem de lugares para se sentar ou quando dispõem são muito poucos, os clientes comem ali mesmo, em pé e não parecem se sentir incomodados com isso. Cada chef com as suas especiarias, com os seus segredos, com as suas variações de cores, aromas, sabores e saberes. Mas seja como for, quer na Síria, no Líbano ou mesmo no Brasil, o domínio da técnica de se fazer o *shawarma* não

⁷³ Trata-se de um lanche muito confundido no Brasil com o popular churrasco grego. Para o *shawarma*, se cortam fatias de carne – de boi ou frango – se juntam acompanhamentos - como alface, cebola, picles, batata - e molhos - como de tahine para a carne bovina ou de alho para o frango - e se fecha no pão sírio, que toma um formato de rolo.

pertence à seara das mulheres: é um artifício totalmente voltado aos homens e são eles que predominam no lugar.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2017).

Para MONTANARI (2008), existe uma propensão no deslocamento da atividade culinária do âmbito doméstico para uma profissão a ser exercida em locais públicos do setor de restaurantes e, nessa dimensão, a cozinha tende a mudar de sexo, de modo que da prática feminina, passa a ser ofício exercido preponderantemente por homens.

Se no contexto familiar as decisões alimentares eram delegadas à dona-de-casa, nas portinhas ocorre a transformação dos papéis: quem detém determinados saberes não é a mulher, mas o homem, o *chef* de *shawarma*. É ele que vai às compras; que escolhe o tipo de carne que será usada; as especiarias; os instrumentos e o tipo de corte; as combinações de texturas e de sabores; os arranjos alimentares. E ali se verifica uma experiência possível de novas configurações da construção da realidade e da divisão de gênero nos papéis sociais. A imagem abaixo mostra como são montados os espelhos do *shawarma*:

Figura 31. Como são montados e dispostos os *shawarmas* de frango e de carne.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Figura 32. Aboud apresenta seu *shawarma* de frango.

Extraído de: Foto cedida por Aboud.

Para MONTANARI (2008),

Na oposição assado/cozido, está igualmente implícita uma contraposição de gênero. A panela que ferve sobre o fogão doméstico faz parte preferivelmente das competências femininas. A gestão do fogo para assar as carnes é frequentemente uma operação masculina, aliás, máscula, que traz imagens de simplicidade brutal, de domínio imediato sobre as forças naturais. Em toda a sua ambiguidade, essas imagens continuam a condicionar os nossos modos de pensar a relação com a comida. O churrasco ao ar livre, que exhibe gestos rudes e modos essenciais, é o resíduo de sugestões antigas que, ainda hoje se contrapõem à simplicidade da cozinha elaborada e doméstica. (MONTANARI, 2008, pp. 80-81).

Ao averiguar esse contexto e como nele estavam implicadas questões de gênero, passei a observar algumas cozinhas, procurei analisar o tipo de comida oferecida nas portinhas e o tipo de comida oferecida fora delas e quem são os protagonistas de um e outro cenário e o porquê. Se por um lado nas portinhas são os homens que dominam a técnica de *shawarma*, qual seria então o lugar das mulheres sírias refugiadas? O que estariam fazendo, como, onde e por quê?

A partir desses questionamentos, comecei a rastrear essas mulheres e constatei que em eventos são elas se destacam com louvor na produção de outros tipos de alimentos que não o *shawarma* (tais como *kibes*, *esfihas*, *kafta*⁷⁴...) ou pratos quentes (como o *fatti*⁷⁵, *kussa mahch*⁷⁶, *yabrak*⁷⁷, *mafouf*⁷⁸, *mjadra*⁷⁹, *rez bicharie*⁸⁰, *makloub*⁸¹...) ou mesmo frios e guarnições (como o *kibe cru*, *tabule*⁸², *honus*⁸³, *babaganush*⁸⁴, *laban*⁸⁵, *labneh*⁸⁶, *fatouch*⁸⁷...) como se pode observar nas imagens a seguir:

⁷⁴ Carne moída temperada e assada geralmente em formato de espeto.

⁷⁵ Prato feito à base de *laban* e pão sírio torrado, geralmente com grão-de-bico. Há também versões feitas com frango ou carne.

⁷⁶ Pequenas abobrinhas recheadas com arroz e carne moída e cozidas ao molho de tomate.

⁷⁷ Folhas de uva recheadas com arroz e carne moída enroladas em forma de charuto e cozidas.

⁷⁸ Folhas de repolho recheadas com arroz e carne moída enroladas em forma de charuto e cozidas.

⁷⁹ Arroz com lentilhas coberto com cebola frita.

⁸⁰ Arroz com aletria.

⁸¹ Arroz com especiarias que pode ser feito com carne de cordeiro, boi ou frango. O prato leva ainda porções de castanha, amendoim e amêndoa.

⁸² Salada de trigo fino temperada com tomate, hortelã, azeite, cebola e salsinha.

⁸³ Pasta de grão-de-bico.

⁸⁴ Pasta de berinjela.

⁸⁵ Coalhada fresca.

⁸⁶ Coalhada seca.

⁸⁷ Salada com variedade de folhas verdes, rabanete, trigo e pão sírio torrado.

Figura 33. Mesa posta com pratos feitos por Ghazal Baranbo.

Extraído de: Foto cedida por Ghazal.

Nesta imagem onde estão dispostos pratos feitos por Ghazal, observa-se *kibes* fritos e assados, *kafta*, *yabrak*, *esfihas* abertas e fechadas de sabores variados além de pratos frios, como *homus*, *babaganush* e *labneh*.

Figura 34. Mesa posta com pratos feitos por Salsabil Matooq

Extraído de: Foto cedida por Salsabil.

Na imagem acima, entre os pratos dispostos por Salsabil nota-se *yabrak*, *kafta*, *tabule*, *fatouch*, *kibe* frito, *kibe* cru, *kussa mahch* e *esfihas* de vários sabores, além de sucos naturais.

Estas imagens mostram a coerência da mesa preparada por estas mulheres sírias. Em cada detalhe se observa a fartura alimentar e o empenho na elaboração desses pratos dispostos sobre a mesa tal como se faz no país de origem. São alimentos que exigem muito trabalho, feitos um a um manualmente e que necessitam de muita dedicação e tempo para sua elaboração e nesse quesito são as mulheres que se sobressaem. É próprio da cultura árabe oferecer muito e o orgulho no rosto de quem faz em ver alguém satisfeito com seu alimento é ainda maior.

Nesse contexto, mais do que simplesmente fazer comida em casa para vender, observo que começa a acontecer um movimento que indica a ascensão das mulheres sírias nos negócios do Brasil e nesse contexto, elas passam a se destacar nesse mercado gastronômico que abrange eventos, festas, reuniões, feiras e encomendas de modo geral. Esse movimento acontece ao mesmo tempo em que essas mulheres também se sobrecarregam e assumem uma jornada tripla de trabalho da qual precisam lidar sozinhas: o cuidado com as demandas da família, com os afazeres domésticos e com a preparação manual dos alimentos a serem comercializados.

Mas por que são eles - os homens - que surgem como protagonistas das portinhas e não as mulheres? São muitas as razões que levam as mulheres a trabalharem âmbito doméstico. Uma delas que não pude deixar de notar é o fato de que as mulheres em sua maioria são muito jovens; possuem filhos pequenos - no mínimo dois - e geralmente em idades próximas; alguns já em idade escolar e outros em idade muito tenra. Há também a dificuldade em encontrar para eles uma escola ou creche públicas próximas de suas residências e que tenham disponibilidade em receber as crianças em tempo integral, já que muitas oferecem apenas meio período e nesse quesito, há o empasse de se conseguir matricular todos os filhos juntos - além da longa fila de espera por uma vaga, que no país é uma dura realidade de quem, por falta de recursos, não pode arcar com os custos de uma escola privada e depende da disponibilidade de vagas no ensino público.

Muitas vezes, se consegue matricular os filhos na mesma escola, mas em turnos diferentes ou no mesmo turno, mas em escolas diferentes ou ainda, em escolas e turnos diferentes; o que ocupa boa parte do dia quase que em apenas arrumar, levar e trazer os filhos para e da escola. Esta também é uma das razões pela qual são donas-de-casa ou auxiliam seus maridos preparando em casa parte da comida que são levadas às feiras gastronômicas, festas, apresentações, quando trabalham com encomendas ou eventos.

De acordo com o *Sheik* Mohammed Barakat, que acompanhou esse movimento em torno das cozinhas durante o tempo em que estive no Brás, elas desempenham um papel diferencial para os brasileiros e prático para os sírios, como relata:

“A cozinha é porque realmente aqui no Brasil como é uma coisa diferente, nova, as pessoas ficam bem focadas. Eles querem fazer um negócio delas – não ser funcionário de alguém...querem abrir o restaurante deles, coisa que praticamente vai fazer sucesso, porque se eles fazem comida boa, então as pessoas vão fazer boa propaganda. O brasileiro, ele tem curiosidade bem grande, ele gosta de experimentar coisas novas, gosta de conhecer coisas novas – não significa que todos trabalham na cozinha, mas porque é a coisa mais fácil para eles e que dá mais dinheiro rápido, bem fácil. (...) Porque com comida, quase todo mundo sabe cozinhar. Eles cozinham bem e trabalham para a família inteira...se ele não tem condição de abrir um restaurante, uma loja, eles vão para a feira...então a mulher faz comida em casa e o marido ou ela vão levar tudo lá para vender...então isso dá dinheiro rápido e imagina se eles fizerem comida boa...todo mundo vai falar: “Nossa! Que comida boa!” Então eles começam a trabalhar com encomendas. A comida da Síria é a mais famosa e o doce também.”

(Sheik Mohammed Barakat, 2019).

Quando iniciei a minha pesquisa com homens sírios que abriam suas portinhas, passei a frequentar esses lugares para compreender como, na medida em que essas portinhas se espalhavam pela cidade, esse sírios se organizavam e se integravam na cidade através do alimento que produziam. Foi percorrendo a mancha, de portinha em portinha, que localizei meus interlocutores. A lembrança da vida na Síria e o quanto tudo é diferente agora; as facilidades; as dificuldades; como se organizam; como se arranjam e como a realidade é enfrentada sob uma nova perspectiva de vida – que começou a ser reconstruída a partir do rés do chão aqui – fazem parte das observações, das histórias de vida e das memórias narradas nas cozinhas.

Durante todo o tempo em que realizei a minha pesquisa, ela ocorreu não só dentro das cozinhas como também a partir e além delas, porque a cozinha é um espaço social cultural onde as estratégias alimentares integram, identificam e conectam aquele que chega com o lugar de destino. De acordo com MONTANARI (2008), a comida está para além do alimento e é um instrumento que comunica identidades e entre comida e cultura há uma relação bastante estreita:

Comida é cultura quando produzida, porque o homem não utiliza apenas o que encontra na natureza (como fazem as outras espécies animais), mas ambiciona também criar a própria comida, sobrepondo a atividade de produção à de predação. Comida é cultura quando preparada, porque, uma vez adquiridos os produto-base da sua alimentação, o homem os transforma mediante o uso do fogo e de uma elaborada tecnologia que se exprime nas práticas de cozinha. Comida é cultura quando consumida, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade não come qualquer coisa, mas escolhe a própria comida, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores simbólicos de que a própria comida se reveste. Por meio de tais percursos, a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la. (MONTANARI, 2008, pp. 15-16).

Foi me aproximando para comer que me empenhei em formar vínculos para estabelecer essa comunicação. Foram muitas as tentativas de ouvir suas histórias, mas quase sempre meus interlocutores pareciam inacessíveis. Não porque quisessem estar nessa condição, mas porque há uma grande movimentação de pessoas nesses espaços de modo que a demanda de trabalho na maioria das vezes inviabilizava esse diálogo – e essa foi uma das dificuldades que encontrei ao longo da pesquisa de campo. Na medida em que eu frequentava esses espaços, alguns deles com maior assiduidade do que outros, eu me tornava uma pessoa familiar ali e sempre que possível os meus interlocutores me narravam sobre como eram suas vidas na Síria antes e depois da guerra.

Destaco alguns trechos do caderno de campo que mostram como encontrei essas pessoas e como ocorreram as primeiras abordagens com cada uma delas:

Era uma entrada que chamava a atenção, com uma portinha à esquerda. Uma loja espaçosa, com uma longa vitrine de doces à esquerda que se estendia até o caixa, que ficava ao fundo. Seguia fazendo um retorno pelo lado de dentro da vitrine que dava para uma portinha de dentro que também dava acesso a uma escadaria e à portinha de fora. Do outro lado, à direita, havia uma geladeira e duas ou três mesas com cadeiras logo na entrada, que antecedia um espaço com uma espécie de cercado de tijolinho que parecia separar uma área de forno.

Eu ia à loja com certa frequência, mas o excesso de trabalho na fábrica não me permitia conversar com Khaled, então, na maioria das vezes eu conversava com Yazan, filho dele. Eu percebi que uma das razões pela qual eu não via Khaled pelo Brás com a

mesma frequência com que eu costumava ver outros conterrâneos, é porque Khaled trabalhava muito no andar de cima. Em diferentes horários, seja pela manhã, pela tarde ou no início da noite; eu chegava à loja, eu saída da loja e Khaled sempre estava trabalhando.

É maio de 2018, época do Ramadan⁸⁸. Apesar de estar na loja frequentemente, tenho dificuldade em conseguir conversar com ele. Cada vez que Khaled descia com uma bandeja de doces, eu observava como eram delicados, e tinham uma estética linda e eram empilhados impecavelmente. É sempre no mês de Ramadan que a demanda na confecção de doces aumenta. O perfume dos doces no mês de Ramadan é mais intenso do que em qualquer outra época do ano no Brás. O cheiro de amêndoas e pistache que se juntam ao aroma de flor de laranjeira impregna a loja. Foi nesse período que eu vi uma movimentação intensa ali: muitos quilos de doces eram encomendados e vendidos. O telefone não parava de tocar. Tinha um sobe-e-desce de bandejas o tempo todo e que eram rapidamente esvaziadas na loja. Todas as vezes que Khaled descia, vinha trocar algumas pouquíssimas palavras comigo. E foi graças a essa correria, que eu tive acesso ao andar:

“Agora é Ramadan, tem muito trabalho. Vem aqui, sobe para ver como Khaled faz os doces!”

Era a primeira vez que eu conhecia a parte superior da loja: uma pequena fábrica. Durante todo o mês de Ramadã eu passei a visitar a loja com maior frequência e já era uma pessoa conhecida ali. Khaled sempre me mandava subir.

“Eu sou sírio, de Damasco. Cheguei aqui em 2014, só eu e o meu filho Yazan...Na Síria a minha família faz doce. ‘Alkhabaz’ quer dizer família que faz doce, em árabe. Eu comecei a trabalhar com 10 anos de idade...eu comecei a trabalhar com doces, ajudando meu irmão. Toda a família faz doce...Eu faço doce original. Você sabe o que é doce sírio original?” Me indaga enquanto coloca uma porção de doces no meu prato. *“Antes, eu tinha 4 lojas grandes de doce na Síria...fazia doces para o consulado, para ministros...todo mundo sabia quem era Khaled. Khaled era chef...Khaled era professor”*

⁸⁸ O mês do Ramadã é sagrado para os islâmicos, sendo um período de jejum e de reflexão. Foi o mês em que, segundo o Corão, Mohammed recebeu de Deus, por meio do anjo Gabriel a inspiração para escrevê-lo. Durante esse período, presenteia-se ou consome-se muitos doces após o jejum.

Devido a um problema familiar, após um divórcio conturbado, Khaled conta que foi para a Rússia e depois para o Uzbequistão, onde se casou novamente e teve mais dois filhos. Lá, relata que era proprietário de um grande restaurante e que era procurado por pessoas influentes:

“Fazia doces para o cônsul, para o presidente. Fiz doces para Islam Karimov”.

Enquanto a esposa e os filhos ficaram no Uzbequistão, Khaled levou a família para a Turquia e me conta orgulhoso:

“Na Turquia, eu fazia doces para Erdogan...entreguei na mão dele”.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2018– Khaled Alkhabaz).

Figura 35. Khaled apresenta seus doces na fábrica da família, instalada na Turquia.

Extraído de: Foto cedida por Khaled.

Nas formas, observa-se imensas variedades de *baklava*⁸⁹, *kunafa*⁹⁰ e *harisse*⁹¹.

⁸⁹ Doce folheado recheado com nozes ou pistache e regado abundantemente com calda de flor de laranjeira.

⁹⁰ Doce feito com massa líquida que depois de pronta, toma o formato de fios de cabelo e que pode ser usada de diferentes maneiras.

⁹¹ Doce de semolina semelhante a um bolo baixo cortado em quadrados com amêndoas e regado com calda de flor de laranjeira.

Figura 36. Fachada da loja Doce do Oriente.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

A portinha à esquerda leva ao andar mezanino, onde fica a fábrica. O nome “Doce do Oriente” impresso no letreiro da loja, não é aleatório: Ele fala como “Oriente”; não esconde a sua origem e mostra como se insere no lugar.

Figura 37. Vitrine de doces variados.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Figura 38. *Harisse* que Khaled relatou ter entregue em mãos para Erdogan.

Extraído de: Foto cedida por Khaled.

Na imagem, nota-se o desenho de uma meia-lua e uma estrela feitos com amêndoas sobre o doce. O símbolo refere-se à bandeira da Turquia e o ato indica o *status* e o alcance do trabalho desempenhado por Khaled ao relatar ter entregue o prato em mãos ao presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan.

Figura 39. Bandeja de doces

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Esses doces foram apresentados ao restaurante *Arabek*, cujos proprietários ao tomarem conhecimento de seu trabalho, ofereceram a ele oportunidade de trabalho durante o tempo em que esteve no Brasil. Da esquerda para a direita: diferentes tipos de *baklava*, *kunafa* de pistache, nozes, damasco, castanha de caju e por fim, *maamoul*⁹² de pistache, tâmara e nozes.

Observo Aboud - cortando o *shawarma* para os clientes que chegam. O cheiro das carnes toma conta do lugar, que é bem apertado. É um espaço pequeno e abafado, devido ao calor das máquinas. Há um balcão de frente para a porta, à esquerda, que tinha a máquina de *shawarma* instalada na portinha do lugar. À direita, uma estufa com *esfihas*, um balcão, onde estavam expostos alguns doces e uma geladeira com água e

⁹² Doce amanteigado comumente recheado com pistache, nozes ou tâmaras.

refrigerante. Há mais banquetas dos dois lados e, ao fundo, um pequeno espaço fechado que correspondia à uma pequena cozinha. Havia também algumas banquetas dispostas do lado de fora.

O espaço fica atrás da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Na mesma calçada, o quase centenário Ponto Chic. A portinha fica ali, embaixo do Edifício Daniel M. Ferreira, bem no miolinho do Largo do Paissandu. O movimento dentro e fora da loja é intenso, tanto que inicialmente tive muita dificuldade em conseguir conversar com ele. A demanda de clientes era tão grande, que até mesmo para fazer um pedido tive que esperar em uma longa fila.

Notei que na região existe um vasto comércio de “churrasco grego”. Vi muitas vezes, pessoas que observavam o *shawarma* e diziam ser “churrasco grego”, eram corrigidas e, curiosas com o que para elas parecia ser algo novo, acabavam fazendo pedidos. Muitas outras pessoas passavam, balbuciavam algumas palavras com outras e depois decidiam parar ali pelo mesmo motivo, e à medida que isso acontecia, corrigiam e eram corrigidas umas às outras. O cheiro das carnes assadas era intenso e pairava sobre boa parte da calçada.

“Eu vim da Síria, de Raqqa. Cheguei no Brasil em 2013, por causa da guerra, né...E eu vim sozinho, mas no avião conheci dois sírios que estavam chegando também...”

Aboud relata que ao chegar à mesquita, fez contato com outros sírios e a sua primeira oportunidade de trabalho foi em restaurantes da região:

“Todo mundo fala árabe ali, né? Tem uma comunidade bem grande”.

Quando saiu do Brás, conta que começou a trabalhar com eletrônicos na região da Rua 25 de Março e Santa Ifigênia, mas já tinha em mente a ideia de trabalhar com comida, um negócio próprio. Relata que nas lojas em que trabalhou os libaneses se comunicavam totalmente em árabe – segundo ele, o que até facilitou a comunicação no início, mas dificultou muito que aprendesse o português depois.

“Graças a Deus abri essa loja aqui...já tem 1 ano e meio...”

Aboud me mostra na galeria de seu telefone algumas fotos. Me conta que um dos seus frequentadores mais assíduos, é o “Supla”⁹³, que aparece, inclusive, em muitas das fotos que me mostra orgulhoso: *“Ele sempre vem aqui”*. Na parede, observo quadros de matérias jornalísticas que foram realizadas no lugar. Enquanto estava ali, uma equipe tirava fotos e realizava uma reportagem no local.

Enquanto conversava com ele, notei que alguns de seus funcionários e funcionárias não eram apenas brasileiros ou sírios como em outros lugares. Então expressei a ele essa minha observação:

“Tem seis pessoas: 1 sírio, 2 brasileiros e 3 africanos. As pessoas precisam trabalhar...para mim não tem problema se é brasileiro ou não e nem se tem religião diferente...a pessoa só precisa gostar de trabalhar...ter respeito...trabalhar certo”.

Percebo que esse lugar, sempre aglomerado de gente mesmo com tão pouco espaço, está se tornando o “*point*” do almoço dos trabalhadores e curiosos da região.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2018 - Abdoulrahman Alsaied).

⁹³ Nome artístico de Eduardo Smith de Vasconcellos Suplcy, cantor e filho primogênito dos políticos Marta e Eduardo Suplicy.

Figura 40. Fachada da portinha do Aboud

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Em frente à sua portinha, há uma aglomeração de clientes à espera de atendimento. “Aboud” é uma abreviação de seu nome, Abdoulrahman, mas também é a forma de como ele gosta de ser chamado e de se sentir familiarizado e integrado com o público brasileiro.

Figura 41. Aboud preparando o *shawarma* de frango

Extraído de: Foto cedida por Aboud.

Encontrei a portinha através da minha cartografia e era uma das referências que correspondiam com a localização efetiva, na Rua Andaraí, uma travessa da Avenida

Guilherme Cothing - a principal e a mais conhecida do bairro da Vila Maria, zona norte de São Paulo.

Quando cheguei, o lugar estava fechado. Vi o momento em que chegou um rapaz: ele abre a portinha e coloca um cavalete na calçada. O lugar era muito pequeno, mas havia lugares para se sentar. Dentro, havia duas pequenas mesas quadradas ao centro com duas cadeiras cada e nas laterais, algumas banquetas que acompanhavam o comprimento de um balcão de pedra onde também era possível se comer. Ao fundo, a máquina de *shawarma*, uma pequena estufa de salgados e a geladeira. Havia também uma pequena porta fechada que me deu a entender que levaria a uma pequena cozinha. O rapaz veio me atender e começamos a conversar. Comentei que havia passado por ali antes e que a porta estava fechada.

“Desculpa...eu estou sozinho aqui. Eu tinha ido no banco resolver umas coisas... Quando a porta fica embaixo, é porque como só tem eu aqui, eu preciso sair e deixar a loja fechada porque eu não tenho um ajudante. Às vezes eu demoro uma, duas horas...e é um problema porque chega cliente e a loja fica fechada, sabe...” Me ofereceu um café e continuou a conversa: *“Antes eu trabalhava com comida na Síria; também já trabalhei em restaurante no Líbano e na Jordânia...por mais de 8 anos fiz comida para festas, casamentos...já trabalhei com empresa de música também que ficava no Iraque. Eu gosto de festa; de música...gosto disso.”*

Passei a frequentar a sua loja. Khaled, que se comunicava muito bem em português, me conta um pouco de seu percurso até aqui.

“Eu sou drusi, vim de As-Suwayda...fica no sul da Síria...é perto da Jordânia. Cheguei no Brasil em 2015, sozinho mesmo, porque na Síria tem muito problema com guerra. Minha família ficou parte na Síria mesmo, na minha cidade...outros na Jordânia...na Arábia Saudita...”(...) *“O amigo que me chamou aqui me ajudou no começo, mas é muito difícil não falar o português no Brasil... nos restaurantes de libanês, eles falam árabe e português, mas com sírio só falam árabe e não tem como aprender...ali você trabalha bastante, não tem tempo de falar com ninguém”.*

Ele me conta que depois de alguns meses, decidiu deixar o trabalho e seguir na empreitada sozinho:

“Comecei a vender bebidas, na rua mesmo. Cerveja, água, refrigerante...eu gosto de trabalhar. Não tenho problema com trabalho...pode ser qualquer um; tem problema se não trabalhar”.

Relata que soube através de um amigo que havia um restaurante na região da Santa Ifigênia onde poderia trabalhar na cozinha. Trabalhou tempo suficiente para conseguir recursos e abrir seu próprio negócio. Quase um ano e meio depois, já em 2017, Khaled abriu ali a sua própria loja. Ele faz *shawarma*, mas também oferece pratos típicos da Síria. Durante a noite, por estar localizado próximo a uma Universidade conhecida na região e rodeada por “barzinhos”, coloca música árabe e compartilha seu *Narguile*⁹⁴:

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2018 - Khaled Flihan).

⁹⁴ Instrumento de uso compartilhado muito difundido no Oriente Médio utilizado para se fumar. Pode ser feito de vidro ou metal; possui um bojo com duas ou mais saídas na parte inferior, onde se coloca água. Ao longo da parte superior, o fumo é colocado apartado do carvão, que fica no topo. Ao se queimar o carvão, a água aquece e libera calor. Quando o vapor atinge o fumo, exala uma fumaça muito perfumada e um sabor intenso.

Figura 42. Fachada da portinha do Khaled.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

É muito comum, assim como Khaled, que muitos sírios usem seus sobrenomes como uma característica identitária. É a partir do nome de família que se sabe sua genealogia, sua linha confessional, sua posição política e a qual região de seu país pertencem.

Figura 43. Khaled com seu traje de *chef* durante o preparo do *shawarma*.

Extraído de: Foto cedida por Khaled.

Conheci Abud e sua família em eventos promovidos pela ONG Instituto Base Gênesis na sede da Comunidade Árabe. Esse evento reunia alguns sírios refugiados que vendiam diferentes produtos. A *Hope Store* acontecia aos domingos ao menos uma vez por mês e era realizada por essa ONG a fim de auxiliar refugiados sírios revertendo o valor total de todas as vendas para essas famílias, que vendiam ali os alimentos que produziam. Kamal Kabawa e sua família ofereciam pães, doces e outros itens de comida árabe, que eram levados para serem vendidos durante o evento ou por encomenda – que independentemente da realização do evento, podia ser retirada naquele mesmo local sempre aos domingos. O diálogo foi uma das dificuldades que encontrei nesses eventos porque eram sempre cheios e de modo geral, muitas pessoas se aglomeravam para conversar também.

Foi pelas redes sociais que comecei a conversar com seu filho, Abud. Tínhamos em comum o fato de eu já ter cursado Direito na universidade e de ele estar com os estudos em andamento na mesma área. Pretende seguir os passos do pai.

“Nós chegamos aqui no Brasil em 2015: meu pai, minha mãe eu e mais cinco irmãos. Já a Maya nasceu aqui, é brasileira. Somos de Aleppo. Lá, meu pai era juiz de Direito. A minha mãe, artista plástica. Eu e meus irmãos...a gente era estudante. Quando perdemos tudo na Síria, foi uma situação bem difícil...tudo fechado. Jogavam muitas bombas e parecia o fim do mundo...ficou tudo destruído. Quando cheguei aqui tinha muita saudade dos familiares, da Síria..., mas com tempo foi passando.”

(...)

“Aqui nós conhecemos a Comunidade Árabe e eles nos ajudaram a achar casa, trabalho e aprender português...nós começamos a trabalhar com comida porque não tem outra opção antes de aprender o português...aí começamos a fazer comida e doces árabes também pra vender e por encomenda...”

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2020 – Abdulmalek Kabawa).

Figura 44. *Esfihas* de carne feitas pela família de Abud.

Extraído de: Foto cedida por Abud.

Na imagem acima, é possível observar quantidades generosas de carne que são distribuídas nas massas de *esfiha*. As variedades e as quantidades mostram o quanto se importam em demonstrar fartura em seus produtos e obter a aprovação e satisfação de seus clientes.

Figura 45. Doces variados feitos por Abud e sua família.

Extraído de: Fotos cedidas por Abud.

Na imagem acima, observa-se uma grande variedade de doces feitos pela família de Abud. Dentre eles estão *baklawa*, *halawe* e os tradicionais biscoitos de gergelim.

Além da comida, Ghazal também abre as portas de sua casa para vender peças de roupas, tapeçarias, *masbaha*⁹⁵, toalhas de mesa, bules típicos para café, ente outras coisas que trouxe de uma viagem que fez para visitar a família na Síria. Fui escolher algumas peças na sua casa, no bairro do Campo Belo. Nós, pesquisadores que nascemos e moramos nessa selva de pedras, até no campo, a gente se confunde de Campo. Errei o trajeto e ao invés de ir para o Campo Belo – nas proximidades do Brooklin – fui parar no Campo Limpo – já quase no Capão Redondo. Talvez por isso a rua não existisse ali. Voltei. Cheguei à casa da Ghazal, que fica em uma rua aparentemente tranquila do bairro. Ela me recebeu carinhosamente. A primeira coisa que observei, foi uma enorme bandeira da Síria, logo na entrada da casa. Na garagem, ela dispõe cuidadosamente os produtos que retira de grandes malas de viagem para que eu veja.

Ghazal tem uma história que ficou bastante conhecida nas redes sociais. Ela me conta que era dona de casa na Síria. Seu marido, engenheiro mecânico de formação. Eles chegaram ao Brasil com dois filhos em 2013- um menino de 11 e uma menina de 8 anos de idade - e aqui, nasceu a caçula, Sara – que tem o mesmo nome da minha filha. Ela relata que decidiram sair da Síria devido a diversos problemas que sofreram pelo contexto de guerra em seu país:

“Lá na Síria tem guerra e também meu marido foi preso na Síria três meses e meio porque tem uma pessoa com nome igual ao nome do meu marido e o governo queria outra pessoa, mas quando meu marido saiu para o Líbano para voltar para a Síria, na fronteira, pegaram meu marido porque o nome dele é igual ao nome de outra pessoa. Foi preso três meses e meio e depois que ele saiu, ele disse: Ghazal, não vamos ficar mais, nós vamos viajar para o Líbano.”

Quando chegaram ao Brasil, Ghazal relata que Talal começou a trabalhar na Feira da Madrugada, no Brás, vendendo roupas infantis. Ela me conta que a ideia de trabalhar com comida surgiu por acaso, no aniversário de um de seus filhos, quando

⁹⁵ Semelhante a um rosário, a *masbaha* é utilizada pelos muçulmanos para fazer suas orações. Algumas possuem 33 e outras 99 contas, que remetem aos 99 nomes atribuídos a Allah (Deus). As que possuem o número de 33, devem ser rezadas em três voltas para completar o ciclo de orações.

alguns convidados que pertenciam a uma ONG sugeriram a criação de uma “vaquinha virtual”⁹⁶ a fim de angariar recursos para que eles pudessem abrir um restaurante:

“Eu fiz um aniversário para meus filhos na minha casa e convidei umas pessoas que trabalhavam com ONG. Quando eles comeram a minha comida, eles amaram a comida e falaram para trabalhar com comida árabe, para vender comida árabe. Eu falei: ‘Ah, não!’ Eu não sabia como funciona. Depois ajudaram a abrir uma página no Facebook: ‘Talal Culinária Síria’ para vender comida. Depois, eles falaram para abrir um restaurante..., mas eu falei: ‘Não tenho dinheiro!’ E eles ajudaram a fazer uma campanha para que as pessoas me ajudassem a abrir um restaurante. Eu recebi 60 mil reais para abrir o restaurante. Abri dois anos um restaurante no Brooklin e depois fechou por causa de problemas de funcionários, de prefeitura, muitas coisas...e agora eu trabalho em casa, para fazer comida para eventos, festas, encomendas... só”.

Ghazal também não esconde a saudade que sente da família e da vida confortável que tinha antes na Síria:

“Para mim é difícil eu ficar muito longe de meu pai e mãe, muita saudade deles...é muito difícil. É muito difícil para pagar aluguel da casa, porque lá na Síria tenho minha casa; lá meu marido era engenheiro mecânico e aqui trabalha como cozinheiro e trabalha com Uber....ele trabalha em várias coisas para conseguir ficar com uma vida boa aqui.”.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2020 - Ghazal Baranbo).

⁹⁶ Campanha de refugiado sírio atinge meta para abrir restaurante. Disponível em: <<https://migramundo.com/campanha-de-refugiado-sirio-atinge-meta-para-abrir-restaurante/>>. Acesso em: 15/02/2021.

Figura 46. Ghazal trajada com belas combinações de *hijab* e *abaya*⁹⁷ apresenta seus salgados árabes.

Extraído de: Foto cedida por Ghazal.

Entre suas especialidades estão *kibes* fritos, *kafta*, *esfihas* abertas e fechadas, *yabrak*, *falafel*, porções de *tabule*, *homus*, *baba ganoush* e *labneh*, além de um pedaço de doce, o *harisse*. Ao fundo, matérias de jornais cuidadosamente emolduradas e que são expostos com orgulho para mostrar que possuem um bom referencial de comida síria.

⁹⁷Traje feminino usado por mulheres muçulmanas que se assemelha a um vestido fechado de comprimento e mangas longos, desenhados ou bordados com motivos orientais.

Figura 47. Ghazal representa a culinária síria em evento.

Extraído de: Foto cedida por Ghazal.

Figura 48. Bandeira da Síria na entrada da casa de Ghazal

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Observei, para além da bandeira que vi pendurada na entrada da casa de Ghazal, fortes significados de como se mantém ali símbolos que representam uma lembrança permanente do país de origem e dos laços afetivos que são mantidos com a Síria.

Conheci Salsabil Matooq em 2017, em Pinheiros, em eventos de uma *startup* chamada *Bab Sharki*, idealizada e promovida por uma mulher – Joanna Ibrahim - também refugiada síria e que quando a conheci ajudava refugiados e refugiadas de várias nacionalidades que não tinham condições de abrir sua própria portinha, a levantar recursos através de pratos regionais que eram feitos e divulgados através desse projeto.

O lugar onde esse evento acontece – e que também é uma portinha, só que compartilhada – fica em Pinheiros, há poucos metros da estação Fradique Coutinho do metrô.

Presenciei Salsabil muitas vezes e sempre que era o seu dia de preparar suas comidas, o ambiente ficava muito cheio, de modo que tive bastante dificuldade de conversar com ela sempre que participava ali, surgindo outras oportunidades para tanto.

Salsabil me conta que é de Damasco e morava em uma cidade do interior, chamada Douma. Relata que é farmacêutica, saiu da Síria em 2012, devido à guerra. Diz que quando o marido e ela chegaram ao Brasil, já vivia aqui um amigo que morava em São Caetano e que os recebeu no dia em que chegaram. Também foi ele quem os ajudou a alugar uma casa. Salsabil me conta que era uma casa de um quarto e que ali eles moraram por cerca de três anos.

“O nosso amigo como ele já mora aqui, ele estava trabalhando na rua 25 de março e no mesmo dia, a gente chegou, eu acredito que estava quinta, meu marido já começou a trabalhar na 25 de março na sexta...no outro dia ele já começou a trabalhar. Nosso amigo achou um trabalho de vendedor para meu marido e ele foi para trabalhar. E eu pensei para trabalhar com comida...você sabe...meu marido trabalhou na rua 25 de março e com salário muito baixo, estava 900 reais e que não se faz nada. Depois ele cresceu um pouquinho e ele abriu uma loja.”

Salsabil me conta que decidiu fazer comida porque viu ali a possibilidade de aumentar a renda da família, mas também porque ama cozinhar:

“Eu amo muito cozinhar...então eu pensei que a gente pode crescer a renda, então eu estava numa ONG, o nome dela é Gênesis que fica na Praça da Sé e a gente estava falando sobre como pode ajudar as mulheres árabes, e a gente pensou para criar um bazar. Eu comecei as primeiras vendas com Genesis que fiz o bazar, fiz as comidas e graças a Deus eu vendi tudo. E como vendi tudo e estava muito bom, eu gostei. Na verdade, eu ganhei bem...eu ganhei naquele dia mesmo salário de meu marido no mesmo dia, em um dia. Então eu pensei que a gente pode fazer uma coisa com comida e eu achei que os brasileiros gostam muito de culinária árabe e está bem conhecida aqui. Então, eu comecei com bazares e comecei com algumas encomendas...depois em 2016, eu entrei com Migraflix, você conhece; Eu entrei também com a Bab Sharki. O Migraflix me ajudou para fazer o CNPJ; eles dão para nós muitas aulas; como abrir o Instagram, como criar o facebook...como divulgar nosso trabalho...”

(Notas do caderno de campo, 2020 - Salsabil Matooq).

Figura 49. Salsabil Matooq faz uma pausa para a foto.

Extraído de: Foto cedida por Salsabil.

Na imagem acima, Salsabil ajeita seus *kibes* assados com amêndoas no *buffet*, onde também estão expostos alguns pratos frios acompanhados de pão sírio, como *babaganush*, *labneh* e *homus*, além de suas *esfihas* de carne e *zaatar*⁹⁸.

⁹⁸ Condimento árabe à base de sumak, gergelim e cominho.

Figura 50. Retrato de Salsabil visto a partir do Minhocão.

Extraído de: Foto cedida por Salsabil.

Para além de uma intervenção artística que imprime em um edifício visto a partir do “Minhocão” o rosto de Salsabil é também uma imagem que conseguiu espaço e que retrata - para além de sua beleza física - a visibilidade desse grupo de referência que se firma na cidade; um marco da sua presença ali, que se vê e que se faz sentir. Em 2019, o Projeto Gigante e série *Hack the City* ganhou o *International Emmy Awards* com esta imagem.

Conheci Rahaf no início do meu doutorado. Eu era voluntária em uma ONG da capital paulista e fui escolhida para dar suporte na residência de uma família vinda da Síria, na região do bairro do Limão, ministrando aulas de língua portuguesa para uma moça que não tinha como se deslocar da zona norte para estudar na ONG, que ficava na região central da cidade.

Rahaf, seu marido Eiad e o filho mais velho são de Damasco. Chegaram ao Brasil em 2014. Ela era muito jovem, tinha 22 anos e casada desde os 16 com um primo, rapaz também jovem e que trabalhava aqui como gessoiro. Tinham dois filhos pequenos: o

mais velho, Mohammad, sírio, tinha 5 anos e o caçula, Omar, brasileiro, e a quem chamávamos carinhosamente de Amura, com 2 anos. Quando chegaram ao Brasil, tinham uma tia em comum que já estava estabelecida no país há muitos anos e tinha um comércio de comida na região da Santa Cecília. Com ela trabalhava um dos irmãos de Eiad. O outro, mais novo, trabalhava com um patrício que abriu uma portinha na região da Avenida Paulista. Rahaf não fala português. Eiad, vi poucas vezes e observei que ele fala um pouco mais. Os pais de seu marido chegaram a vir ao Brasil, mas não conseguiram se adaptar e retornaram à Síria. Os pais, irmãos e sobrinhos de Rahaf já haviam deixado a Síria por causa da guerra e viviam no Egito. Como a minha filha tem a mesma idade do seu primogênito, nos identificamos em vários aspectos e tivemos muita facilidade de nos aproximar; era muito comum trocarmos informações sobre a rotina das crianças.

Eu ia à sua casa ao menos uma vez por semana, sempre em dias que não fossem quartas-feiras - porque era de quarta-feira que ela costumava ir à mesquita do Pari fazer suas orações – nós dávamos andamento às aulas de português. Rahaf se esforçava ao máximo; gostava de aprender. Aproveitava cada segundo de aula, apesar da dificuldade em conciliar as aulas com o cuidado de duas crianças pequenas. Fazia todas tarefas que eu deixava para a semana e não desleixava de nenhuma. Nos demais dias em que eu não podia estar com ela, me enviava suas dúvidas pelo *WhatsApp*: fotografava bilhetes enviados pela professora do Mohammed; receituários médicos; mensagens que chegaram por e-mail da Polícia Federal e tudo aquilo que julgava necessitar de alguma ajuda para interpretar.

Também era nesses dias que compartilhávamos algumas anedotas. Certa vez, inventamos de fazer um prato para o almoço. Um prato com uma receita simples, para que ela também pudesse aprender. Escolhi ensiná-la a fazer uma receita de família de panquecas de frango:

Cheguei à casa da Rahaf mais cedo que o habitual, por volta das 11h00. Nesse dia, fomos buscar Mohammad na escola. Ele sempre me chamava carinhosamente de “tia” quando me via. Voltamos. Preparamos os ingredientes...ali, na cozinha, acontecia duas ações: ela aprendia uma receita que fazemos aqui e aprendia o nome dos ingredientes em português.

Quando estávamos juntas, também aproveitávamos para resolver algumas pendências das quais ela não conseguia resolver sozinha porque o idioma ainda era uma barreira a ser transposta. Então, eventualmente íamos à sede da Polícia Federal resolver alguma burocracia referente a documentos; procurávamos creche para o Amura ou o que mais necessitasse.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2017 - Rahaf Alaseeri).

Figura 51. Selfie com Rahaf.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

Esta *selfie* mostra um momento de descontração na cozinha da casa de Rahaf enquanto ela aprende a fazer panquecas. Tirei essa foto no momento em que ela acertou o ponto e que mostra, muito orgulhosa, como ficou bonita a sua massa na frigideira.

Conforme ocorriam os diálogos, meus interlocutores também relatavam os caminhos que tiveram de percorrer até chegar ao Brasil. Constatei que o Brasil, nunca foi a primeira opção dessas pessoas.⁹⁹ Surgem, nos relatos de campo, idas para países vizinhos como Líbano, Jordânia, Turquia, Egito, Arábia Saudita. As preferências e tentativas estavam voltadas, de modo geral, para países da Europa ou da “América”¹⁰⁰, mas o grande impasse estava relacionado ao fechamento das fronteiras, que inviabilizou a entrada desses refugiados para esses países e o Brasil surgiu nesse cenário como a única alternativa possível. O trechos a seguir mostram os percursos desses refugiados a partir do momento em que decidiram deixar a Síria até o momento em que chegaram ao Brasil:

“Por causa da guerra eu tive que ir embora com a família para o Egito. No Egito, abri 20 lojas de doces, em muitos lugares. Mas também, por causa da guerra fechou tudo. Depois, precisei procurar outro lugar. Toda a minha família foi embora para a Turquia. Lá, na Turquia, abri uma empresa grande, que fazia...é... como é o nome? Menager para várias lojas. A minha mulher e meus dois filhos pequenos ficaram no Uzbequistão e eu fui para Turquia com Yazan para cuidar de negócios da família... Depois, eu fiquei sócio com um amigo. Vim com Yazan para a América. Abri dez restaurantes na Argentina, mas não deu certo. Depois, outro amigo me chamou para o Brasil. Minha mulher não quis vir e ficou com crianças no Uzbequistão. Abri 10 lojas na cidade de Maringá, no Paraná. Um problema...Depois, eu sempre vinha para São Paulo, na Santa Rosa¹⁰¹ comprar coisas para trabalhar: nozes, pistache, castanha. Eu gostei daqui e fiquei.

Abri outra sociedade com uma loja de doces no Brás, que também não deu certo. Depois, acabou tudo e eu queria ir embora do Brasil... eu já estava no aeroporto

⁹⁹ UNHCR ACNUR. Sete fatos sobre a crise na Síria. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/09/12/sete-fatos-sobre-a-crise-na-siria/>. Acesso em: 01/05/2019.

¹⁰⁰ Assim se referem aos países da América do Norte.

¹⁰¹ Zona Cerealista.

com Yazan quando um libanês que antes o cônsul mostrou ele para mim, quando ele ficou sabendo, apareceu lá e fez uma proposta para ficar, que a gente poderia abrir uma loja de doces no Brás e tudo...aí eu voltei.”

(Khaled Alkhabaz, 2018).

“Antes da guerra, eu já queria conhecer o Brasil, o futebol..., mas era muito difícil conseguir visto antes...então eu morei um tempo no Líbano antes de vir para o Brasil. Mas com essa coisa da guerra, estava muito difícil. Depois, o consulado libanês me deu o visto e eu vim, sozinho mesmo...olha, tudo aconteceu como Deus quis. Foi Deus. Deus me mandou para o Brasil”.

(Abdoulrahman Alsaied, 2018)

“Eu vim para o Brasil porque já tinha uma pessoa aqui, um conhecido já morando no Brasil há um ano e meio mais ou menos...ele disse que o Brasil estava recebendo gente; tinha trabalho...aí eu vim. Mas antes eu fui para outros lugares: Jordânia, Líbano...depois para Istambul, na Turquia, e foi lá que eu consegui o visto para o Brasil.”

(Khaled Flihan, 2018)

“Ficamos no Líbano 10 meses. Procuramos muito para viajar para outro lugar, mas não conseguimos porque todo mundo fechou a porta para sírios, só o Brasil abriu porta para sírios sem documentos, sem nada...eu tentei viajar para outros países...eu preferia a Alemanha, a Suíça...porque lá o governo ajuda para as pessoas para casa, para comer, para tudo...”

(Ghazal Baranbo, 2020)

“A gente saiu da Síria em 2012 e como estava tudo difícil, eu fui primeiro para a Jordânia e fiquei quase seis meses...depois fui para a Arábia Saudita...e depois a

gente voltou para a Jordânia. A gente ficou assim quase três anos, daqui para cá, procurando alguma coisa. Mesmo nesse tempo a gente tentou algum visto para a Alemanha; para a Europa, mas estava tudo fechado. Então estava muito difícil. E você sabe, né?! Que [?] teve que meu marido já pode passar para o mar, chega primeiro e depois chama nós. Então a gente não queria que meu marido viesse sozinho...a gente queria tudo junto, porque teve um filho. Em 2014 o Brasil liberou receber sírios e palestinos e gente teve visto muito rápido no consulado da Jordânia e eu já peguei em um mês e já consegui vir aqui naquele momento. A gente escolheu o Brasil porque eu estava grávida e naquele ano de 2014, o Brasil dava naturalização para novo bebê...depois a gente pensou: que boa ideia que ele tenha naturalização e depois dá para nós...e eu vim aqui grávida com oito meses e consegui...agora nós, toda a família somos brasileiros e depois nasceu três filhos aqui.”

(Salsabil Matooq, 2020)

Como se pode depreender, foram muitas as dificuldades enfrentadas até que chegassem aqui. Quando chegaram, porém, também enfrentam muitas outras. Em todas as narrativas, a questão mais apontada foi o idioma. E a comida se tornou o ponto central da pesquisa porque é através dela que esses sírios passam a se integrar na cidade; eles se identificam e podem ser identificados mesmo sem pronunciar uma só palavra no idioma do país que os acolheu. Para MONTANARI (2009):

Exatamente como a linguagem, a cozinha contém e expressa a cultura de quem a pratica, é depositária das tradições e das identidades de grupo. Constitui, assim, um extraordinário veículo de autorrepresentação e de comunicação: não apenas é instrumento de identidade cultural, mas talvez seja o primeiro modo para entrar em contato com culturas diversas, já que consumir o alimento é mais fácil do que decodificar-lhe a língua. (MONTANARI, 2009, p. 11).

Notei que algumas mulheres conseguem se deslocar até as mesquitas ou ONGs para aprender o português e ali têm a oportunidade de aprender a ler, a escrever e a falar; já conseguem interagir e começam a surgir ali oportunidades de trabalhar em casa fazendo comida para eventos. Outras, não têm essa facilidade e dependem que as

organizações enviem voluntárias para ensiná-las em casa, o que nem sempre é possível. Para as mulheres que não tem a possibilidade de trabalhar, constatei que essa dificuldade é ainda maior, porque são maiores os obstáculos para interagir com pessoas que não pertençam ao seu grupo de referência.

Quanto aos homens, porém, verifiquei que esse cenário se mostra diferente: a grande maioria não pode se deslocar até a mesquita ou às ONGs para estudar. São eles que ficam responsáveis por prover o sustento da família e trabalham muitas horas por dia. Constatei que a relação de trabalho entre patrícios não é formalizada, mas acordada verbalmente e há diferença no trato entre funcionários brasileiros e sírios: Quando os funcionários são brasileiros, os patrícios os incluem em todos os trâmites legais, mediante registro em carteira de trabalho ou, no mínimo, com alguma formalização, nem que seja por contrato de trabalho, porque já sabem que brasileiro “coloca no pau” e que ele terá que desembolsar muito dinheiro para pagar direitos no caso de uma eventual reclamação trabalhista - nesse caso, o trabalho obedece à jornada de oito horas diárias, férias remuneradas, e cumpre todas as demais exigências previstas em lei.

Porém, quando o funcionário é sírio, essa formalidade inexistente e tudo se resolve “igual na Síria”, ou como dizemos aqui, no “fio do bigode”. Com isso, não há como trabalhar e se dedicar a estudar o português, porque nessa situação, eles realmente não dispõem de tempo. Aprendem o novo idioma pela transmissão oral – seja na rua, no comércio, no estabelecimento vizinho ou mesmo com clientes brasileiros que vão para comer e acabam por conversar durante o momento de descontração em que permanecem ali. Essa é uma das razões pela qual os homens apresentam maior domínio da oralidade em relação às mulheres – mas nem sempre da escrita. Dentre as muitas dificuldades observadas durante o trabalho de campo e também das apontadas pelos meus interlocutores, a questão do idioma foi apontada como a maior delas, como se pode observar:

“O mais difícil aqui é a língua, na verdade...porque como a gente fala outra língua...nós falamos o inglês, mas não tem aqui quem nos ajuda na parte do inglês e a língua estava muito difícil. Depois eu falei: ‘Não dá! A gente tem que andar um pouquinho; falar um pouquinho... Comecei tudo em casa: eu abri um aplicativo e comecei. Eu falo inglês então estava tudo muito parecido algumas coisas e assim. Eu

estava andando na rua e tenho Google Translator, que me ajuda...tenho caneta, tenho papel... escrevo o que eu quero e assim, com o tempo, pouco a pouco eu já consegui falar...eu não falo muito bem, mas dá; dá para entender.”

(Salsabil Matooq, 2020)

“Aqui para mim não estudo nada; só falo com pessoas na rua, quando eu trabalhava no restaurante por dois anos. Não tenho tempo para estudar...é muito difícil para mim. Mas na Alemanha onde está minha prima ela fica dois anos para estudar português [Sic]¹⁰² e depois ela vai trabalhar...mas aqui não. Aqui se precisar estudar ficamos sem trabalho, sem dinheiro, difícil. Aqui no Brasil eu trabalho com meu marido: duas pessoas para conseguir – porque a minha família são cinco pessoas: eu tenho três crianças e eu com meu marido. Se eu ficar para estudar é muito difícil...só precisa trabalhar”.

(Ghazal Baranbo, 2020)

“Passei por dificuldades...eu não sei escrever nem ler. Não posso ajudar meus filhos na escola. Eu tenho dois filhos na escola. Eu vim de um lugar distante, aqui, não do meu país, nem das tradições, nem da comida...tudo é diferente e também a língua. Tudo é novo para mim.”

(Rahaf Alaseeri, 2017).

“Quando um sírio chega, a maioria já começa a trabalhar no Brás, com um libanês. Eles sabem o português, mas só falam em árabe no Brás. Ninguém te ensina o português. Ali é você fica só para trabalhar e se você não sai de lá não aprende nada”.

(Khaled Flihan, 2018)

¹⁰² [Sic] Alemão.

“Eu via todo mundo falar português e dava vontade de chorar (...) Aprendi português de falar com brasileiros; com gente da rua mesmo...gente que vem aqui para comer e conversa...”

(Abdoulrahman Alsaied, 2018)

“Até agora eu não falo português certo...”

(Khaled Alkhabaz, 2018)

“Foi difícil a linguagem...começamos com o básico e fizemos várias aulas e usamos o tradutor do celular para deixar as pessoas escreverem português e a gente ler em árabe para entender e depois escrever em árabe e a pessoa ler em português para ela poder entender.”

(Abdulmalek Kabawa, 2020)

Conforme demonstrado, são muitas as dificuldades; são muitas as burocracias e a ausência de políticas públicas voltadas a refugiados que sejam capazes de lidar com esse tipo de demanda é profundamente sentida em diferentes níveis. Entre as mulheres, observei que a falta de ajuda do governo e o modo de como precisam se organizar para tentar trabalhar ao mesmo tempo em que precisam assistir aos filhos e as tarefas domésticas surgem com mais frequência nos relatos, como se verifica nos trechos a seguir:

“(…), mas aqui, no Brasil, ninguém me ajuda, o governo...nada. Só para documento...mas para casa para tudo só as pessoas brasileiras me ajudaram...o governo não ajuda nada.”

(...)

“Aqui é muito difícil porque eles querem fazer igual aos amigos deles; eles ficam na escola particular com bolsa gratuita e os amigos deles são muito ricos, compram e nós não conseguimos fazer tudo para meus filhos...essas coisas são muito difíceis também.”

(Ghazal Baranbo, 2020).

“(...) Até quando você vai no consulado para pegar o visto eles dão um papel que o Brasil não tem nenhuma ajuda não tem nada e você tem que fazer tudo”.

(...)

“Eu tenho três crianças...meu marido não estava trabalhando, eu com meu marido...então, quando tinha eventos, se eu faço buffet, faço jantar numa casa, faço eventos que não precisa meu marido, eu vou sozinha e meu marido fica com crianças...mas se eu tenho bazar e eu e meu marido temos que ir juntos nesse bazar, minha amiga me ajuda, ela vem aqui e fica com meus filhos...ou eu levo meus filhos até a casa dela e ela fica com meus filhos um, dois dias até eu terminar o bazar.”

(Salsabil Matooq, 2020).

Rahaf também relatou que gostaria de trabalhar, mas que também seria muito difícil com duas crianças pequenas. Todos os dias Rahaf consultava a disponibilidade de vagas para matricular seu filho caçula em uma creche, mas a fila de espera era realmente enorme. Depois de muito tempo, ela foi chamada porque houve uma abertura de vaga em um outro lugar e me avisou para que pudéssemos ir juntas visitar a escola.

Fui até a sua casa; localizamos o local pelo Google Maps e verificamos como faríamos para chegar lá, porque era um lugar que eu também não conhecia. O lugar era longe. De ônibus era longe. Longe e fora de mão. A vaga disponível era no período da tarde. Para levar o caçula à escola a tarde, antes precisaria buscar o mais velho – que estudava no período da manhã em uma escola próxima da sua casa - e levá-lo junto. Ao deixar o caçula na creche, teria de retornar para casa com o primogênito e, no momento de buscar o Amura, teria de levar consigo também o Mohammed novamente e voltar com

dois, no transporte coletivo. E bem na hora em que todo mundo sai do trabalho; no pico; na hora do rush. Experimentamos ela e eu fazer esse percurso nesse dia. Em duas, foi bem complicado e tento imaginar como uma pessoa com duas crianças pequenas faria esse percurso sem falar e entender o português. Fiquei preocupada e me senti impotente diante desse cenário observado e sentido. Ela acabou por declinar a ideia e aguardar uma vaga em uma escola mais próxima da sua casa.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2018 – Rahaf Alaseeri).

Já em relação aos homens observei que são outras demandas que surgem e notei que estão na maioria das vezes relacionadas com a questão do trabalho e das dificuldades em abrir um negócio próprio, sua própria portinha. Isso explica o porquê de muitos deles trabalharem como funcionários de libaneses ou de outros sírios igualmente na condição de refugiados - mais estabilizados financeiramente, porém. Quando há alguma alternativa, há aqueles que optam por trabalhar em casa, fazendo comida de forma independente. Mas quando não vislumbram nenhuma, não conseguem permanecer nessa condição e acabam saindo do Brasil para outros países¹⁰³ ou retornam para seu país de origem. Os dois trechos abaixo mostram situações onde esse contexto foi observado:

Durante o tempo em que estava na fábrica, passei a ajudar Khaled a procurar um estabelecimento que pudesse alugar e trabalhar de forma autônoma “longe do Brás” como ele pedia. Procurava pela internet, mostrava-lhe fotos da região – já que ele não tinha tempo para conhecer o local – telefonava ou até mesmo ia a alguns estabelecimentos pessoalmente obter informações; tentar alguma proposta – também porque ele não falava muito o português e sempre dependia de alguém para ajudá-lo com questões burocráticas.

Constatei que há muitas barreiras: os aluguéis, pontos e luvas são extremamente caros em regiões com bom movimento; as imobiliárias ou proprietários não aceitam

¹⁰³ Soube que muitos sírios tem cogitado e se deslocado do Brasil para Guiana Francesa, sob a promessa de serem auxiliados financeiramente pelo governo, além da possibilidade de se obter passaporte e visto necessários para a entrada na França.

propostas nem outros tipos de garantia que não o seguro ou fiador. Khaled não tinha ninguém a quem recorrer que pudesse – ou quisesse – ser seu fiador. Sua situação migratória também estava pendente porque seu RNE ainda não estava pronto.

Não sendo possível trabalhar de forma independente e autônoma, a ideia passou a ser procurar por empresas ou fábricas para que ele pudesse trabalhar de maneira mais branda, até porque, tinha queixas constantes de um problema vascular que possuía nas pernas e a frase que eu escutava com maior recorrência era: “Sinto dor. Estou cansado!”

Houve um dia em que sentia tantas dores, que Hassan – um de seus ajudantes – e eu, tivemos de chamar um carro de aplicativo e levá-lo ao Hospital das Clínicas. Khaled passou pela triagem e recomendaram que o levássemos à UBS da Sé. Novamente, chamamos um carro de aplicativo e o levamos ao local indicado, onde permanecemos por um longo tempo até que Khaled fosse atendido. Segundo o médico, nada poderia ser feito para além de receitar medicamentos a fim de aliviar a dor, pois o caso estava tão avançado, que se tornou cirúrgico, devendo aguardar uma vaga para a realização da cirurgia vascular em uma fila de espera do SUS.

Khaled relata que possui muitos problemas, que tem vontade de ir embora para a Rússia, mas diz que a única coisa que o prende aqui era seu filho Yazan e que não quer deixá-lo sozinho, mas que também Yazan não quer deixar o Brasil e ir com ele, devido a desentendimentos familiares.

“Laís, estou cansado...olha a minha situação aqui: eu durmo no chão. Eu tenho uma casa grande na Rússia, tenho família. Minha esposa me liga todo dia, meus filhos...me pedem para voltar. Quero ir embora...vou embora para Rússia”.

Comecei a me mobilizar para tentar ajudar. Entrei em contato com várias empresas; levei amostras dos doces; mas não tínhamos retorno. Em 03/09/2018, por telefone conversei com o departamento de compras de uma empresa – Arabek – que se mostrou interessada no trabalho do Khaled. Enviei uma resenha com fotos, conforme solicitação e em 10/10/2018, recebi o seguinte e-mail:

“Boa tarde, Podemos nos reunir na quarta-feira as 15h em nosso escritório?”

Imediatamente, liguei para o Khaled e pedi permissão para confirmar. Fui até a loja para acertarmos os detalhes. Ele estava animado com a ideia. Fomos comprar embalagens e no dia seguinte pela manhã, começou a fazer as amostras.

À tarde, por volta das 14h, chamamos um carro de aplicativo e nos dirigimos ao escritório da empresa, localizado no bairro do Cambuci. Fomos recebidos pelo responsável pelo departamento de compras Wellington Sales e pelos Diretores - Ricardo Guedes e sua esposa – que foram muito gentis e interessados no trabalho do Khaled, que oferecia um produto com características de um doce sírio original e em tamanho diferenciado, o que possibilitaria ao cliente a compra de pequenos doces variados, à escolha – segundo afirmaram os diretores. Algumas orientações foram repassadas quanto às exigências da Vigilância Sanitária, tais como AVS, AVCB e Alvará; necessidade de certificado digital, emissão de nota fiscal e CNPJ; indicações do despachante e contador da empresa, para que pudessem auxiliar Khaled em dúvidas que eventualmente surgissem. Disseram ainda, que seriam pacientes – como de fato foram - quanto ao prazo necessário para que essas burocracias fossem regularizadas. Alguns dias depois, Khaled me disse que trataria dessas questões com o contador que já estava acostumado a resolver os negócios da fábrica. Me coloquei a disposição para o que precisasse e o deixei à vontade. Como eu não estava mais frequentando a fábrica com tanta frequência devido a outras demandas da pesquisa, conforme o *Arabek* fazia as solicitações, eu as repassava ao Khaled via *WhatsApp*. Algum tempo depois soube que os doces não eram enviados mais. Ao conversar com ele, me disse que estava tentando conseguir uma cirurgia pelo sistema privado, pois não aguentava a dor que sentia nas pernas, devido ao tempo excessivo que permanecia trabalhando em pé e não podia mais esperar pelo sistema único de saúde. Meses depois, soube por Hassan Shihadeh – seu ajudante nesse período – que Khaled havia ido embora para a Rússia, para se unir à sua esposa e filhos.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2018 – Khaled Alkhabaz).

Assim como Khaled Alkhabaz, diante de tantas dificuldades, Hussam também decidiu não dar continuidade à sua vida aqui no Brasil e em pouco tempo, antes mesmo que eu desse continuidade à entrevista, retornou para a Síria.

Conheci Hussam caminhando pelas ruas adjacentes da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Passei várias vezes em frente a essa portinha com uma placa escrita “Tala” e ela sempre estava fechada. Às vezes na hora do almoço; às vezes no final da tarde...até que pela insistência dei sorte. A portinha ficava dentro de um estacionamento, muito discreta e quase engolida pelas dezenas de bares badalados que existem na rua. O movimento na região é intenso; mas não tanto na portinha do Hussam. O lugar é apertadíssimo e não pode receber clientes no seu interior - onde apenas há espaço para a máquina de *shawarma*, ele e mais um rapaz que chegou há três dias – e que precisam se digladiar pelo espaço: quando um vai para um lado, o outro precisa esperar. No balcão virado para a rua, uma estufa com algumas *esfihas* e doces. Ali não se vende bebidas alcóolicas. Na geladeira, água, suco e refrigerante. Hussam não fala português, mas consegue me contar, na medida do possível, que veio de Homs, na Síria e está no Brasil há quatro meses, mas a loja ali, na verdade, tem seis. Não consegui prolongar o diálogo nesse dia, porque algumas pessoas começaram a formar uma pequena fila para fazer seus pedidos e como ele não falava português, imaginei que precisava de mais tempo ou de dedicar maior atenção para compreender o que as pessoas estavam dizendo em seus pedidos. Disse que voltaria no final da semana.

Voltei para conversar com Hussam várias vezes e em diferentes horários durante vários dias...por muito tempo fiz isso, mas a portinha estava sempre fechada. Esperei algum tempo devido à prioridade que requeriam outros afazeres. Em outro dia, à tarde fui até lá e não encontrei a portinha. Ela já nem existia mais, nem a placa e até me confundi de estacionamento, porque ali tem dois ou três muito próximos e até parecidos. Na dúvida, fui em todos. Na última tentativa e até por eliminação, perguntei ao rapaz que anotava as placas dos veículos, se Hussam havia fechado sua portinha, ao que me respondeu que sim e já há algum tempo. Ao sair notei que uma outra pessoa havia aberto uma outra portinha do outro lado da rua, com o mesmo nome. Fui até lá. Igualmente pequena, só havia duas pessoas ali dentro: um senhor e uma moça brasileira que o auxiliava. Ali não havia máquina de *shawarma* e as carnes eram feitas na chapa. A nova portinha – que não era nova, na verdade, mas repaginada – tinha dentro um armênio, um senhor chamado Nicola, que embora estivesse aqui há 10 anos, conforme me contou, também falava pouquíssimo o português...por insistência minha no diálogo e auxiliado pela moça que trabalhava ali, me disse que Hussam não conseguiu se adaptar

no Brasil, que para ele estava muito difícil e que voltou para a Síria no mesmo ano em que chegou - e que foi o mesmo de quando o conheci, ou seja, 2019. Depois disso, não soube mais nada sobre ele.

(Notas do caderno de campo, 2019 – Hussam).

Figura 52. Portinha do Hussam.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora

De um lado, observa-se o tamanho do esforço e da dificuldade em tentar se manter no Brasil, seja em uma fábrica como onde Khaled Alkhabaz trabalhava ou dentro de um estacionamento, em um espaço muito pequeno, como era o lugar onde funcionava a portinha de Hussam antes de retornar à Síria.

De outro, há também aqueles que conseguiram se estabelecer apesar das dificuldades; expandiram seus negócios e ampliaram suas portinhas como fez Aboud ou se reinventaram a partir delas, como Khaled Flihan.

Na medida em que os sírios refugiados se integram na cidade de São Paulo, também se apropriam dela e de sua dinâmica cotidiana, inclusive já identificando os perigos da cidade. Nesse momento, já se mobilizam para fazer a reunião familiar e trazem seus parentes para se unir a eles aqui no Brasil e lhes proporcionam oportunidades que quando chegaram não tiveram como a de estudar, por exemplo, como foi o caso de Aboud:

Aboud passou a ser uma pessoa conhecida na região e os clientes já apresentam bastante afinidade com ele: não o chamam mais de Aboud como antes, mas de “brimo” e o carinho com eles também se mostra recíproco. Notei que muitos clientes brasileiros entram na loja, o abraçam e o cumprimentam com a saudação islâmica: *Assalamu Aleikum*¹⁰⁴ ao que ele responde: *Aleikum Salam*¹⁰⁵, como é costume.

Me diz que quer expandir o negócio e que “Se Deus quiser” vai abrir mais uma loja. Sua família permaneceu na Síria quando ele veio ao Brasil, mas ele não deixou de manifestar sua vontade em reunir a família e trazê-los também:

“Meu pai acho que não vem; difícil..., mas gostaria de trazer meus irmãos, meus primos...” De fato os trouxe.

Em 2019, surgiu a oportunidade de ampliar sua portinha. Em uma das vezes em que fui almoçar, Aboud me contou que a barbearia ao lado desocuparia o lugar e seria a chance de fazer uma proposta para ampliar o restaurante. Na calçada, me contou como imaginava que ficaria:

“Dá para fazer reforma...Aqui pode colocar mesa...a máquina vem para cá...”

Aboud também já tinha entendido bem a dinâmica do lugar. Porque ali, no centro, no miolo do Largo do Paissandu, precisa pensar rápido. E enquanto

¹⁰⁴ “A paz esteja com você”. Tradução livre.

¹⁰⁵ “Com você esteja a paz”. Tradução livre.

conversávamos ele observou que eu segurava meu celular na mão e me chamou a atenção:

“Olha, prima...cuidado com o celular e com a bolsa. Aqui eles puxam de bicicleta!”

O negócio deu certo. No mesmo ano Aboud já estava com a loja reformada e ampliada. Aumentou a demanda de trabalho, mas também a oferta de empregos: contratou mais funcionários e dos seis que tinha quando iniciei a minha pesquisa, agora já somam catorze.

Perguntei de seu irmão e de seu primo, que já havia visto várias vezes ali.

“Ah! O meu primo foi ao banco e o meu irmão não está vindo mais...agora não trabalha mais comigo. Parou porque agora está estudando português”.

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2019 - Abdoulrahman Alsaied).

Figura 53. Fachada da nova portinha do Aboud após a ampliação.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora.

Já Khaled Flihan, com a instabilidade econômica que fechou muitas portinhas, inclusive a sua, embora não tenha deixado o país, precisou se reinventar dentro das suas possibilidades e das oportunidades que pode aproveitar.

O comércio sente - mais do que outros setores, talvez - os efeitos da instabilidade econômica. O movimento começou a enfraquecer e Khaled - como tantos outros que também sentiram esse impacto - decidiu fechar a loja. Chegou a trabalhar na região da Avenida Paulista e da Santa Ifigênia - onde, inclusive, uma parcela de sírios que não se dedicou ao trabalho nas cozinhas, estaria migrando para essa região e também para a região da Rua 25 de Março para trabalhar em galerias com peças e acessórios eletrônicos. Não permaneceu ali muito tempo, porém.

Em meados de março de 2019, Khaled voltou para a região da Vila Maria e com um primo também de As-Suwayda, começaram a trabalhar juntos para abrir um bar – o Gringo’s Bar – na mesma região. O bar, que ainda está passando por reformas, ocupa uma área onde há muitos bares e uma vida noturna bastante ativa na região, é o único que possui dois andares e um terraço no terceiro, de onde se tem uma ampla visão de 360° sendo possível avistar bairros como o Belém, Tatuapé e até mesmo as antenas da Avenida Paulista, bem ao fundo. No mezanino, um espaço com um palanque para músicas ao vivo. No andar de baixo, um espaço amplo, com duas mesas de sinuca e onde também são colocadas grandes mesas de carretel. Ali não se serve comida, senão alguns petiscos: O longo balcão oferece uma diversidade enorme de bebidas alcóolicas, além da área da tabacaria, que disponibiliza algumas quantidades de narguilé que são levados à mesa dos clientes quando solicitam. O bar funciona normalmente e os clientes não parecem se importar com os transtornos da reforma. Pelo contrário, notei que se sentem muito à vontade ali.

Khaled, que já era conhecido na região desde a época em que tinha sua portinha na rua de trás, é cumprimentado com muita intimidade pelos brasileiros frequentadores do lugar: “*E aê, gringo! Beleza, mano?*” “*Fala, brô!*” E a comunicação se faz assim, na linguagem da “quebrada”, que também é a linguagem adotada pelo meu interlocutor. Ali, ele é o “mano”; o “parça”; o “gringo”, o “brô”. Conhece as gírias locais, os códigos

corporais e por eles se identifica e é também identificado como parte do grupo. Observo o cenário e os protagonistas do lugar enquanto ele se senta comigo à mesa e ajeita o carvão no seu narguilé.

“Aqui a gente toca bastante coisa: pagode, eletrônico...mas o que a galera gosta é funk! Vem os Mc’s aqui. Quando tem pancadão fecha a rua. Essa, aquela ali...fica cheio de gente, porque o bar lota, todos os andares. Vai até de madrugada. Aqui é o único bar do lugar com três andares e mesmo assim falta espaço.”

Enquanto conversava com Khaled, além dos brasileiros, notei também a presença de algumas pessoas com traços hispanos e que também pareciam estar bem à vontade no lugar. Perguntei se além dos brasileiros, muitos hispanos frequentavam ali.

“Aqui vem muita gente da Bolívia...uma vez eles fizeram balada aqui com a gente; com música reggaeton. Veio muita gente mesmo. Encheu o bar...você olhava e só via boliviano. Aqui vem bastante boliviano também, porque essa região aqui da Vila Maria tem muito, nossa...”

Khaled me conta também que pretende sair do Brasil nos próximos meses. A família que havia permanecido em As-Suwayda no início da minha pesquisa, foi embora para a Arábia Saudita, com exceção de duas irmãs – que permaneceram na Síria. Khaled me conta que está arrumando seus documentos para ir para a Austrália e que já está quase certo. Tem planos lá e também um amigo que está resolvendo as burocracias para que ele possa embarcar:

“Lá vou trabalhar com a empresa de música que também antes eu trabalhava no Iraque e que fazia gravação de vídeo, montagem de fotografia...lá eles pagam bem, dá para pagar casa e tudo e ainda guardar dinheiro, porque eles pagam em dólar e lá é tudo mais barato também. Vou ficar uns sete, oito meses...depois eu volto. Quando eu voltar para o Brasil quero terminar de estudar, porque antes, eu parei na Síria. Daí quero fazer gastronomia na faculdade, porque para mim vai ser bom para trabalhar com comida...pode ter crise, tudo...mas ninguém fica sem comer.”

(Notas do caderno de campo da pesquisadora, 2020 – Khaled Flihan).

Figura 54. Balcão do bar.

Extraído de: Fotografia da pesquisadora.

Sobre o balcão, um braseiro onde se prepara o carvão a ser usado no *narguilé*. Ao fundo, diferentes tipos de bebidas alcoólicas que são consumidos pela comunidade diversificada que frequenta o lugar.

O tipo de sociabilidade observada no centro é diferente do tipo de sociabilidade observada no bairro. As categorias explanadas por MAGNANI (2002) – tais como pedaço e mancha – evidenciam o tipo de relação identificada nesses espaços. No centro, é o “*brimo*”; o abraço; o *Assalamu Aleikum*; o “*Já fez o seu pedido, meu querido?*”. No bairro, é o toque de mãos; é o “*E aê!*”; o “*Vai de breja hoje?*”; o “*gringo*”; o “*parça*”; o “*mano*”; o “*brô*”.

(...) Ainda que pedaço e mancha tenham em comum uma referência espacial bem delimitada, a relação do pedaço com o espaço é a mais transitória, pois pode mudar-se de um ponto a outro sem se dissolver, já que seu outro componente constitutivo é o simbólico, em razão da forte presença de um código comum. Já a mancha – delineada pelos equipamentos que se complementam ou competem entre si no oferecimento de determinado bem ou serviço – apresenta uma relação mais estável com o espaço e é mais visível na paisagem: é reconhecida e frequentada por um círculo amplo de usuários. (MAGNANI, 2002, p. 22).

Constatei, também durante a pesquisa, diversos tipos de arranjos. Esses arranjos operam como grandes facilitadores da vida dos refugiados na cidade e nas dinâmicas do cotidiano quanto aos modos de sociabilidade e de integração na cidade, dos laços mantidos com o país de origem e dos arranjos que criam frente aos imprevistos do dia a dia.

O pesquisador não apenas se depara com o significado do arranjo do nativo, mas ao perceber esse significado e se conseguir descrevê-lo nos seus próprios termos, é capaz de apreender essa lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores e percepção. (MAGNANI, 2009, p. 134).

Destaco aqui, do vasto universo dos arranjos analisados durante a pesquisa – porque a variedade de arranjos é observada todo o tempo durante o trabalho de campo –, os alimentares. Observei nos espaços visitados e averigui que ao mesmo tempo em que os sírios trazem e fazem renascer no país de destino a comida árabe original, há também uma série de transformações feitas para atender a essa nova realidade e ao gosto de um público local diversificado. Assim, surgiram algumas indagações: Como esses

ingredientes são obtidos? Quando não são acessíveis, como ocorrem as substituições? Quais as transformações que esses alimentos sofrem e por quê?

O que POULAIN (2004) chama de *créolité réunionnaise* busca compreender como diferentes comunidades empregam um espaço culinário comum conservando traços específicos de sua origem cultural, analisando o que é conservado e o que é abandonado nos produtos, nas técnicas, nas maneiras à mesa como novas perspectivas da construção das identidades. Esse espaço que é comum, mas que também é de oposição interpreta a lógica da integração, das diferenças e das semelhanças. Trata-se de uma referência que compreende a complexidade dos processos de miscigenação cultural que resultam na criação de novos modelos alimentares e, portanto, originais. Para o autor, o conceito de *créolisation* integra uma dimensão dinâmica na compreensão dos processos de miscigenação, estruturando as formas dele derivadas. O que disso resulta, não são resquícios dessa transformação, mas um novo organizado que tem o potencial de substituir a concepção de aculturação.

No início da pesquisa, notei nas portinhas que o *shawarma* era feito de carne ou frango e havia também no cardápio outras comidas rápidas, como porções de batata frita e *falafel*. No decorrer do trabalho de campo, passei a observar que muitos refugiados começaram a perceber uma grande demanda de um público específico por produtos “sem carne” e o que antes era apenas uma porção de *falafel* servida em um prato, se transformou em “*shawarma de falafel*” e passou a ser divulgado como um lanche especial, uma opção “vegetariana” para os “vegetarianos” e em muitos estabelecimentos essa opção está destacada nas fachadas. Além disso, a pasta de alho que antes acompanhava o *shawarma* de frango caiu no gosto até do paulistano que não apreciava alho e agora é colocada em um copinho descartável de café para acompanhar qualquer *shawarma* consumido no espaço. E passou a ser vendido, inclusive, separadamente, como guarnição em embalagens para viagem.

Notei que outros pratos oferecidos em eventos também sofreram modificações: o *yabrak*¹⁰⁶ também ganhou sua versão “vegetariana” e agora existe a opção do charuto “sem carne”; muitos refugiados se viram preparando, inclusive, “*kibe* de queijo” e “*kibe* de espinafre” – coisa que relatam nunca ter imaginado existir, mas que “*como*

¹⁰⁶ Charuto de folha de uva. O charuto de folha de uva é recheado de arroz e carne moída, temperados com especiarias.

brasileiro gosta, então eu vou fazer”. E tudo o que antes era simplesmente uma comida árabe sem carne na Síria, aqui ela foi repaginada: se não levar carne na receita, já ganha uma etiqueta especial no cardápio, a de “vegetariano”.

Figura 55. Uma especialidade inovadora na cozinha síria: “*kibe* de espinafre” feito por Salsabil Matooq.

Extraído de: Foto cedida por Salsabil.

Os doces também sofrem suas transformações: embora os insumos sejam adquiridos no maior polo atacadista da cidade - a zona cerealista - como muitos ingredientes são originários do Oriente Médio, quando importados são cotados em dólar. Com a alta de preços, a compra desses insumos se torna inviável, razão pela qual o “truque” possibilita e combina a criação de novos produtos com o uso das técnicas

tradicionais: o *snoubar*¹⁰⁷ é amplamente substituído pelas amêndoas descascadas – consideravelmente mais baratas; o *kunafa* ganhou uma variante com castanhas do Brasil, como as de caju – mais acessíveis que o pistache iraniano – e o *halawe*¹⁰⁸, que é feito de maneira improvisada sem o seu ingrediente principal – o *Shrsh halawe*¹⁰⁹ – ganhou uma versão brasileira, que pode ser feita mantendo características semelhantes sem a necessidade de ser importado para ser revendido ou comprado a altos preços dos fabricantes libaneses daqui. Assim,

A história ensina que, em caso de penúria ou carestia, quando o habitual repertório de produtos repentinamente se reduz, são colocadas em ação sofisticadas estratégias de sobrevivência, diversas entre si, mas unidas por uma regra geral: mesmo no afastamento forçado das práticas costumeiras, deve-se permanecer o mais próximo possível da própria cultura, da ‘linguagem’ que se conhece. A atitude prevalente é a da substituição: identificar algo que se possa utilizar no lugar de outra coisa. Nas crônicas, são atestadas invenções de todo tipo para adaptar os recursos disponíveis às técnicas e às práticas conhecidas. O pão, se falta o trigo, pode ser feito com cereais inferiores – mas nas camadas mais baixas da população essa é uma prática habitual também em tempos normais (MONTANARI, 2008, pp. 171-172).

Mais do que fazer comida no Brasil, é trazer no prato memórias da Síria, das receitas de família, adaptando e substituindo alguns ingredientes por outros na impossibilidade de obtê-los aqui com a mesma facilidade como se obtém lá, mas sem perder as características de origem, além da facilidade de se poder pedir as receitas das mães e tias para amenizar a saudade da comida de casa, com a rapidez de um *click*.

Graças ao avanço tecnológico de novas formas de inclusão digital que chega a partir da primeira década do século XXI – os eletrônicos também se tornam verdadeiros aliados dos arranjos cotidianos: basta que se tenha em mãos um telefone celular conectado à internet. Averigui durante a pesquisa que é através das redes sociais e dos grupos de *WhatsApp* que esses refugiados se organizam e orientam uns aos outros. É dessa forma que uma pessoa que está em uma ponta da cidade sabe sobre uma

¹⁰⁷ Pinholi (ou ainda pinhole, ou pinole).

¹⁰⁸ São muitos os tipos de halawe, porque na língua árabe essa palavra se refere a qualquer tipo de doce. Porém, aqui no Brasil “halawe” é conhecido como doce de gergelim e é a ele que me refiro aqui por ser o mais comumente visto e consumido em detrimento de outros que também levam esse nome.

¹⁰⁹ “Raiz de Halawe” – Tradução livre da pesquisadora. O doce de gergelim “Halawe” ganhou esse nome porque é feito a partir dessa raiz. Em outros países, esse ingrediente é conhecido por outros nomes, dentre eles, raiz de saponária.

oportunidade de trabalho na outra e já tem no mesmo instante o nome de quem deve encontrar e uma referência de quem indicou. Pelos aplicativos institucionais, consulta sua situação migratória, faz requerimentos, fornece e recebe documentos.

É através do *Google Maps* e do *GPS* que ela procura o endereço no mapa e consegue se localizar na cidade: caminha, pega ônibus, metrô, trem, *Uber*, mesmo sem falar uma só palavra em português. E se não consegue se comunicar, abre o *Google* tradutor ou outro aplicativo de tradução, converte o assunto de árabe para português e mostra o visor de seu aparelho celular a qualquer pessoa que possa ajudar com uma informação. É assim que substituíram as correspondências por chamadas vídeo realizadas com amigos e familiares deixados na Síria ou espalhados por diversos países do mundo. É pelos aplicativos de cotação de câmbio, bolsas e valores que esses refugiados convertem o Real em Dólar e especulam a possibilidade de juntar dinheiro para enviar algum valor que possa ajudar seus familiares na Síria.

Quando os familiares estão em países da Europa ou dos Estados Unidos, dependendo da situação, o movimento se dá ao contrário e são eles que enviam valores para auxiliar os seus aqui no Brasil. Havendo escassez de recursos para ambos os lados, cada qual procura se manter dentro de suas próprias possibilidades. A tecnologia diminui as distâncias e ultrapassa fronteiras. Os diálogos iniciados no decorrer da pesquisa, ao final dela, começaram a tomar novos contornos. Os conflitos religiosos, sociais e a instabilidade econômica na Síria posterga cada vez mais a retomada da vida de outrora e a possibilidade do retorno tão esperado para “quando terminar a guerra” se torna cada vez mais distante. “Para visitar”, surge agora como um “talvez”. Dez anos de guerra e de desarrimo na Síria faz com que esses refugiados comecem a pensar em uma vida definitiva no Brasil.

5. Considerações Finais

Este estudo foi realizado com o objetivo de compreender como as estratégias alimentares se tornam uma forma de conexão se sírios refugiados com o país de destino. Averigüei como ocorre a integração de sírios refugiados que se estabelecem na cidade de São Paulo, identificando as portinhas como espaço social e a partir de onde pude observar através das práticas culinárias como ocorrem as dinâmicas do cotidiano desses sírios. Os resultados foram obtidos através da imersão em campo e da etnografia como método de observação das formas de sociabilidade desses refugiados no contexto da cidade.

O emprego do termo “refugiado”, utilizado na pesquisa para designar essa população síria deslocada à força de seu país de origem, foi empregado unicamente por se tratar de um termo formal atribuído por lei para assistir e assegurar direitos a pessoas que se enquadram nessa categoria. Reforço que as pessoas não “são” refugiadas, mas “estão” refugiadas, não porque quiseram, mas porque foram forçadas a estar nessa condição. Em razão disso, foram levadas a enfrentar um modo de existência completamente novo, inesperado e antes desconhecido e de configurar e reconfigurar seus modos de vida frente à imposição dessa nova realidade.

Durante a pesquisa, estive presente dentro das cozinhas, participando do cotidiano e vivenciando a rotina de trabalho desse grupo de referência. A partir desse ponto, pude identificar diferenças e semelhanças desta nova leva imigratória em relação às anteriores e os modos de como se integram e se apropriam da cidade. A importância de assimilar os processos e os modos de vida das imigrações sírio-libanesas anteriores tem um papel fundamental na compreensão do fio condutor que une o passado ao presente e de todas as relações que se cruzam a partir desses laços históricos e sociais.

Os deslocamentos do Oriente Próximo que antes eram voluntários, hoje não são nem voluntários nem dirigidos: são forçados e não obtém, tal como antes, qualquer amparo governamental. Tudo o que precisam é que ao menos não lhes fechem as fronteiras. Conseguem se deslocar os sírios que possuem recursos para tanto ou que conseguem empréstimos que possibilitem esse deslocamento. Muitos são os que não podem arcar com os gastos aéreos e em razão disso permanecem em solo sírio ou se

deslocam para países vizinhos ou para suas fronteiras quando despojados violentamente de suas casas. O Brasil não foi a primeira opção desses refugiados, mas uma alternativa possível quando se esgotaram todas as outras.

A escassez de recursos e a procura por uma atividade que possibilitasse amearhar algum capital no menor tempo possível ainda que sem pronunciar uma só palavra em português impressa na figura do mascate de antes, agora cede lugar ao chef de cozinha desempenhado pelos sírios das portinhas que se espalham pela cidade: o idioma do país de destino é o primeiro de tantos outros obstáculos que o sírio encontra quando chega ao Brasil.

São eles, os remanescentes e descendentes dos antigos mascates que se estabeleceram e que formam também a paisagem humana do Brás. O bairro, que se parece com uma torre de Babel é miscigenado; lugar onde não cabe o preconceito; lugar onde todos são acolhidos. O Brás tem uma lógica onde tudo acontece ao mesmo tempo e ainda assim consegue agregar mais gente. Trago na pesquisa sua importância ontem e hoje, desbravando a partir de relatos, o porquê de o Brás ser um “lugar-chave” para esses refugiados; o primeiro ponto de contato daquele que chega à cidade assim que sai do Aeroporto Internacional de Guarulhos.

Constatei que, apesar de a procura inicial ser voltada para a mesquita, o deslocamento para a Mesquita do Pari não está relacionado com a questão religiosa em um primeiro momento - isto porque também há uma mesquita mais próxima em Guarulhos e não é para ela que se dirigem – mas sim devido aos arranjos sociais facilitadores realizados nessa região específica onde já existe uma comunidade árabe constituída que se comunica no idioma pátrio e que possibilita àquele que chega compreender e ser compreendido.

Observei como ocorrem os rituais e práticas religiosas dentro e fora das mesquitas; todo o significado e importância que os preceitos do Islam têm para o sírio muçulmano que chega com características religiosas mais profundas, a manutenção de seus costumes, as datas, as vestes, os horários, as oblações, as recitações, os instrumentos utilizados e a forma de como fazem parte de suas vidas e de suas rotinas diárias.

Notei que as relações de trabalho entre proprietários sírios e libaneses com o recém-chegado sírio na condição de refugiado que se torna um “funcionário” ocorrem de modo informal e com características que remetem ao país de origem, de modo que, muitas vezes, por desconhecimento do refugiado recém-chegado, relações abusivas são praticadas às largas. Porém, nesses mesmos estabelecimentos notei que o trato é diferenciado quando se trata de funcionários brasileiros, que tem sua relação de trabalho formalizada e seus direitos alinhados com a lei.

Os sírios ambicionam a possibilidade de ter o negócio próprio para trabalhar para si mesmos porque todo o tempo buscam se incluir e se integrar, porém, há uma grande dificuldade em se desvencilhar dessa condição de funcionário para abrir suas próprias portinhas devido às questões burocráticas e às exigências fora da possibilidade e da realidade de muitos desses refugiados. Entre estar na condição de funcionário e frente à impossibilidade de abrir sua portinha, muitos deles optam por trabalhar em casa, preparando pratos por encomenda ou para comercializar em eventos, porque ali garantem minimamente seu trabalho sem asfixia.

Averigui que importantes questões de gênero surgiram no decorrer da pesquisa bem como a inversão de papéis sociais. Observei a presença maciça de homens na cozinha e salvo em eventos ou em estabelecimentos dirigidos pela família, não ocorre o movimento contrário. São os homens os responsáveis pelo sustento da família. As mulheres quando donas-de-casa se dedicam aos cuidados dos filhos e das atividades domésticas ou, quando trabalham em eventos, precisam se organizar para atender às necessidades dos filhos e também das comidas que preparam no âmbito do lar para atender às encomendas ou demandas em feiras, festas e eventos, assumindo na maioria das vezes uma sobrecarga de trabalho da qual precisam lidar sozinhas.

Constatei que são muitos os arranjos experimentados por esses refugiados frente aos imprevistos do dia-a-dia. Eles se adaptam, mas também trazem vestígios. Não são apenas mercadores. A tecnologia atravessa fronteiras e se encarrega de diminuir as distâncias entre entes queridos deixados na Síria ou espalhados ao redor do mundo. A cada ano o sonho do retorno é afastado e o que resta são lembranças. Já se passaram uma década desde o início da guerra que parece estar longe de seu desfecho. Apesar das dificuldades enfrentadas; da ausência de políticas públicas eficientes que atendam às demandas desses refugiados; dos momentos de crise econômica vividas; ainda assim,

investem na sua integração local; mantêm os “vínculos de refúgio” com familiares e amigos deixados na terra natal ou de lá evadidos, mas também estabelecem novos vínculos com a comunidade local, acenando à estabilidade no Brasil.

5.1 E onde estão esses refugiados sírios agora?

Fomos surpreendidos durante a pesquisa com uma pandemia de COVID-19 identificada em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Surgiu inicialmente como uma “pneumonia de causa desconhecida”, mas em pouco tempo tomou proporções abissais e sacudiu o mundo, vitimando milhares de pessoas.

Com as constantes medidas restritivas do governo paulista na tentativa de frear a propagação do vírus, muitos refugiados se depararam com uma série de dificuldades, pois tiveram de fechar, temporária ou definitivamente, suas portinhas. Os eventos também deixaram de acontecer. Nesse contexto, esses sírios se encontraram numa situação adversa, tão adversa quanto quando eles deixaram seu país. Mas a população síria, é uma população do trabalho; de gente que trabalha e que gosta de trabalhar.

Mesmo o confinamento durante a pandemia não impediu que eu observasse até o último instante da escrita deste trabalho a ligeireza com que se adaptam aos nossos hábitos alimentares e a versatilidade em torno do tradicional *versus* adaptativo fez com que esses sírios se mobilizassem em busca de novas alternativas que possibilitassem a reinvenção com o alimento. E foi na onda das “marmitas fit” que eles descobriram que também havia público para “marmitas e combos árabes” e começaram a investir nessa ideia.

Uma das pessoas que se socorreu das “marmitas árabes” foi Ghazal Baranbo. Com o cancelamento dos eventos, Ghazal ainda abriu as portas de sua casa para pessoas que desejassem comer mediante horário agendado. Mas ainda assim relata que apesar da divulgação, o movimento ainda foi fraco e por isso resolveu comercializar as marmitas.

Figura 56. Talal e Ghazal abrem as portas de sua casa para receber brasileiros.

Extraído de: Foto cedida por Ghazal.

Com trajes típicos da Síria, Talal e Ghazal mostram o cômodo da casa que se tornou um ambiente requintado especial que desperta nos visitantes a sensação de estar dentro de uma verdadeira tenda árabe.

Figura 57. Marmitas árabes variadas que Ghazal prepara em sua casa.

Extraído de: Foto cedida por Ghazal.

Na imagem acima observa-se composições variadas com *rez bicharie*, *yabrak*, *kafta* e *kibe* assado. Além disso, como retribuição aos brasileiros que os receberam e os ajudaram quando chegaram ao Brasil, ela e seu esposo Talal também distribuem marmitas gratuitamente para pessoas idosas que não tem condições de pagar pelo alimento e também para aquelas mais vulneráveis que se encontram em situação de rua.

Figura 58. Marmitas árabes feitas em casa por Salsabil.

Extraído de: Foto cedida por Salsabil.

Na imagem acima, há composições coloridas onde observa-se porções de *mjadra*, *mafouf*, *makloub*. É a partir do alimento que esses sírios refugiados se integram e formam seus vínculos com as pessoas, com serviços públicos, com as redes de assistência, com os centros de saúde, com as escolas e universidades. A comida tem suas extensões e permite àquele que chega e que tem a gana de trabalhar, fazer o que sabe fazer - porque o alimento não é apenas aquilo que está voltado para a manutenção das necessidades nutricionais do corpo: mas se apresenta como um importante elo que tem o poder de agregar culturas.

5.2 Limitações da pesquisa

Algumas dificuldades enfrentadas para a obtenção de dados demográficos necessários à pesquisa foram verdadeiros desafios da pesquisa, tanto no âmbito dos órgãos públicos, como a Polícia Federal e JUCESP quanto no âmbito de Organizações Não Governamentais, tais como a Caritas Arquidiocesana de São Paulo. Embora solicitados com antecedência, especificados e cumpridos todos os requisitos pertinentes e apesar da insistência mesmo no curso da pesquisa e dos deslocamentos presenciais, houve muito desinteresse e descaso dessas instituições em fornecê-los. Esses dados demográficos permitiriam analisar e trabalhar categorias que possibilitariam uma discussão profunda de características importantes desses sírios refugiados recém-chegados em comparação com os dados obtidos de imigrações sírio-libanesas anteriores, o que ampliaria a discussão sobre diferenças e semelhanças entre os grupos nos períodos migratórios trabalhados.

5.3 Para que a vida continue por aqui...

Os sírios refugiados que se encontram em São Paulo são vítimas e testemunhas dos horrores da guerra, mas também são pessoas que podem e desejam contribuir no país que os acolheu. Os sírios não desejam estar às expensas do governo, mas as burocracias e os obstáculos a serem transpostos dificultam que consigam avançar para além da condição em que chegaram. Os achados desta pesquisa visam recomendar, contribuir e promover a reflexão em torno desse cenário. Temos incontáveis exemplos de sírios e libaneses de imigrações anteriores que contribuíram grandemente à sociedade brasileira através de seu trabalho e de suas inovações.

A ausência de políticas públicas voltadas às demandas desse grupo de referência inviabiliza que essa contribuição seja possível no cenário atual. Entre elas podemos citar a dificuldade na revalidação de diplomas universitários; a não absorção no mercado de trabalho formal; a insensibilidade no trato com mulheres que precisam trabalhar mas que também dependem da organização das escolas públicas para que possam deixar

seus filhos; a ausência de flexibilizações e de políticas públicas que possibilitem a esses refugiados empreender, abrir e expandir seus negócios sem ter de enfrentar tantas burocracias dos setores públicos e privados. Além disso, é preciso que haja ações direcionadas e efetivas que possam minimizar os impactos causados na saúde mental desses refugiados. Que o Estado e as instituições revejam e reconheçam a importância, a contribuição e os avanços que o trabalho dos pesquisadores, da universidade pública e da ciência trazem para o país.

Ao término da escrita deste trabalho, foi inaugurado¹¹⁰ um mural em Hamra, Beirute, promovido pelo Centro Cultural Brasil-Líbano (Brasiliban) e pela Embaixada do Brasil em Beirute. O projeto foi realizado em parceria com artistas brasileiros e libaneses¹¹¹, cujo tema da arte está relacionado à Amizade entre os dois países.

Na imagem, o homem árabe entrega a uma mulher brasileira uma muda de oliveira e ela lhe retribui com uma muda de caju. A oliveira ostenta uma forte simbologia no Líbano e o azeite é sempre indispensável ao alimento árabe. O Ceará, por sua vez é um grande produtor de castanha-de-caju e o Líbano é um de seus maiores importadores, reexportando-a, inclusive, para outros países árabes, onde é utilizada de petiscos à confecção de doces típicos da culinária árabe.

¹¹⁰ Em 30 de julho de 2021.

¹¹¹ Pelos cearenses Tereza Dequinta e Robézio Marqs (Acidum) e pelo Libanês RenoZ.

Figura 59. Mural Brasil-Líbano

Extraído de: ANBA/Agência de Notícias Brasil-Árabe¹¹²

¹¹² Disponível em: <<https://anba.com.br/artistas-do-brasil-e-libano-criam-mega-mural-em-beirute/>>. Acesso em: 07/08/2021.

6. Referências bibliográficas

- CAMPOS, M. A. **Turco pobre, sírio remediado, libanês rico: A trajetória do imigrante libanês no Espírito Santo.** Espírito Santo: Col. Temas Capixabas, Vol. II. Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- DIAFÉRIA, L. **Brás, sotaques e desmemórias.** São Paulo: Boitempo, 2002, 1ª Ed.
- DOUN, T. **A emigração sírio-libanesa às terras de promessa.** São Paulo: Tipografia e Editora Árabe – Georges Emílio Bonduki & Cia., 1944.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.
- HAJJAR, C. F. **Imigração árabe: 100 anos de reflexão.** São Paulo: Ícone Editora, 1985.
- KHATLAB, Roberto. **As viagens de D. Pedro II – Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876.** São Paulo: Benvirá, 2015.
- KNOWLTON, C. S. **Sírios e libaneses – mobilidade social e espacial.** Trad. Yolanda Leite. São Paulo: Editora Anhambi, 1960.
- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-132, 2009.
- _____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista de Ciência Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, junho de 2002.
- _____. Antropologia Urbana: desafios e perspectivas. **Revista de Antropologia**, São Paulo v. 59, n. 3, p. 174-203, 2016.
- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: Fazendo a antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. de L. (Org.) **Na metrópole – Textos de Antropologia Urbana**, São Paulo: EDUSP, 1996.
- MALINOWSKI, B. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: Zaluar A., (Org.) **Desvendando máscaras sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- MONTANARI, M. **Comida como cultura.** Trad. Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Senac, 2008.

_____. (Org.) **O mundo na cozinha: história, identidade e trocas**. Trad. Valéria Pereira da Silva. São Paulo: Senac, 2009.

POULAIN, J. **Sociologias da Alimentação** – os comedores e o espaço social alimentar. Trad. Rossana Pacheco da Costa Proença, Carmen Silvia Rial e Jaimir Conte. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SAFADY, J. **O café e o mascate**. Obras completas de Jamil Safady, Vol. II. São Paulo: Editora Comercial Safady Limitada. 1973.

SAFADY, J. S. **A imigração árabe no Brasil (1880-1971)**. 1972. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

TORRES, M. C. T. M. **O Bairro do Brás**. Série História dos Bairros de São Paulo. São Paulo: Prefeitura Municipal – Secretaria de Educação e Cultura – Departamento de Cultura. 2ª Edição, 1985.

TRUZZI, O. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. Série Imigração. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.

TRUZZI, O. **Sírios e Libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

VACCHIANO, F. Os confins no corpo: experiência, subjetividade e incorporação nos itinerários dos jovens migrantes marroquinos na Europa. In: BAHIA, J. & SANTOS, M. (Org.), **Corpos em trânsito: socialização, imigração e disposições corporais**. Porto Alegre: Letra & Vida, p. 144. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20078/1/ICS_FVacchiano_Confins_CLI.pdf. Acesso em: 26/10/2015.

ZAHREDDINE, D. A Crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. **Revista Conjuntura Austral**. Porto Alegre, v. 4, n. 20, 2013.

JORNAIS E REVISTAS

ACNUR. “Sete fatos sobre a crise na Síria”. ACNUR Brasil, São Paulo, 12 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/09/12/sete-fatos-sobre-a-crise-na-siria/>. Acesso em: 01/04/2020.

ACNUR. “Perda de esperança e pobreza extrema levam os sírios a pedir refúgio na Europa.” ACNUR Brasil, São Paulo, 29 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2015/09/29/perda-de-esperanca-e-pobreza-extrema-levam-os-sirios-a-pedir-refugio-na-europa/>>. Acesso em: 01/04/2020.

ACNUR. “Refugiada síria empreende em São Paulo e acumula seguidores pelas redes sociais”. ACNUR Brasil, São Paulo, 15 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.acnur.org/noticias/noticia/2018/3/5b0be7f514/refugiada-siria-emprende-en-sao-paulo-y-acumula-seguidores-en-las-redes-sociales.html>> Acesso em: 22/05/2018.

ACNUR. “Em São Paulo, startup de refugiada síria cria oportunidades de negócios para outros refugiados.” ACNUR Brasil, São Paulo, 30 de maio de 2018. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2018/05/30/em-sao-paulo-start-up-de-refugiada-siria-cria-oportunidades-de-negocios-para-outros-refugiados/>>. Acesso em: 01/06/2018.

ACNUR. “Dados sobre refúgio no Brasil”. ACNUR Brasil, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 01/04/2020.

ACNUR. “Duas crianças se afogam por dia, em média, na tentativa de chegar à Europa”. ACNUR Brasil, 22 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2016/02/22/duas-criancas-se-afogam-por-dia-em-media-na-tentativa-de-chegar-a-europa/>>. Acesso em: 01/04/2020.

AGÊNCIA SENADO. “Comunidade Libanesa no Brasil é maior que população do Líbano”. Senado Notícias, 22 de abril de 2010. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2010/04/22/comunidade-libanesa-no-brasil-e-maior-que-populacao-do-libano>>. Acesso em: 01/04/2020.

AL JAZEERA. “Deaths in Syria mass protests.” Al Jazeera, News Agencies, 30 de julho de 2011. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/07/201173003822243302.html>>. Acesso em: 17/03/2020.

AL JAZEERA. “UNHCR: Syrian refugees cross four million mark.” Al Jazeera, 9 de julho de 2015. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2015/07/unhcr-syrian-refugees-4-million-150709033023489.html>>. Acesso em: 17/03/2020.

AL JAZEERA. ‘More than 70 children dead’ since Alan Kurdi. Al Jazeera, News Agencies, 30 de outubro de 2015. Disponível em:

- <<https://www.aljazeera.com/news/2015/10/aylan-kurdi-children-refugees-turkey-greece-lesbos-drowned-crisis-syria-151029235626398.html>>. Acesso em: 17/03/2020.
- BOWEN, J. “1967 war: Six days that changed the Middle East”. BBC NEWS, 5 de junho de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-39960461>>. Acesso em: 24/02/2020.
- BARRUCHO, L. G & COSTA, C. “Brasil acolhe mais sírios que países na rota europeia de refugiados.” BBC NEWS Brasil. Londres, São Paulo, 4 de setembro de 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_brasil_refugiados_sirios_comparacao_internacional_lgb#:~:text=Brasil%20acolhe%20mais%20s%C3%ADrios%20que%20pa%C3%ADses%20na%20rota%20europeia%20de%20refugiados,-Lu%C3%ADs%20Guilherme%20Barrucho&text=Desde%20o%20in%C3%ADcio%20da%20crise,destino%20de%20refugiados%20na%20Europa.&text=Trata%2Dse%20da%20nacionalidade%20com,da%20angolana%20e%20da%20congolesa.>. Acesso em: 01/04/2020.
- DELFIM, R. B. “Campanha de refugiado sírio atinge meta para abrir restaurante.” Migramundo, São Paulo, 24 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://migramundo.com/campanha-de-refugiado-sirio-atinge-meta-para-abrir-restaurante/>>. Acesso em: 15/02/2021.
- ICARABE. “Refugiados da Síria ensinam pratos típicos em curso de culinária do Adus.” São Paulo, 20 de maio de 2015. Disponível em: <<https://icarabe.org/index.php/eventos/refugiados-da-siria-ensinam-pratos-tipicos-em-curso-de-culinaria-do-adus>>. Acesso em: 09/10/2015.
- ICARABE. “Três sírios e um restaurante.” São Paulo, 9 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://icarabe.org/node/2847>>. Acesso em: 15/02/2017.
- RANKIN, J. *et al.* “Refugees told ‘Europe is closed’ as tensions rise at Greece-Turkey border.” The Guardian, Bruxelas, Atenas, Berlin, Istambul, 6 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/mar/06/refugees-europe-closed-tensions-greece-turkey-border>>. Acesso em: 17/03/2020.
- ROUSSEF, D. “Os Refugiados e a esperança” Folha de São Paulo, São Paulo, 10 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-artigos/folha-de-s-paulo-os-refugiados-e-a-esperanca-artigo-dilma-rousseff>>. Acesso em: 17/08/2020.
- WATTS, J. “A long way from home: Syrians find unlikely refuge in Brazil.” The Guardian, São Paulo, 11 de março de 2015. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2015/mar/11/syrians-refuge-brazil-latin-america-war-refugees>>. Acesso em: 17/03/2020.

LEGISLAÇÃO

Convenção Relativa ao estatuto dos Refugiados de 1951. Genebra.

Artigo 1º, A, 2). Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 01/04/2020.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01/04/2020.

Decreto nº 50.215, de 28 de janeiro de 1961. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D50215.htm>. Acesso em: 01/04/2020.

Decreto 70.946 de 07 de agosto de 1972. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D70946.htm>. Acesso em: 01/04/2020.

Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados. Genebra. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Protocolo_de_1967_Relativo_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 01/04/2020.